UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

**A REPRESENTAÇÃO PARENTAL
DE CASAIS HOMOSSEXUAIS MASCULINOS**

SÃO PAULO

2012

BRUNELLA CARLA RODRIGUEZ

**A REPRESENTAÇÃO PARENTAL
DE CASAIS HOMOSSEXUAIS MASCULINOS**

(Versão revisada)

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre
em Psicologia

Área de concentração: Psicologia Clínica

Orientadora: Prof^a Titular Isabel Cristina Gomes

SÃO PAULO

2012

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Rodriguez, Brunella Carla.

A representação parental de casais homossexuais masculinos. / Brunella Carla Rodriguez; orientadora Isabel Cristina Gomes. -- São Paulo, 2012.

107 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Família 2. Homossexualidade 3. Psicanálise 4. Estrutura familiar
I. Título.

HQ10

Folha de Aprovação

Brunella Carla Rodriguez

A Representação Parental de casais homossexuais masculinos

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade
de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Psicologia

Área de concentração: Psicologia Clínica

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr.

Instituição:.....Assinatura:.....

Prof. Dr.

Instituição:.....Assinatura:.....

Prof. Dr.

Instituição:.....Assinatura:.....

Agradecimentos

À Isabel Cristina Gomes, pela orientação cuidadosa, pela paciência e sabedoria para instruir-me.

Aos membros da banca de qualificação, Maria Ângela Favero-Nunes e Maria de Fátima Araújo pela sua contribuição.

Aos professores, funcionários e colegas do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, que fizeram parte e enriqueceram minha forma de pensar, ajudando a concluir este trabalho.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de São Paulo, pelo apoio financeiro à esta pesquisa.

À Roberta Vaz pela sua doce amizade. À Sandra Aparecida Serra Zanetti e Maria Galvão Rios, que me fizeram sentir acolhida e amparada durante este percurso, e muito me ensinaram. Em especial à Laura Fernandes Merli, por ser colega, amiga e parceira com tanta destreza. À Maria Lucia Campos Paiva, Rosilene Oliveira, Carmem Silvia Carvalhaes de Oliveira, Cíntia Morinaga Honda e Carlos David de Freitas que me acompanharam no laboratório e nos congressos.

Aos casais participantes, que compartilhando comigo suas histórias tornaram possível a realização deste trabalho.

À minha família, que me permite herdar e conquistar neste mundo de desafios.

Resumo

RODRIGUEZ, B. C. (2012). *A representação parental de casais homossexuais masculinos*. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 107p.

Esta pesquisa teve como objetivo investigar as representações parentais de casais homossexuais masculinos, por meio das imagens parentais e legados geracionais, atualizados pelo processo de transmissão psíquica. Com o crescente aparecimento dos “novos” arranjos familiares e do papel fundamental da família na constituição psíquica do indivíduo, faz-se necessário o estudo das novas funções e das novas formas de se relacionar dentro destes grupos. Não há um modelo de família dominante e a ampliação de seu conceito acarreta a dificuldade de se abstrair um sentido único. Buscando compreender como se dão tais representações e suas possíveis ligações e/ou influências na relação do casal homoafetivo e, possivelmente, na família homoparental, foram entrevistados cinco casais homossexuais masculinos sem filhos, além da aplicação do DF-Es (Desenhos de famílias com histórias) adaptado. Como resultados gerais encontramos casais ainda muito ligados à suas famílias de origem; com questões conflitivas associadas ao processo de construção de suas identidades homossexuais; presos ao modelo de conjugalidade heteronormativa; cujos relacionamentos caracterizaram-se pela brevidade com que se tornaram compromissados e de coabitação, com a finalidade principal de apoio mútuo à assunção da identidade homossexual de cada um. Diante do material encontrado, concluiu-se que o despreparo para deixar o lugar de “filho” é fator influente para não se pensar na parentalidade; e ambos estão relacionados com conflitos de cerne familiar, especialmente a falta de aceitação da homossexualidade. Enfatizamos a necessidade de maior número de pesquisas nessa área, da psicanálise à interface interdisciplinar, para que se possa estabelecer uma ética pontuada no vínculo filiativo, base da construção de um novo modelo relacional, conjugal, familiar e parental.

Palavras-chave: Parentalidade. Representação parental. Homoparentalidade. Família.

Abstract

RODRIGUEZ, B. C. (2012). *The parental representation of homosexual men couples*. Masters dissertation. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 107p.

This research aimed to investigate the parental representation of men couples, through parental imago and generational legacy, updated by the process of psychic transmission. With the increasing of the new family configurations and the fundamental family role in the individual's psychic constitution, it is necessary the study of the new roles and new ways of relating in these groups. There is not a prevailing family model and the amplification of its concept leads to the difficulty of abstraction of a unique meaning. Trying to comprehend how such representations happen and its possible relations and influences on the homosexual couple relation and, possibly on the homoparental family, five homosexual childfree couples were interviewed, besides the application of DF-E (Drawing of Family with stories) adapted. As general results we found out couples still very attached to their original families; stuck to the heterosexual conjugality model; whose relationships are characterized by the brevity they became compromised and cohabitation, with the finality of mutual support to the assumption of the homosexual identity of each of them. Before the found material, it has been concluded that the lack of preparation to leave the place of "son" is an influent factor to not think about the parenthood, and both are related to conflicts of family core, specially the lack of the homosexuality accepting. We emphasize the need for a greater number of researches in this area, from psychoanalysis to the interdisciplinarity interface, so that an ethic marked by the filial bond can be established, construction base of a new relational, conjugal, familiar and parental model.

Key words: Parenthood. Parental representation. Homoparenthood. Family.

Sumário

Introdução e Justificativa	9
A família e suas transformações	10
A transmissão psíquica familiar	12
A criança na família e a parentalidade	13
Homoparentalidade e representação parental	16
Objetivo	25
Método	26
Participantes	28
Procedimento	29
Forma de análise dos resultados.....	30
Caracterização dos casais	31
Aspectos éticos.....	32
Resultados e Discussão	33
Relato da entrevista com o Casal 1 - Enrique e Tiago	33
Análise do encontro com o Casal 1	38
Relato da entrevista com o Casal 2 - Alex e Roberto.....	43
Análise do encontro com o Casal 2	47
Relato da entrevista com o Casal 3 – Breno e Carlos	54
Análise do encontro com o Casal 3	58
Relato da entrevista com o Casal 4 - Danilo e João	65
Análise do encontro com o Casal 4	68
Relato da entrevista com o Casal 5 – Gabriel e Leandro.....	73
Análise do encontro com o Casal 5	78
Análise geral: Os cinco casos	82
Considerações Finais.....	87
Referencias Bibliográficas	93
ANEXO I.....	99
Entrevista Semi-dirigida	99
ANEXO II	100
Termo de Consentimento.....	100

ANEXO III	101
Convite para participação em pesquisa	101
ANEXO IV	102
DF-Es Casal 1	102
ANEXO V	103
DF-Es Casal 2	103
ANEXO VI.....	104
DF-Es Casal 3	104
ANEXO VII.....	105
DF-Es Casal 4	105
ANEXO VIII	106
DF-Es Casal 5	106

Introdução e Justificativa

Com o crescente aparecimento de novos arranjos familiares, incluindo a homoparentalidade, surge a necessidade de se construir conhecimento acerca das novas formas de se relacionar e vivenciar a parentalidade. Pesquisas sobre a homoparentalidade e as representações desta (Rodriguez e Paiva, 2009, Tarnovski, 2002, Uziel, 2002) vêm ganhando visibilidade e apontam um momento de experimentação e construção de novas formas de ser e de relacionar-se, perpassando questões como a vivência de papéis e funções, bem como, das influências por parte da sociedade e redes de apoio geral (família e comunidade).

O aumento da visibilidade da homoparentalidade (por atuação da mídia e também pelo “mostrar-se” como homossexual ou família homoparental), aliado ao interesse pessoal da pesquisadora acerca do assunto serviu de motivador para o início desta empreitada. O interesse pelo tema surgiu durante a Graduação, com uma pesquisa sobre a homoparentalidade realizada no trabalho de conclusão de curso, que despertou desejo de aprofundamento no tema.

Há que se considerar a influência da mídia que, como um agente do processo de produção de conhecimento, evidencia seu papel na construção social da homoparentalidade e assuntos afins, legitimando discursos, formando opiniões e posicionamentos e, instigando reflexões e possibilidades (Citelli, 2002 apud Zambrano, 2007). Segundo o Censo de 2010, há no Brasil mais de 60 mil casais homossexuais, o que denota a existência de um número considerável de famílias homoparentais. Essa foi a primeira edição do recenseamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a contabilizar a população de casais homossexuais que residem juntos (Lauriano e Duarte, 2011).

Com relação à adoção, a atual jurisdição brasileira é omissa quanto à possibilidade de casais homossexuais adotarem crianças ou adolescentes. O Estatuto da criança e do adolescente (Brasil, 1989) não se posiciona em relação à adoção por homossexuais, entretanto, tampouco aparece a referência sexual como parâmetro para adoção. Com isso, o presente estudo ganha uma interface com o âmbito jurídico, considerando os direitos desses casais homossexuais e a conseqüente necessidade da criação de uma nova ética (Passos, 2005) que os inclua no sistema jurídico do país, reconhecendo-os como sujeitos de direito e incluindo uma nova ordem relacional com ênfase no vínculo.

A legislação brasileira atual permite que casais homossexuais firmem união estável e o Supremo Tribunal Federal os reconhece como entidade familiar (Santos, 2011). Essa legislação vêm flexibilizando-se diante de uma realidade dinâmica e complexa que é a família, prova disso é que já foram reconhecidos processos de adoção por homossexuais assumidos no Brasil. Apesar do trâmite não ser realizado em todas as comarcas do país, a idéia começa a se espalhar e profissionais do direito se vêem na obrigatoriedade de discutir e refletir acerca da incipiente situação.

Diante dessa realidade, é de fundamental importância verificar como esses casais investem subjetivamente na possibilidade de tornarem-se pais e como criam no imaginário seus filhos. O esclarecimento acerca das representações parentais dos casais homossexuais visa facilitar a construção da parentalidade, permitindo o seu exercício de forma harmoniosa, além de instrumentalizar profissionais das áreas jurídica, de saúde e educacionais para que possam refletir sobre essa nova realidade e, como destaca Passos (2007), encontrar referências que permitam construir uma concepção de família, sem negar suas diferentes formas de expressão.

A família e suas transformações

A instituição família tem passado por mudanças de grande importância. Podemos distinguir três períodos principais de transformação da família ao longo da história: no primeiro temos a família tradicional, baseada no poder patriarcal e considerada como uma unidade econômica; no segundo período, fruto do advento da industrialização e do fim das grandes propriedades rurais surge a família moderna, na qual prezava-se a intimidade e a satisfação afetiva e sexual dos cônjuges (amor romântico); o terceiro momento é o da família contemporânea, na qual o casal se une em busca de realização sexual, com valores sociais mais amplos e maior flexibilidade dinâmica e estrutural (Roudinesco, 2003). Esse terceiro período, no qual nos encontramos, pode ser visto como uma reviravolta, sendo considerado por alguns estudiosos como um momento de crise da instituição família (Borges e Coutinho, 2005). Entretanto esse momento pode ser visto como uma etapa de construção; a perda do

sentido da tradição e a maior liberdade de valores, obriga à família a construção de novos sentidos atribuídos às relações familiares, papéis e funções (Giddens, 1993).

No curso de transformações do grupo família, em especial a queda do modelo patriarcal, verifica-se o crescente e exacerbado individualismo que têm caracterizado as relações interpessoais contemporâneas. As relações (inclusive as familiares) parecem tornar-se cada vez mais utilitaristas e suas referências cada vez mais nebulosas e vulneráveis dificultando assim a constituição dos laços afetivos na família e seus investimentos internos (Passos, 2007). Na contemporaneidade não há um modelo de família único, a ampliação de seu conceito e suas múltiplas possibilidades acarretam a dificuldade de se abstrair um sentido único, que é o que vem sendo buscado.

O modelo tradicional da família, de configuração heterossexual, monogâmica e nuclear, tende a ser visto como invariável, inequívoco e natural, perdendo assim, sua dimensão histórica e socioconstruída (Moscheta e Santos, 2009). As transformações de valores ocorridas na contemporaneidade legitimam as diversas formas de se constituir família. Essas transformações apontam a coexistência de referências tradicionais e modernas (Vitale, 1997), ou seja, a coexistência de ideários de família hierárquica e igualitária.

Como aponta o antropólogo estruturalista Levi-Strauss (1982) no livro “As estruturas elementares do parentesco”, a família não é uma entidade em si, nem tampouco, uma entidade fixa: ela é o lugar onde se desenvolvem as normas de filiação e de parentesco, onde se constrói sistemas elementares, cuja finalidade é ligar os indivíduos entre si e a sociedade. Apesar da concepção estruturalista do autor, da família consangüínea como fundamento natural, ele evidencia o caráter cultural da família e reconhece a existência de outros laços para além dos consangüíneos, enfatizando o caráter relacional da família. O olhar que o autor lança sobre a família permite pensar a sua desnaturalização, de um ângulo que vai além das fronteiras biológicas do parentesco (Sarti, 2005).

Na contemporaneidade nota-se a diluição dos papéis, o que flexibiliza a associação entre função e gênero e propicia a re-invenção de formas de se relacionar dentro da instituição família (Tarnovski, 2002; Santos, 2004). É notável a importância cada vez maior dada aos laços afetivos e às escolhas e, essa possibilidade de mudança adaptativa é de extrema importância na constituição do indivíduo como ser social e gregário (Rodriguez e Paiva, 2009).

Tomando como base a abordagem da psicanálise vincular atribui-se importância vital à família de origem, como às internalizações dos pais da infância e do modelo parental de relacionamento, enfatizando a capacidade de cada indivíduo relacionar-se e vincular-se. Com a psicanálise vincular pretende-se destacar a presença da intersubjetividade na constituição psíquica do sujeito, considerando a transmissão psíquica passível de ocorrer no espaço intersubjetivo do grupo família (Berenstein e Puget, 1997). O desenvolvimento da capacidade de criar vínculos está diretamente ligado à subjetivação do indivíduo (Gomes e Porchat, 2006). Trataremos como família, portanto, o grupo relacional que configura-se e vincula-se a partir de laços afetivos e da transmissão geracional, garantindo o equilíbrio entre o individual e o plural que todo sujeito precisa para construir sua identidade (Roudinesco, 2003).

O conceito de vínculo utilizado neste trabalho refere-se a uma estrutura complexa que inclui o sujeito, o objeto e sua interação, configurando um processo dialético. Há três outros espaços psíquicos atrelados ao conceito de *vínculo*, denominados de *intrasubjetivo*, *intersubjetivo* e *transsubjetivo*: definindo vínculo como uma relação entre dois egos no mínimo, com características de extraterritorialidade da perspectiva do aparelho psíquico, delimitando o espaço intersubjetivo. Na relação vincular, o desejo circula de forma bidirecional, pois ambos os egos são, simultânea e sucessivamente, lugar do desejo e da realização do desejo do outro (Trachtenberg et al, 2005, p. 171-172, apud Gomes e Zanetti, 2009).

A transmissão psíquica familiar

Considerando-se a família um grupo formador da matriz intersubjetiva do nascimento da vida psíquica, não podemos deixar de apontar a importância da transmissão de conteúdos psíquicos transgeracionais, bem como, intergeracionais (Kaës, 1998). A transmissão psíquica é o processo que ocorre em cadeia permitindo a continuidade dos conteúdos psíquicos entre gerações (Passos, 2007). Os conteúdos transmitidos são principalmente referentes a algo que não se pode conter, "aquilo que não se retém, não se lembra: a falta, a doença, a vergonha, o recalçamento, os objetos perdidos, e ainda enlutados" (p. 9).

Kaës (1998) trata daquilo que é transmitido de um espaço psíquico a outro, sem a possibilidade de elaboração, o que ele denomina de *transmissão psíquica transgeracional*. O autor aborda também a *transmissão psíquica intergeracional*, que difere da anterior por pressupor um trabalho de ligações e transformações entre as gerações, ou seja; quando há a possibilidade de elaboração desses conteúdos. Ainda sobre a transmissão psíquica transgeracional, Correa (2003) lança um olhar sobre o que pode ocorrer no exercício da parentalidade, quando aquilo que não encontra inscrição no psiquismo dos pais é depositado no psiquismo da criança. A autora aponta como a criança desde sua chegada ao mundo é requerida para compartilhar os enunciados dos ancestrais, estando encarregada da continuidade geracional e da identidade familiar, o que pode custar sua integridade psíquica e somática.

A transmissão psíquica familiar pressupõe a existência de vínculos intersubjetivos, envolvendo contratos intersubjetivos, tais como: pactos denegativos e identificações projetivas e, garante ao grupo um espaço de desenvolvimento das subjetividades (Correa, 2003). Esse trabalho permite a vinculação através de um encadeamento de gerações, o que dá a noção de pertencimento e permite além da construção da própria subjetividade, um processo de transformação do material transmitido. É através desse processo que o sujeito se torna autor e proprietário de sua herança, permeando sua história pessoal, familiar e da própria civilização (Gomes e Zanetti, 2009).

A criança na família e a parentalidade

Desde a década de 80 pode-se dizer que estamos vivendo uma “revolução no sistema de parentesco (Arán, 2010), promovida inicialmente pelo movimento feminista, que trouxe questões como a contracepção, o aborto e o divórcio, além da problematização da normatividade do casamento, da parentalidade e da filiação. Com esta revolução são anunciadas mudanças relacionadas às formas relacionais, formas de viver em família e também de reprodução, incluindo o uso das novas tecnologias, o que coloca em pauta as discussões públicas sobre “a crise da família” (Arán, 2010). Os defensores da ordem familiar,

que vem junto com a ordem antropológica e simbólica do parentesco, pontuam que baseado na análise das relações de parentesco, a observação da diferença dos sexos funda a estrutura do pensamento e garante a ordem simbólica, se opondo dessa maneira à parentalidade homossexual (Heritiér, 1975 apud Arán, 2010).

Como podemos observar no trecho acima, a revolução do parentesco traz reflexos diretos para a criança, para o seu desenvolvimento e processos de subjetivação. Desse modo, trataremos da criança no contexto familiar considerando as contingências históricas e políticas. O papel da criança dentro da família passou por grandes transformações, Ariés (1981) aponta que, já no século XV, é a criança que constrói o sentido de família, tornando-se o personagem principal da cena familiar. Essa mudança do lugar que a criança passou a ocupar na dinâmica familiar foi de grande importância para todos os membros desse grupo, inclusive para o desenvolvimento emocional da mesma.

O lugar privilegiado da criança na sociedade ocidental contemporânea é apontado por Freud (1914), em “Introdução ao narcisismo”, na expressão sua majestade o bebê. A preocupação com o lugar da criança na família e na sociedade tem sido objeto de estudos diversos na atualidade, nos quais se discute a existência de um ideário de família igualitária e a perda de autoridade dos pais frente aos filhos. A confusão em que muitos pais se deparam no momento de exercer a parentalidade tem resultado na busca por novas referências para essa família igualitária, sinalizando a necessidade de readaptação e reestruturação de papéis na família (Zanetti e Gomes, 2009).

Para a entidade família o que conta é a organização psíquica dos que cuidam da criança, ou seja, a possibilidade desta última em manter relações saudáveis com seus responsáveis e irmãos, permitindo o desenvolvimento dos que formam esse grupo (Uziel, 2002). A importância da família como formadora de indivíduos e cidadãos (Winnicott, 1993) nos faz repensar o papel e a importância do casal parental.

O termo parentalidade é utilizado por diversos autores desde a década de oitenta e destina-se à nomeação de vínculos de parentesco e processos psicológicos que se desenvolvem a partir destes. O termo foi proposto em 1961 pelo psiquiatra e psicanalista Paul-Claude Racamier através da junção dos termos paternalidade e maternalidade (Solis-Ponton, 2004) e, distingue-se do termo paternidade por não estar relacionado ao modelo tradicional de família, retirando a ênfase do vínculo biológico e da atuação do pai e considerando o processo de construção psíquica. O processo de parentalização ou parentificação, como é chamado por alguns autores, envolve questões geracionais e

trangeracionais e reativa nos pais questões como o contrato narcísico. Solis-Ponton (2004) pontua que para se tornar pai/mãe é preciso ter feito um trabalho interior que começa pela aceitação de que herdamos algo de nossos pais.

A identificação narcísica dos pais com o bebê, ou seja, o imaginário dos pais de um bebê como o sujeito ideal, permite o início da construção da subjetividade do bebê (Solis-Ponton, 2004). Por outro lado, a apreensão do modelo parental (representação parental) influencia a construção do vínculo dos pais com a criança e o exercício da parentalidade desses. A autora esclarece: “O ser humano, quando se torna pai, tem de agir tendo os próprios pais como modelo” (p.27), pontuando que não são os pais reais que ocupam o lugar das representações parentais, mas o superego parental que se transmite de geração em geração, ou seja, as lembranças dos cuidados parentais, das regras, obrigações e interditos.

Partindo da teoria vincular consideramos sobremaneira as transmissões geracionais na família, bem como, a presença dos conteúdos fantasmáticos, que se referem aos conteúdos inconscientes acerca dos membros da família e são formados por representações e mitos (idealizantes ou catastróficos) (Eiguer, 2010). O fantasma na família é o elemento que liga representações inconscientes, pré-conscientes e conscientes, traduzindo num movimento de retorno a presença do recalcado, dimensão transformada e melhor aceita pelo ego (Eiguer, 2010). Através desses fantasmas que ocorrem as projeções (dos objetos fantasmáticos) e permitem a construção das representações mentais, que podem ser sentidas como boas ou más, persecutórias ou não.

A dinâmica dos objetos internalizados relaciona-se com o modelo das relações mãe-bebê, tomado como protótipo relacional (Gomes e Porchat, 2006). Essas representações mentais fazem parte do mundo interno do indivíduo e estão diretamente ligados à percepções, comportamentos e atitudes. A capacidade do indivíduo se relacionar e vincular é enfatizada nessa teoria e, um dos mecanismos de defesa mais usados é o da projeção, na qual o indivíduo externaliza seu mundo interno projetando-o no outro, que pode constituir um representante de seus desejos e fantasias. A representação parental, portanto, seria a imagem construída no mundo interno do indivíduo a partir de suas relações originárias com seus pais da infância.

Homoparentalidade e representação parental

A homoparentalidade como nomeação de família formada por pais homossexuais deve ser entendida dentro de uma moldura social e cultural específica, resultante de diversas lutas e conquistas por parte dos homossexuais. Sua história carrega marcas e, todavia, luta por seu reconhecimento e respeito. Para poder pensar na possibilidade da “homoparentalidade”, houve anteriormente um movimento de combate à discriminação a união homossexual.

A emergência do tema da união sexual em esfera pública surgiu com a epidemia da AIDS, levando a um movimento jurídico-institucional com a finalidade de proteger os indivíduos da discriminação e prover-lhes direitos, a começar pela despenalização e desmedicalização (Arán, 2005). Com a epidemia, muitos companheiros se viram injustiçados e desamparados legalmente, o que deu início ao debate em torno do direito patrimonial desses casais. A existência da conjugalidade homossexual começou a despontar publicamente com a reivindicação do reconhecimento da homossexualidade no direito civil (Adam, 1999 apud Arán, 2005), provendo-lhes uma visibilidade que vêm abalando a ordem heterossexual reprodutora.

A família homoparental é aquela em que ao menos um indivíduo homossexual assume a responsabilidade por uma criança. Homoparentalidade é uma nomenclatura originalmente francesa, o termo foi criado em 1997, pela APGL¹ (Roudinesco, 2003). Este termo tem sido alvo de questionamentos por colocar o foco na orientação sexual dos pais ao mesmo tempo em que se refere ao cuidado dos filhos, sendo que é exatamente essa associação que muitas pesquisas (Eugenio, 2003) e estudos buscam desfazer.

Diante da polêmica discussão em torno da questão da nomeação das novas formas de família, como a homoparental, cabe esclarecer que esta tem a ver com o estranhamento (Berenstein, 2007) que causa. Esse estranhamento associa-se com aquilo que não pode ser representado (Zambrano, 2008) e refere-se a um irrepresentável, com o qual encontra dificuldade de lidar, não é o mesmo que o diferente, pois este último pode ser sim representado e nomeado, compreendido como parte da realidade.

¹ Associação de Pais e Futuros Pais Gays e Lésbicas.

Arán (2005) analisa o potencial subversivo e instituinte do debate sobre o reconhecimento jurídico e social do casal homossexual na cultura contemporânea e, reconhece encerrado no processo de “normalização da sexualidade” (p. 74) a interdependência dos domínios do excluído (impensável) e da norma (inteligível). A autora pontua como as fronteiras estabelecidas pela biopolítica entre o impensável e o inteligível provocam uma “exclusão inclusiva” (p.74), constitutiva da norma (heterossexual). “O impensável está assim plenamente dentro da cultura, mas é plenamente excluído da cultura dominante” (Butler, 2003b, p.117).

Nessa linha de pensamento, a nomeação desse novo arranjo familiar é fruto de uma construção histórica, que está relacionada com as lutas dos homossexuais por seus direitos. Como construção esse processo está em aberto e velhos termos podem ser substituídos, assim como novos termos agregados. No entanto, convém pontuar que a intenção do uso deste termo na presente dissertação é no sentido de facilitar a leitura e entendimento do leitor, além de apoiar a iniciativa de pensar e refletir sobre o novo.

O desejo de constituir família e ter filhos não é exclusivo dos casais heterossexuais e, cada vez mais se observa casais homossexuais recorrendo à adoção ou à biotecnologia a fim de sua concretização (Fiorini, 2010). A homoparentalidade pode ser resultado de família recomposta com filhos de relacionamento heterossexual anterior, adoção (legal ou não) ou o uso de tecnologias reprodutivas. Entretanto, no Brasil, é mais comum encontrar famílias homoparentais com filhos que são fruto de relacionamentos heterossexuais anteriores. O tema da adoção por homossexuais, todavia permanece em pauta e, portanto este direito não está garantido aos homossexuais (Farias e Maia, 2009), dificultando seu acesso a este.

Essa nova composição familiar é marcada pela ausência de papéis fixos entre os membros, pela inexistência de hierarquias e pela circulação das lideranças no grupo, pela presença de múltiplas formas de composição familiar e, conseqüentemente, de formação dos laços afetivos e sociais, o que possibilita distintas referências de autoridade, tanto dentro do grupo como no mundo externo (Passos, 2005).

A família homoparental destitui um princípio fundamental na constituição do grupo familiar: a diferenciação sexual, um dos fatores de maior questionamento nesse tipo de parentalidade. Como aponta Fiorini (2010) questões vinculadas ao narcisismo e ao reconhecimento da diferença não são exclusivas da homossexualidade, já que estas ocorrem também na heterossexualidade.

A preocupação que permeia a homoparentalidade refere a questões como; identificação primária da criança, o complexo de Édipo e a cena primária (Smola, 2010). O questionamento é se o casal homoparental poderá oferecer à criança a imagem diversificada da diferença sexual anatômica necessária para o desenvolvimento do psiquismo infantil (Carrasco, 2010). Considerando que uma das premissas básicas da psicanálise clássica é a presença da diferença sexual do casal parental como fundamental na estruturação psíquica humana.

As reivindicações dos homossexuais por seu reconhecimento jurídico, social e simbólico, parecem provocar deslocamentos num dos pilares que repousa a norma sexual, essa chamada diferença sexual suposta fundadora da cultura e subjetividade (Arán, 2010). A autora trata de dois argumentos que vêm sendo utilizados contra a homoparentalidade: 1. A necessidade de preservação da instituição família, em defesa da ordem familiar (contra o casamento e a filiação homossexual) e; 2. A necessidade de resguardar o simbólico como condição da cultura e emergência da subjetividade. Observa-se no contexto particular a resistência ao reconhecimento de outras formas de família e parentesco e, para sustentar tais argumentos, utilizam-se referências psicanalíticas diversas, como a do dispositivo sexual.

De acordo com Arán (2009), o dispositivo sexual na psicanálise restringe a noção da diferença e conduz a matriz binária: feminino/masculino, sexo/gênero, natureza/cultura, heterossexualidade/homossexualidade. Essa matriz binária compulsória apontada pela autora persiste como modelo de laço social (Arán, 2005), esse modelo que sustenta a lei dita simbólica, corresponde à lei natural da diferença sexual e é considerado como fundamental para a estruturação do psiquismo, tornando a vivência da diferença entre homossexuais impossível.

Alguns dos temores mais citados, quando pensamos a respeito da homoparentalidade, referem-se à saúde mental dos homossexuais, compatibilidade de homossexualidade e parentalidade e tendência dos filhos se tornarem homossexuais (Uziel, 2002). Pensando nessas questões, nos questionamos: Que lugar ocupa um filho/a no imaginário de um casal homossexual? Como este casal concebe sua atuação como pais? E de que maneira a representação parental destes influencia esse imaginário parental?

Féres-Carneiro (2009) enfatiza a importância de se conhecer essas representações parentais dos casais a fim de que possamos entender como esta se dá e se há peculiaridades. A autora ressalta a implicação de um trabalho psíquico na elaboração das histórias como filhos das experiências primárias na cadeia familiar de origem. Esse processo diferencia-se de casais

heterossexuais, pois o retorno ao lugar de origem na rede familiar exige um trabalho adicional devido ao sofrimento com o preconceito, além das possíveis intercorrências no processo da adoção (no caso dos casais de homens).

Pesquisas vêm sendo feitas com o objetivo de esclarecer tais questões. Zambrano (2006b) notou com seus entrevistados homossexuais, o reconhecimento da necessidade de uma pessoa do sexo feminino, para ajudar nos cuidados com a criança, apontando que o contato com os dois sexos não precisa ocorrer só dentro da célula familiar. Nem tudo ocorre no microcosmo do Édipo familiar, há cortes extra-familiares que a atravessam (Fiorini, 2010). Isso não desqualifica o forte impacto das figuras parentais, mas reitera a complexidade das relações, considerando o interno e o externo, ou, o micro e o macro.

A sociedade reforça a figura feminina no papel de cuidadora/educadora e a figura do pai como o provedor, argumenta-se com a premissa da capacidade inata da mulher no que se refere ao cuidado com os filhos. Os atributos que se buscam para identificar a capacidade de cuidar de uma criança são reforçados tradicionalmente como atributos do feminino (Uziel, 2002). Como conceber então a parentalidade exercida por um ou mais homens (casal)?

Dor (1991, apud Perelson, 2005) afirma que a presença do pai na família, como figura que representa a lei e tem função estruturante do psiquismo infantil, não pode ser reduzida a uma função simbólica. Ele argumenta a necessidade de um terceiro que exerça a mediação entre o desejo da mãe e do filho, e pontua que para garantir a função do pai há que existir a diferença sexual no casal parental.

A autora e estudiosa do tema, Judith Butler (2003a), em seu artigo “O parentesco é sempre tido como heterossexual?”, pontua com clareza a crença na exigência cultural da presença de um homem e uma mulher para gerar uma criança e de que a mesma tenha esse ponto de referência dual, a fim de garantir sua iniciação na ordem simbólica, ou seja, num conjunto de regras que ordenam e apoiam nossos sentidos de realidade e de inteligibilidade cultural.

Agacinski (1998 apud Butler, 2003a) argumenta a favor dessa exigência apontando que o parentesco gay é não-natural e um risco à cultura, considerando-se que a diferença sexual, que para ela restringe-se à biológica, ganha sua significação na esfera cultural, como alicerce da vida na procriação. A autora aponta esse alicerce (da diferença sexual) como a geração, resultando na diferença entre os papéis paternos e maternos. Para a autora, o parentesco homossexual é uma prática que se afasta da natureza e da cultura, além de retratar

um tipo de violência ou destruição ao abolir a dupla origem de uma criança, vista por ela como o alicerce cultural e simbólico.

Entretanto, psicanalistas esclarecem que o pai e a mãe não precisam existir realmente, mas podem ser posições ou figuras imaginárias. A presença das figuras deve ocorrer estruturalmente de alguma maneira (Butler, 2003a). Dessas possibilidades de vivenciar tais posições é que iremos tratar adiante.

Apesar de alguns psicanalistas manterem ressalvas com relação à falta da imagem de mãe/pai real na homoparentalidade, Perelson (2005) se utiliza dos termos posição materna e posição paterna para desvincular o sexo biológico dos pais de suas atuações no seio da família. A autora tenta contrapor-se à visão determinista de alguns autores que afirmam ser a diferença sexual fundamental na triangulação da criança dentro de uma família, questionando a função paterna a partir da fragmentação e multiplicação de seus agentes (não há mais o pai).

Para Féres-Carneiro (2009) é fundamental pensar a “sexuação” como o processo de construção de identidade psíquica-sexual e por fim como alicerce da organização das funções dentro do espaço familiar. A autora esclarece que na família homoparental essas funções não teriam uma determinação biológica, mas sim, subjetiva e que dessa maneira cada sujeito constituiria um lugar junto à criança, marcando sua presença e exercendo uma função. Em termos da função parental, Zambrano (2006a, 2006b) reforça a idéia de que a função materna ou paterna pode ser desempenhada por qualquer um dos parceiros, mesmo quando exercida de forma mais marcante por um ou outro dos membros do casal.

O crescente aparecimento de diversas configurações familiares mostra que parentesco e filiação são construções sociais (Tarnovski, 2002), apesar do grande valor dado aos aspectos biológicos em nossa cultura, sendo estes considerados os formadores dos vínculos familiares mais verdadeiros (Zambrano, 2006b). Garbar e Theodore (2000) apontam a parentalidade sendo exercida cada vez mais por várias pessoas; vários pais e mães e, também, enfatizam que na vida em família, o lugar e o papel desempenhado por cada um tende a preservar o equilíbrio da dinâmica familiar.

O surgimento de diferentes *modos de ser* da masculinidade e da feminilidade convivem com as matrizes hegemônicas de gênero ainda existentes. Dessa forma, abre-se a possibilidade de construir relações de gênero mais democráticas, nas quais o direito à igualdade e o respeito à diferença são essenciais. Relações igualitárias e democráticas continuam sendo o ideal de relacionamento perseguido no casamento e na família desde a

modernidade (Araújo, 2005). O casamento contemporâneo aparece marcado pelo individualismo, com ênfase na autonomia e na satisfação dos cônjuges (Féres-Carneiro, 1998).

A construção de uma família homoparental frente o ideário da família tradicional, ainda muito vivo no imaginário social, levanta questões sobre a noção de família e do que necessita uma criança na família (Dubreuil, 1998). Apesar de questionamentos e temores pesquisadores da área (Santos, 2004; Tarnovski, 2002) salientam que é a capacidade de cuidar e a qualidade do vínculo com os filhos o determinante da boa parentalidade e não a orientação sexual dos pais. Piscitelli (1997) aponta a possibilidade de se refletir sobre a relação entre gênero e parentesco, na medida em que as representações acerca da função parental se articulam com as possibilidades do que é ser homem e mulher na sociedade. As reformulações quanto à representação do papel de pai relacionam-se com as mudanças de referência à masculinidade (Costa, 2002).

Em pesquisa acerca das representações parentais de homossexuais Diniz e Borges (2007) notaram no discurso dos homens a preocupação com a situação financeira, o que remete à função tradicional do pai, de provedor. Além disso, apareceu também a importância dada por estes ao parentesco biológico, por seu desejo de laço biológico com os filhos (Grossi, 2003, Fonseca, 2008). Estes mesmos homens apontaram que a imagem que as pessoas têm da homoparentalidade é carregada de preconceito e representações negativas. Notaram também, que a paternidade vem sendo construída de forma diferenciada, marcada por relações mais flexíveis e dialogadas de gênero. A preocupação dos homens homossexuais que vivenciam a paternidade está ligada a busca de estratégias de consolidação desse papel e de significação de suas identidades a partir de suas experiências (Uziel, 2006).

Em pesquisa realizada com cinco casais de homens (Modesto, 2007) observou-se que a maioria dos entrevistados (dez homens) não quer ter filhos, por medo de não dar conta da responsabilidade, relatam não caber filhos em seu estilo de vida. Uma pequena parte assume que gostaria de ter filhos e de preferência biológicos, reiterando o desejo do laço biológico. Moscheta e Santos (2009) notaram em sua pesquisa, também com casais homossexuais de homens, que estes buscavam a realização de ritos que marcassem a união (como o casamento e uso da aliança) na tentativa de aproximação simbólica da heteronormatividade, fortemente presente em nossa sociedade. Essa necessidade de criar ritos está relacionada à busca de reforço da relação conjugal e aprovação social. Tarnovski (2002), em seu estudo sobre as representações acerca da paternidade homossexual, mostra que a convivência da criança com

sua família homoparental denota a existência genuína de laços afetivos. O autor aponta a necessidade de se pensar a identidade sexual para além de elementos ligados à sexualidade.

Santos (2004) pontua que a função de cuidar está mais relacionada com a personalidade do indivíduo do que à sua sexualidade ou gênero. Gomes e Paiva (2003) apontam como as famílias vêm se constituindo de forma mais ampla e, as funções de gênero se modificando. Na organização contemporânea os lugares masculinos e femininos na família não coincidem com os ocupados pelos homens e pelas mulheres; eles circulam e, com mais intensidade (Amazonas e Braga, 2006), caracterizando um acelerado processo de modernização que interfere e produz alterações na subjetividade e consequentemente na sociedade e em suas instituições (Figueira, 1986).

Rodriguez e Paiva (2009) notaram, em pesquisa, o preconceito como um fator chave na dificuldade do exercício da parentalidade, apontando uma ruptura dos filhos com a própria história, suas famílias de origem. A falta de aceitação das famílias de origem dos casais e da sociedade corrobora na manutenção do conflito do par conjugal na conciliação da vivência da conjugalidade homossexual e da parentalidade (Rodriguez e Paiva, 2009). O preconceito, tanto institucional quanto internalizado afeta a dinâmica da conjugalidade dos casais homossexuais (Nunan, 2007) e consequentemente o exercício da parentalidade (Rodriguez e Paiva, 2009). A necessidade de uma rede de apoio faz com que muitos homossexuais tenham como família eleita uma rede de amigos íntimos. Diante disso, eles se deparam com a possibilidade de vivenciar papéis mais flexíveis dentro de uma família e maior liberdade para experimentar e se adequar as suas necessidades (Nunan, 2007).

A homoparentalidade pode dificultar o contato dos filhos com sua história (famílias de origem, avós, tios, etc.) e também suas relações na escola e sociedade de forma geral (Rodriguez e Paiva, 2009, Tarnovski, 2002). Dessa forma, filhos de casais homossexuais sofrem com o preconceito por parte de colegas, profissionais da educação e também família. Casais apontam tais dificuldades como desafios (Moscheta e Santos, 2009), relatando o desejo de vencer a crença de que casais homossexuais são incapazes de estabelecer relações estáveis.

Manzi-Oliveira (2009) notou em sua pesquisa cujos participantes eram casais homossexuais com filhos adotivos, que seus discursos denotavam a comparação recorrente com casais heterossexuais. Os casais remetem aos referenciais disponíveis na sociedade do que é a parentalidade: os pais que tiveram, os casais heterossexuais que conhecem e até mesmo o modelo tradicional de pai. A autora pontua que os questionamentos feitos pelos casais são o reflexo da vida em uma sociedade na qual a homofobia e o heterossexismo fazem

parte do senso comum, da vida cotidiana e dos valores compartilhados. Moris (2008) ressalta que são práticas cotidianas e disseminadas em esferas sociais diversas a perseguição e marginalização dos homossexuais, presente de forma subliminar ou direta nas relações profissionais, religiosas, comerciais e familiares. Moris (2008) aponta que, no contexto brasileiro, esses pais, em qualquer lugar que optar por viver, serão o grupo minoritário excluído e terão de lidar tanto com o peso de serem diferentes quanto com o preconceito associado à condição de pais homossexuais, com enfrentamentos típicos como a cobrança e o olhar desconfiado da sociedade concernente ao exercício da parentalidade.

Apesar do desconhecimento, do preconceito e de todos os dificultadores dessa realidade da homoparentalidade, a família continua a ser desejada (Roudinesco, 2003). O esforço dos homossexuais em construir família está relacionado ao desejo de pertencimento, de fazer parte de uma prática socialmente aceita e valorizada. Esse anseio de constituir família deve-se ao benefício que Bourdieu (1996) chama de lucro simbólico da normalidade, que seria a pressão social para se adequar a norma da família, representação instituída como ahistórica, universal e natural. As noções de normalidade e estabilidade sugerem uma idéia de um modelo familiar pré-existente e invariável. Além do desejo de constituir família para ser socialmente aceito, há também o desejo de transmissão de um patrimônio cultural e psíquico. A parentalidade para os homossexuais seria como oferecer um filho aos próprios pais decepcionados ao se verem privados de descendência (Eiguer, 2010).

As novas formas de famílias, incluindo as homoparentais, necessitam uma ética que leve em conta suas demandas afetivas atendendo com justiça às transformações humanas (Dubreuil, 1998). Esta ética deve estar assentada nas diferentes formas de conjugalidade, parentalidade e filiação que configuram um contexto familiar baseado nos laços de afeto (Passos, 2005). A adaptação a novas estruturas parentais está em curso e prosseguirá por tempo indeterminado, o que clama por estudos e pesquisas que possibilitem esclarecer e compreender o funcionamento desse novo arranjo familiar. Faltam, ainda, estudos de longo prazo que possam mostrar os efeitos da homoparentalidade na subjetividade dos filhos. Com isso, torna-se imprescindível a reflexão sobre a posição ética de profissionais da saúde, psicólogos e outros, bem como, a importância de se fornecer conhecimento que instrumentalize profissionais do âmbito Jurídico a atuar de forma coerente.

Em continuidade, ressalta-se a importância do estabelecimento de uma relação produtiva entre a psicanálise e as novas formas de construção de gênero e parentalidade na cultura contemporânea (Arán, 2009), em que as diferenças, singularidades e alteridades

ultrapassem os limites do simbólico¹ e da própria teoria psicanalítica, sendo cada indivíduo aceito em sua singularidade, para além das definições prescritas da heteronormatividade.

¹ Simbólico como a articulação da diferença entre os sexos com a diferença de gerações.

Objetivo

O objetivo desta pesquisa é investigar a representação parental de casais homossexuais masculinos. Trata-se, neste caso, da representação psíquica e não social, já que esta é uma pesquisa clínico-qualitativa que pretende investigar imagos¹ individuais, referentes à história de vida de cada participante.

Os objetivos específicos relacionam-se com: conhecer as representações parentais dos casais conjugais, explorando as relações que estes tiveram com seus pais e avós e a influência destas sobre suas imagos de família; compreender as motivações conscientes e inconscientes do desejo de ter ou não ter filhos; e o imaginário desses casais acerca da possibilidade de execução do papel parental.

¹ Imago como representação inconsciente.

Método

Essa pesquisa tomou como base teórica o referencial psicanalítico vincular e o método utilizado é o clínico-qualitativo proposto por Turato (2003). A pesquisa com método clínico-qualitativo utiliza como principal instrumento de coleta e registro dos dados em campo o próprio pesquisador, suas percepções e sua consciência diante dos fenômenos (Turato, 2003).

É importante lembrar como o método empregado (clínico-qualitativo) desta pesquisa relaciona-se com a postura do pesquisador qualitativista, este não busca explicar as ocorrências com as pessoas, individual ou coletivamente, listando e mensurando seus comportamentos ou correlacionando quantitativamente eventos de suas vidas. Mas pretende compreender suas vivências e que representações essas pessoas têm dessas experiências de vida, para com isso criar um modelo de entendimento profundo de ligações entre elementos, isto é, de falar de uma ordem que é invisível ao olhar comum (Turato, 2005).

Para alcançar os objetivos desta pesquisa, foram utilizados na coleta de dados dois instrumentos: a *Entrevista semi-dirigida* (Anexo I) e os *Desenhos de Família com Estórias* (Anexo IV, V, VI, VII, VIII), uma variação do Procedimento de Desenho-estória, criado por Trinca (1989).

A entrevista semi-dirigida ou semi-estruturada é um tipo de entrevista na qual o pesquisador utiliza de um roteiro para o estudo e permite momentos de flexibilidade de temas e da ordem dos mesmos. Esse tipo de entrevista é usado quando o pesquisador busca informações mais específicas e, portanto, introduz o tópico e guia a discussão para questões concernentes ao tema pesquisado (Turato, 2003), permitindo que a direção da entrevista seja dada alternadamente e que elementos relevantes possam ser explorados no decorrer da mesma.

Para um enquadramento claro da entrevista, serão utilizados alguns preceitos psicanalíticos básicos, como: estabelecimento do *setting*, a valorização da transferência e da contratransferência, além da livre-associação de idéias (Turato, 2003). A entrevista caracteriza-se como um encontro interpessoal preestabelecido, com hora e local marcado, que leva em conta o pesquisador e considera o entrevistado como um participante em estudo

(integrante técnico) e o pesquisador com uma função bem definida, que dirige a entrevista (Rubin e Rubin, 1995, apud Turato, 2003).

O procedimento de *Desenhos de Família com Estórias* (DF-E) é uma variação do procedimento de Desenho-estória criado por Trinca (1989, apud Trinca 1997) e tem por finalidade a investigação de aspectos intrapsíquicos e intrafamiliares da pessoa no contexto da família. Através do DF-E é possível detectar angústias inconscientes que estão presentes nas relações de objeto da pessoa, além de representações relacionais e imagos relacionadas à família. Nessa pesquisa foi priorizada a questão da imago parental, ou seja, a representação parental trazida pelo casal.

O DF-E foi adaptado, sendo requerido apenas um desenho (a família que gostaria de ter), com o objetivo de evitar fadiga nos participantes e obter material específico referente à representação da família ideal dos colaboradores. A adaptação do instrumento DF-E (Trinca, 1997) deve-se à experiência anterior da entrevistadora, que tendo aplicado o instrumento em pesquisa durante a graduação notou que a aplicação dos quatro desenhos (como é o teste projetivo DF-E originalmente) mostrou-se cansativa para o casal e desnecessária para a obtenção do dado específico que era buscado através do instrumento. Após o término do desenho requerido, o examinador pediu para o participante contar uma estória associada ao desenho. Caso necessário, após a estória, poderia se realizar um inquérito a fim de aprofundar algumas informações acerca do desenho e, logo após, um título para a mesma (Trinca, 1997).

A escolha dos instrumentos (Entrevista Semi-dirigida e DF-E) para a realização deste estudo ocorreu em virtude da busca de informações aprofundadas que estes instrumentos possibilitam. Através do discurso resultante da entrevista nos aproximamos do objeto deste estudo (representação parental) e, com o DF-E, temos acesso a aspectos mais inconscientes dos participantes.

A aplicação da técnica projetiva DF-E foi conjunta e logo após a entrevista. Com isso há que se considerar a influência que a entrevista tem nos desenhos realizados tanto no que se refere aos temas da entrevista como de uma mobilização psíquica despertada pela rememoração de momentos e etapas importantes nas vidas familiares (individual) e conjugal do casal, trazendo lembranças e sentimentos à tona. A interferência da variável da aplicação conjunta é também considerada e traz aspectos da dinâmica conjugal do casal, além de aparecer como um óbvio dever de desenhar a família homoparental já que o estudo a que se preza tal entrevista trata da homoparentalidade.

Participantes

A opção pelo recorte de casais de homens homossexuais deu-se, primeiramente pela questão de tempo-espço disponível para a realização desta dissertação de Mestrado. Considerou-se também o fato de que a maior parte das pesquisas acerca de casais homoparentais é feita com casais de mulheres (Zambrano, 2008), devido não só à maior facilidade de encontrá-las, como, também, às concepções de gênero atreladas ao imaginário social, no qual as mulheres são naturalmente maternais, além de poder resguardar vínculo biológico com o/a filho/a e/ou ter maior facilidade em processos de adoção. Nessa concepção, o homem estaria, portanto, isento da capacidade natural e inata de exercer a função parental.

A pesquisa foi realizada com a colaboração de cinco casais homossexuais masculinos vivendo em união estável (mínimo de dois anos juntos, o que é considerado pela jurisprudência como união estável legal para casais heterossexuais), sem filhos. Não houve restrição de idade ou relação com o desejo e/ou plano de ter filhos no futuro.

A escolha por casais sem filhos deveu-se à tentativa de desvincular a representação parental da experiência real. A restrição a casais masculinos tem como objetivo permitir o aprofundamento de informações e análise de material colhido, uma vez que questões ligadas aos gêneros feminino e masculino trazem diversas peculiaridades entre si para este tipo de estudo. Considerou-se o fato dos homens não terem a possibilidade de gerar um filho e, assim, ter um laço biológico com este, diferente do que ocorre com mulheres homossexuais que recorrem a inseminações artificiais e podem garantir o laço biológico.

A amostragem proposital (Turato, 2003), ou seja, a escolha deliberada de respondentes e a não necessidade de fechar o número de participantes visou permitir a análise aprofundada de cada caso particular, a fim de obter uma visão do fenômeno o mais completa possível, reconhecendo assim o geral no individual.

Procedimento

Os casais foram contatados inicialmente através da técnica de amostragem chamada bola de neve (Mattar, 2001), na qual os participantes seguintes da amostra são recrutados a partir da rede de conhecidos daqueles já presentes na amostra, formando assim cadeias de referência. A entrevistadora recebeu algumas negativas com a justificativa de que um dos integrantes do casal não aceitara participar ou mesmo por motivos conjugais privados, de aproximadamente vinte contatos (supostos colaboradores em potencial), apenas oito toparam o encontro. Desse material, foram selecionados cinco casos para compor o material de análise, por motivos de falta de homogeneidade do perfil dos sujeitos.

Os colaboradores foram contatados através de amigos e conhecidos da pesquisadora e da Associação Casarão Brasil¹. Com o contato em mãos (telefone ou email), foi feito o convite (Anexo III), o qual explicitava o perfil do colaborador e a apresentação da pesquisadora. Dessa associação surgiram os casais interessados e então foram feitas as entrevistas (casal 1, casal 2, casal 3, casal 4 e casal 5).

As entrevistas foram marcadas com pelo menos uma semana de antecedência e a pesquisadora compareceu à casa dos colaboradores no dia e hora combinados, realizando a entrevista e técnica projetiva como planejado. Com relação à ida do psicólogo até a casa da família, Simon (1983) aponta que essa visita possibilita uma percepção direta do ambiente natural e das relações dos integrantes da família de forma mais espontânea. Através dessa visita, o psicólogo como observador, pode colher informações significativas, tanto materiais (a ordem da casa pode evidenciar a organização familiar e psíquica de seus integrantes) quanto transferenciais, como entre os integrantes da casa e entre cada integrante e o psicólogo (Simon, 1983).

As entrevistas foram realizadas com o casal, conjuntamente, com a finalidade de se observar as dinâmicas relacionais. Planejou-se a realização de apenas uma entrevista, entretanto, se fosse necessário poderiam ocorrer até duas entrevistas, marcadas em dias diferentes. A realização da(s) entrevista(s) em conjunto deveu-se a intenção de acessar

¹ <http://www.casaraobrasil.org.br>

conteúdos relacionados tanto à situação de casal conjugal, quanto ao contato com as representações parentais construídas pelos pares, durante a entrevista. Nesse sentido, a ênfase encontra-se nos referenciais de um inconsciente grupal/familiar e não na dimensão intrapsíquica.

Com relação à entrevista em conjunto, vale ressaltar que esta pode gerar conflitos entre o casal, mas pode, também, ser um espaço de diálogo, sendo este último o objetivo maior dessa proposta. Na área da pesquisa clínica, em especial de casal e família, é comum o uso de entrevistas em conjunto, sendo estas justificadas não apenas por seu alcance informativo, mas também por sua função terapêutica, com a possibilidade de reflexão acerca do fenômeno pesquisado (Rios, 2007).

Após o término da entrevista foi aplicado o procedimento de *Desenhos de Família com Estórias* (DF-E) em cada um dos parceiros, tal aplicação ocorreu em conjunto. Para a aplicação do DF-E foi fornecido aos participantes folhas de papel branco (A4), lápis preto (A2) e lápis de cor (12 cores), as instruções foram apresentadas verbalmente.

Ao final do encontro, caso fosse percebida a necessidade de algum tipo de acompanhamento psicológico, seria feita a indicação para psicoterapia individual ou de casal na Clínica Psicológica Durval Marcondes do IPUSP e/ou para profissionais cadastrados na mesma, que se dispõe a atender à preços simbólicos. Como é permitido, em casos de encaminhamento por pesquisadores da USP, a clínica garante a triagem e o encaminhamento desses pacientes.

Forma de análise dos resultados

A análise dos dados da entrevista foi feita com base no referencial psicanalítico vincular, o DF-E (*Desenhos de Família com Estórias*) foi analisado e interpretado seguindo o referencial próprio do autor do procedimento (Trinca, 1997) levando em conta os conteúdos inconscientes que apareceram nos desenhos e nas estórias dos desenhos. A análise associou os dados obtidos através dos dois instrumentos (entrevista e DF-E adaptado) por meio de cinco

grandes categorias, para cada casal em separado. A escolha das categorias está diretamente ligada ao conteúdo do material coletado e seus temas marcantes e recorrentes.

1. Observações da pesquisadora e aspectos transferenciais e contratransferenciais

Nessa categoria encontram-se as percepções dos entrevistados e da entrevistadora, desde o primeiro contato com o casal, a marcação do encontro, até o encontro em si considerando suas vicissitudes.

2. Família de Origem e Identidade Homossexual

Aqui considera-se cada membro do casal do ponto de vista individual, partindo da narrativa de cada um acerca da *história da família de origem* e de seus aspectos relacionais, bem como, do processo de assunção de sua homossexualidade e repercussões na vida familiar. Lançando um olhar também aos aspectos inconscientes, além de *aspectos transgeracionais e intergeracionais*.

3. Desenhos, Idealizações e Imaginários Familiares

Esta categoria trata dos conteúdos dos DF-Es, bem como, das idealizações do casal e de seus imaginários familiares que aparecem nos desenhos e no discurso.

4. Conjugalidade

Associa-se à questão intersubjetiva do casal conjugal, a forma como os casais vivenciam essa conjugalidade, suas concepções de família e casamento, os projetos em comum do casal e as interferências do legado geracional.

5. Representação Parental

Nesta categoria considera-se a questão da parentalidade: imaginária ou real, ou seja, desde a perspectiva se pretendem ter filhos ou não, de que forma, até os sentidos desta. A representação parental relacionada à família de origem e ao possível exercício dessa função, no futuro.

Caracterização dos casais

Casais	Idade dos participantes	Tempo de namoro¹	Tempo de coabitação²	Dividem a casa com mais pessoas	Quem trabalha e sustenta a casa
1	30 e 31	Aprox. 6 meses	Aprox. 2 anos	não	Ambos
2	45 e 33	Aprox. 6 meses	Aprox. 2 anos	Com um amigo	ambos
3	49 e 45	Aprox. 2 anos	Aprox. 16 anos	não	Ambos
4	22 e 31	Aprox. 1 mês	Aprox. 2 anos	Com a família de um deles (“puxadinho”)	Ambos
5	25 e 50	Aprox. 9 meses	Aprox. 4 anos e 6 meses	não	Ambos

Aspectos éticos

O estudo foi conduzido de acordo com as normas do Comitê de Ética em Pesquisa. Antes da realização da pesquisa foi elaborado e encaminhado ao Comitê do Instituto de Psicologia da USP o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo II). Tal documento assegura que os nomes dos participantes sejam resguardados, assim como, o direito de não participar ou mesmo retirar-se da pesquisa se necessário. Os participantes assinaram a carta de consentimento, autorizando a efetivação da entrevista e aplicação do Desenho-estória, bem como, a divulgação dos dados em meios acadêmicos. Os mesmos receberam uma via do Termo de Consentimento.

¹ Período de namoro prévio à coabitação.

² Período em que moram juntos.

Resultados e Discussão

Relato da entrevista com o Casal 1 - Enrique e Tiago¹

Data da entrevista: outubro de 2010

Enrique (30 anos) e Tiago (31 anos) se conheceram em 2003 por intermédio da internet, Enrique escrevia contos eróticos em seu blog e Tiago se interessou pelo conteúdo e lhe deixou uma mensagem. Eles conversaram pela internet por aproximadamente três meses quando resolveram se conhecer pessoalmente. Em alguns meses o casal deu início a um relacionamento conjugal, o primeiro relacionamento homossexual de ambos. Eles estão juntos desde então e moram juntos há aproximadamente dois anos.

Os dois são formados em Propaganda e Marketing e trabalham na área em empresas diferentes. O casal vive junto desde 2008 em um apartamento alugado em conjunto, relatam viver um relacionamento *“fechado e de comprometimento, ... diferente do que a sociedade considera como a promiscuidade típica do universo homossexual masculino”*. Ambos tiveram relacionamentos heterossexuais anteriormente e se assumiram como homossexuais para as respectivas famílias e sociedade há pouco tempo (aproximadamente dois anos, o tempo em que estão vivendo juntos).

Tiago vem de uma família tradicional, na qual ele é o segundo de três filhos, seus pais vivem juntos e ele saiu da casa da família quatro anos atrás para ir viver com Enrique. Tiago conta que levou um longo tempo até conseguir aceitar sua homossexualidade e se assumir diante da sua família, cujo processo foi doloroso. Relata que sempre teve um relacionamento bastante próximo com a mãe e que sua saída de casa foi dificultada por essa estreita relação, explicitando que sua família era *“super protetora”*. A respeito dessa relação bastante próxima com a mãe, afirma que era o companheiro dela, assumindo o lugar do pai, que estava bastante ausente. Ele diz que percebeu o quão preso estava à sua família quando tentou sair e se viu em

¹ (Foram utilizados nomes fictícios para proteger a identidade dos colaboradores)

uma encruzilhada: “... eu fui o último dos filhos a sair de casa, entendeu?! Então, eu basicamente virei o grande parceiro da minha mãe, assumindo o lugar do meu pai e até eu conseguir sair, sabe assim, saber que não ia acontecer nada com ela, ela ia ficar bem, eu levei esse período de quatro meses pra poder sair de casa”.

Ele relatou a pouca participação de seu pai na vida familiar, entretanto, na infância se recorda do pai bastante presente, brincando com ele e com os irmãos com frequência. Recorda que houve um momento de rompimento, por volta da pré-adolescência, quando seu pai começou a trabalhar mais e ele sentiu um afastamento e uma diminuição de sua participação na casa.

Tiago revelou ser homossexual por meio de uma carta deixada em suas coisas (em uma gaveta em seu quarto) para que a mãe encontrasse, pois segundo ele a mãe sempre fora muito intrusiva e com certeza a encontraria rapidamente, o que aconteceu. Ele relatou que a notícia não foi bem recebida e que os pais o trataram de maneira hostil e desrespeitosa, o que colaborou para seu desligamento de casa, indo viver no apartamento alugado do casal (o qual ele já dividia os gastos há mais de quatro meses). Nesse período de quatro meses ele relata que engordou mais de vinte quilos devido à ansiedade extrema que estava vivendo. Sua família hoje o aceita, entretanto, o casal não frequenta a casa da família de Tiago, pois segundo ele não seriam bem vindos.

Enrique também vem de uma família tradicional, sendo o terceiro de quatro filhos com diferença de idade considerável, sendo assim ele relata ter convivido pouco com a irmã, que por ser a mais velha, casou e saiu de casa quando ele ainda era adolescente. O segundo irmão, tem problemas psiquiátricos que consomem bastante tempo da família. Quanto ao irmão mais novo Enrique chegou a cuidar deste quando era pequeno, o que ele lembra como algo muito difícil e doloroso. Segundo ele, o irmão mais novo teve algumas complicações, como doenças digestivas e por isso demandava bastante atenção e cuidado.

Ele conta que tem uma relação afetiva e próxima apenas com a mãe e que, portanto, contou somente para ela de sua homossexualidade, a única pessoa a quem acha que deve satisfações. Com relação ao pai, Enrique falou pouco, referindo-se a ele como um pai muito ausente e desinteressado na família. Em seu discurso, Enrique traz a mãe como a grande matriarca e o pai como o provedor (trazia o dinheiro para casa). Há uma lacuna no que se refere ao pai e a relação com este, que segundo ele “*sempre foi difícil e complicada*”. Enrique pouco falou deste, mesmo quando questionado pela entrevistadora.

Enrique saiu da casa dos pais em busca de emprego em uma metrópole e adentrou o mundo gay quando conheceu Tiago e deu início ao seu relacionamento. Sua assunção como homossexual (para a família) foi também através de uma carta que entregou para a mãe com um livro espírita (romance homossexual) pedindo que ela o lesse, relata que esta respondeu: *“Você é adulto, você sabe o que você faz, é você, é meu filho, eu vou continuar te amando da mesma maneira, não tenho problema em relação a isso. Eu só não quero que você se exponha, tanto na sociedade como na família”*.

Enrique diz entender a dificuldade da mãe em aceitar o fato e poder falar sobre assunto, acredita que ela tem muitas perguntas e dúvidas, mas não consegue ainda lidar com o fato, evitando situações como a de ir ao apartamento do casal. Enrique diz que apesar de ter contado efetivamente somente para sua mãe, sente que seu pai sabe, *“ele já deve ter percebido”*, apesar dele nunca falar a respeito. Conta que sua mãe evita tocar no assunto da homossexualidade e o companheiro, Tiago, afirma que entende que ela precise de tempo para digerir tal informação, pois ele mesmo levou 23 anos para aceitar-se como ele é e não acha que deva ser fácil o processo para sua mãe. O casal frequenta a casa de sua família e a mãe respeita sua homossexualidade e se relaciona bem com Tiago, entretanto não se refere a eles como casal. Enrique contou que sua mãe viaja às vezes com o casal e que tem uma boa relação com eles.

O casal faz uso de aliança, que segundo eles simboliza *“uma união, um casamento... é um pertencer do outro”*. Além disso, eles trazem o uso da aliança como uma forma de oficializar a relação diante dos outros, de mostrar que não estão disponíveis para outros relacionamentos, diferenciando-se assim de relações onde há *“puladas de cerca... No meio gay, a gente tá usando aliança, a gente tá falando assim, olha, meu relacionamento com o parceiro é sério, não é uma brincadeira”*.

O casal tem planos de comprar uma casa ou apartamento próprio e ter uma estrutura financeira, comprar um carro, além de oficializar sua união civil.

Sobre a família ideal, Tiago diz: *“... hoje em dia não dá pra falar o que é uma família ideal ... eu acho que até amigo você pode falar que é família dependendo do grau de intimidade, eu acho que contanto que, eu acho que a vontade de querer ficar junto, assim, ter amor, carinho, planos pro futuro, isso é o que a gente acaba vendo como família. Acho que não tem família ideal”*.

Quando questionados sobre o desejo de ter filhos, Enrique diz que enxerga a situação como bastante distante e que não se sente preparado para tal e logo refere a sua relação complicada com o próprio pai, “... *eu sempre quis ter filhos, até a gente comprar a nossa chinchila... ela é um amor, mas ela dá muito trabalho... na verdade assim, brincadeiras a parte, eu adoro crianças, hoje eu não to preparado, com certeza. (...) hoje eu não consigo me visualizar preparado e não sei se futuramente mais, alguns anos atrás eu ainda pensava, poxa como vai ser legal ser pai mais pra frente... mas hoje eu já não consigo me imaginar como pai não... eu acho que se acontecer..., se chegar o momento, achar que é bacana e tal, aí sim, eu vou procurar e ver uma forma disso se concretizar, mas hoje eu não consigo visualizar isso não. (...) Porque eu acho que eu sou muito, questão de não querer me preocupar, assim é, a minha relação com o meu pai foi sempre, muito complicada, ainda é difícil. Como moro distante e tal, hoje a gente já se tolera, a gente consegue ficar no mesmo ambiente sem, sem causar nenhuma explosão, mas a referência que eu tenho de pai é a referência que eu sempre tive dele, e pra mim nunca aquela referência era de ter um pai, então quando eu imaginava ser pai, ter um filho, era fazer completamente diferente do que ele tinha feito comigo, mas hoje eu fico pensando o que será que faltou pra ele não ter feito isso, pra ele não ter sido o pai que eu achava que era perfeito que eu achava que era ideal... será que eu posso cometer esse mesmo erro com meu filho? então pode ser um pouco de medo, mas pode também ser um pouco de querer viver a minha vida sem ter aquela responsabilidade em educar o outro, em criar, sabe?”.*

Já Tiago diz que tem o claro desejo de ser pai no futuro, quando eles estiverem mais estabilizados financeiramente. Eles referem ao modelo da maternagem quando citam exemplos de mães conhecidas e do quanto elas abdicam de suas individualidades para cuidar dos filhos, por exemplo: quando adoecem. O casal enxerga a possibilidade da parentalidade pela via da adoção. Ambos falam da preocupação do exercício desta e de como isso pode refletir na abdicação de diversas outras coisas na vida. Eles relatam ter um bicho de estimação, uma chinchila e contam como esta já dá muito trabalho e preocupação.

Durante a entrevista, considerando a dinâmica conjugal do casal, parece que Enrique reformula sua opinião sobre a possibilidade de ser pai, diante da opinião de Tiago, ele reconsidera e se aproxima da opinião do companheiro flexibilizando-se, “*eu acho que deve ser bacana ter legado, as suas idéias, é uma forma de você depositar em uma sementinha tudo aquilo em que você acredita e fazer com que aquilo vá pra frente, não morra. E não digo, assim dentro de cada um mesmo, caráter mesmo, senso do que é certo e errado,*

habilidades... por exemplo: algumas coisas que eu herdei da minha mãe, como eu sou muito próximo dela, mas eu não herdei nada do meu pai, porque eu nunca tive contato com ele, na mesma casa, então é isso... essa possibilidade de você, falar daqui 30, 40 anos, eu já posso ter morrido, eu vou ter depositado tudo o que eu acredito que é certo em uma outra pessoa que pode dar continuidade, pras minhas idéias, pro que eu acredito que é legal pra sociedade... mas a responsabilidade de ter um filho, boa parte das vezes é você ter que negar a própria vida pessoal mesmo...deixa de sair num fim de semana porque seu filho ficou doente, ou você ter aquela mega festa pra ir legal, e aí você fala, poxa não dá porque meu filho não ta legal, ou eu não tenho com quem deixar o meu filho...”. E então Enrique conclui; “... pode ser... poder ser... eu não excluo essa possibilidade, não, eu acho bacana... ainda, como eu te falei nesse momento eu não me vejo sendo pai, eu ainda não consigo enxergar mais pra frente... mas tanta coisa na minha vida mudou... tantas idéias, tantas maneiras de pensar, que eu passei, desde criança até agora... então assim, a vida é uma eterna mudança, você faz um caminho, aí você vê que esse caminho não é bacana, não é legal, daí você tem outras possibilidades, então... pra mim, é uma possibilidade sim, com certeza, se ele achar que é bacana...”

Desenho-estória da família de Tiago (Anexo IV)

Título: “Uma nova família”

Tiago se desenhou de bege e o companheiro (Enrique é negro) e o filho de marrom, que ele diz ter por volta de cinco anos, “*do jeito que o Enrique queria*”. O casal está separado pelo filho, que esta empinando pipa. Todos têm feições sorridentes. Há um cachorro ao lado, com sua casinha, o sol e a casa da família (planta). Ele diz ser um dia do fim de semana, um dia gostoso e de sol.

Desenho-estória da família de Enrique (Anexo IV)

Título: “Piquenique”

Ele desenhou um piquenique, que afirma nunca ter tido com sua família, denotando um desejo reparatório de união. No desenho há o casal, ele de pé e o companheiro sentado apoiado na árvore, separado dos filhos. Os filhos, segundo ele, têm três e cinco anos. A árvore

separa o casal dos filhos (um casal) e um animal de estimação (cachorro) que faz xixi na árvore, diz Enrique. Ele aponta a árvore e diz que esta é grande e forte, “*tem até raízes*”. Há maçãs na árvore e uma maçã no chão entre o casal, há também uma cesta de piquenique e uma garrafa de água.

Análise do encontro com o Casal 1

1. Observações da pesquisadora e aspectos transferenciais e contratransferenciais.

A entrevista foi marcada através de troca de emails com Enrique, que confirmou a participação e data do encontro após consultar seu companheiro Tiago. No encontro a pesquisadora foi recebida por Tiago, enquanto seu companheiro Enrique estava tomando banho, juntando-se ao nosso encontro pouco tempo depois. A pesquisadora foi muito bem recebida pelo casal, fazendo-a sentir-se bastante confortável para a realização da entrevista. O casal sugeriu mostrar o apartamento para a pesquisadora e se desculpou pela falta de organização, como no escritório.

A sensação no apartamento do casal foi a de um ambiente que guarda o início de uma história, com alguns porta-retratos do casal no móvel da sala e poucos itens decorativos, o que fez a pesquisadora sentir o ambiente da casa mais próximo de uma “república” do que uma “casa de família”. Logo que a pesquisadora chegou, a conversa girou em torno do tema da pesquisa e ambos quiseram saber da trajetória da pesquisadora, o que havia estudado até então. O casal mostrou-se bastante disposto a ajudar e compartilhar informações de suas histórias, apontando o desejo de escuta do casal a fim de legitimar suas histórias através do compartilhamento da mesma.

Durante a entrevista, Enrique mostrou-se mais ativo e dominador tomando a frente no momento de responder as perguntas direcionadas a ambos e até mesmo ao falar do Tiago (responder por ele). Enrique pareceu bastante ansioso e queria expressar seu ponto de vista, abafando a possibilidade de expressão de Tiago. Tiago por sua vez, não pareceu incomodado com a atitude de Enrique, transpareceu uma atitude tranqüila e acabou falando bem menos do que o seu companheiro, que acabou falando pelos dois na maior parte do tempo. Entretanto,

durante a aplicação da técnica projetiva, Tiago mostrou-se mais à vontade e pôde divertir-se com a possibilidade de desenhar a família que gostaria de ter, enquanto Enrique mostrou-se bastante incomodado, levando mais de dois minutos para começar o desenho, verbalizando sua dificuldade de desenhar e sequer decidir o que fazer. Enrique manteve uma atitude de autocrítica durante o desenho e colocou no papel um desejo refletido no negativo (na falta) da família de origem: o “*piquenique que nunca aconteceu com a família de origem*”.

Sendo a pesquisadora uma figura feminina que vai ao encontro do casal de homens, é importante apontar as mobilizações decorrentes prioritariamente de projeções. Pode-se supor que a rapidez com que se estabeleceu uma atmosfera segura e de confiança para a realização da entrevista tem a ver com a identificação projetiva do casal com figuras femininas, trazida por eles também ao contar de suas relações com mulheres em geral, mãe e amigas, relações estas descritas como de intimidade. O mecanismo de identificação projetiva permitiu ao casal idealizar a pesquisadora confiando-lhe suas histórias de vida, compartilhando assuntos que ainda mobilizam bastante seus psiquismos. Contra-transferencialmente, a entrevistadora sentiu-se exercendo um papel maternal em alguns momentos, como quando contaram de suas assunções, assumindo um papel de acolhimento, que não receberam das mães, cabendo em muitos momentos comentar “deve ter sido difícil mesmo”. Em outros momentos, em especial com relação à Enrique durante a execução do DF-E, houve a necessidade de acalmá-lo diante da ansiedade extrema que a atividade despertou, inicialmente paralisado, levando mais de dois minutos para começar o desenho.

A entrevistadora percebeu o encontro como satisfatório, tanto para ela como para o casal, que pôde aproveitar para pensar e questionar acerca dos temas levantados na entrevista. Pouco tempo depois da chegada da entrevistadora no apartamento do casal, foi estabelecida uma transferência positiva do casal com relação à entrevistadora, o que serviu de suporte para a abertura durante a entrevista, sendo possível questionar assuntos difíceis, como a questão do preconceito. Ao final do encontro, eles se mostraram felizes e satisfeitos por sua colaboração e demonstraram interesse em ter acesso ao trabalho quando concluído.

2. Família de Origem e Identidade Homossexual

Na narrativa de Enrique sobre sua família de origem ele enfatiza a relação próxima com a mãe, que foi a primeira pessoa da família para quem ele contou de sua homossexualidade, e pouco fala do pai, caracterizando-o como ausente e desinteressado da

família. O pai de Enrique aparece em seu discurso poucas vezes, como um objeto desobjetalizado. Ele falou pouco dos irmãos (três) e se ateve mais nas situações que envolviam questões com a sua homossexualidade, como, por exemplo, uma prima que também era gay e que o ajudou a contar para a família, apoiando-o a sair de casa e buscar sua individualidade. Segundo Enrique, sua família recebe Tiago em sua casa, entretanto não os trata como casal, o que ele diz entender e aceitar também. Parece haver em Enrique certa homofobia internalizada quando ele reconhece a falta de aceitação dos outros e quando se sente alvo de preconceitos em diversas situações, como ao ouvir piadinhas em teatros, cinema, etc.

Quando questionado sobre seu desejo de ter filhos, Enrique disse que não pensava nisso e logo em seguida mencionou seu irmão mais novo, o qual ele teve que ajudar a cuidar (inclusive pela doença que teve) e que essa demanda era sentida como muito pesada. Enrique enxerga a parentalidade como uma possibilidade remota e distante, mas após o discurso do companheiro (que se expressou de forma diferente com relação ao desejo de ser pai) ele pareceu flexibilizar-se e buscar os pontos positivos de tal experiência.

Enrique falou bastante da questão do preconceito e referiu-se ao fato de ser negro como um possível complicador, pois ele relatou sentir-se alvo de preconceito em muitos momentos, independentemente da homossexualidade.

Tiago contou de sua família de origem, prendendo-se bastante ao tema da homossexualidade, contando o momento da revelação, da saída de casa e de todas as consequências relacionais de sua assunção, como o afastamento de sua mãe e a luta para ser respeitado como homossexual dentro de casa. Ele relatou que sempre teve uma relação muito próxima com a mãe, chegando a dizer que era seu companheiro ao invés do pai e que por conta disso também foi difícil sair de casa. Afirmou que se lembra de seu pai sempre ocupado com o trabalho e que tem recordações de estarem juntos apenas em sua infância, quando brincavam bastante. Tiago pouco falou de seus irmãos, apenas relatou que eles sempre o apoiaram, o que o surpreendeu no início, e que por isso não tem problemas com eles. A narrativa de Tiago restringiu-se bastante ao tema da homossexualidade, já que parece que foi com esta que vieram à tona os conflitos e, todavia, desperta questionamentos e dificuldades relacionais na família.

3. Desenhos, Idealizações e Imaginários Familiares

No DF-E percebeu-se a mobilização ocorrida em Enrique, inicialmente ele afirmou não saber desenhar, estar sem idéia, achar difícil, levando mais de dois minutos para começar a produzir o desenho. Em sua produção ele fez a cena de um piquenique, que ele diz que nunca aconteceu com a sua família e que deseja vivenciar com a família que pretende construir, ele, seu companheiro Tiago e dois filhos (adotivos). Em seu desenho o casal está separado das crianças pela grande árvore, o que indica a dificuldade de enxergar-se como pai ou mesmo responsável por alguém. Ele está de pé (posição de maior atividade) e seu companheiro está sentado, o que demonstra seu desejo de controle na relação conjugal. Na árvore desenhada há maçãs e uma dessas está caída no chão entre o casal, o que nos remete à idéia de fruto proibido, o que remete à homossexualidade e à questão da aceitação. Os elementos que receberam cor (investimento emocional) foram: a árvore, as maçãs, a garrafa de água, o chão, o vento e o sol, enquanto os seres vivos não foram pintados, indicando a dificuldade de representar afetivamente essa família. Enrique disse que a árvore é grande e tem raízes para demonstrar algo sólido, o que pode ser visto como o desejo de uma figura paterna forte.

O desenho de forma geral é bastante infantilizado e retrata angústias relacionadas à entrevista recém ocorrida. A presença do sol (bastante grande), dos frutos nas árvores e o tipo de desenho indicam o grau de infantilidade da produção. Enrique mostrou o incômodo e angústia gerados pela atividade, indicando ser este a atualização de sua própria família de origem, pelo discurso de que a situação do desenho, sua família no piquenique, parece causar confusão e conflito diante da aproximação feita por ele entre o tradicional e o novo: o homoparental. A dificuldade de conceber a homoparentalidade como uma possibilidade legítima de ser família parece lhe causar angústia sem nome.

No DF-E Tiago mostrou-se muito confortável, cantarolando praticamente o tempo todo de sua produção, comentando o desenho e brincando. Desenhou também a família homoparental, ele, seu companheiro e apenas um filho, que aparece separando os pais. O filho desenhado entre os pais pode representar a dificuldade de associar em seu psiquismo a idéia de homossexualidade à parentalidade.

Eles encontram-se ao lado da casa (feita em forma de planta, com indicações dos cômodos) que não tem porta. Questionado pela pesquisadora onde estaria a porta, ele diz que optou por fazer um corte para que se pudesse ver por dentro da casa, o que indica o desejo de ser visto (não só externa, mas também internamente), explicitando a dificuldade de assumir-se homossexual, o que ainda faz parte de sua intimidade e deve ser escondido.

Há o cachorro de estimação no desenho e sua casinha, um grande sol e aves voando no céu. O filho aparece empinando pipa (logo depois de ter terminado a lição de casa), uma brincadeira masculina, entre os pais que apóiam e brincam junto com ele. Ele se pintou de bege e o companheiro e o filho mais escuros (Enrique é negro), pois disse que já conversaram sobre a possibilidade de adotar e que Enrique gostaria de ter um filho negro. Há em seu desenho elementos infantis como a presença do sol e o tipo de desenho (as figuras humanas são feitas em palitos).

Tanto o DF-E de Enrique, como o de Tiago mostram certa estereotipia ao desenharem uma família homoparental feliz, o desenho pode ser sentido como “encomendado”, considerando-se o tema da pesquisa e a entrevista recém ocorrida. Apesar do desconforto de Enrique, por exemplo, ele parece estar diante de uma missão de desenhar a família homoparental e que o inclui, dificultando ainda mais. A saída que ele parece encontrar é separar o casal dessas crianças (filhos) e remeter ao desejo de reparação do piquenique com a família de origem que nunca aconteceu. Tiago parece lidar com o tema com menos angústia, mas de qualquer forma, os desenhos mostram que ambos tentaram ir de encontro ao suposto objetivo da pesquisa, com certa dose de idealização.

4. Conjugalidade

O casal durante a entrevista mostra-se próximo, coeso e ambos em seu discurso demonstraram estarem acostumados com um jeito de interagir, em que um deles dirige e domina a conversa (Enrique) e o companheiro aceita ficar numa posição mais passiva (Tiago), expressando-se com mais tranquilidade e aguardando o momento de se colocar. Quando surge um conflito ou desencontro entre eles (com relação ao desejo de ter filhos), rapidamente eles se adaptam e encontram um ponto de concordância buscando manter a coerência da relação. O discurso manifesto deles inclui nos planos do casal: estabilidade financeira, aquisição de um imóvel em conjunto e a construção de uma família com filhos (adotivos).

5. Representação Parental

A representação parental do casal ligada às famílias de origem está pautada prioritariamente na falta que estes sentiram da participação do pai e, por conseguinte, ambos referiram-se à parentalidade sob o vértice apenas da maternagem e do quanto esse exercício exige de abdicação por parte de algumas mulheres conhecidas no cuidado de seus filhos.

Mencionaram também, o medo da responsabilidade e o desejo de fornecer uma educação livre de preconceitos daqueles que por ventura pudessem cuidar. Por ora observa-se que ainda, permanece conflituosa ou apenas como projeto futuro a realidade vivencial da homoparentalidade para esse casal, principalmente por não haverem elaborado a separação dos pais (saída de casa somada a aceitação apenas parcial de sua homossexualidade) e, portanto, não poderem deixar seus “lugares de filhos” para se tornarem pais.

Relato da entrevista com o Casal 2 - Alex e Roberto

Data da entrevista: Novembro de 2010

Alex (45 anos) e Roberto (33 anos) se conheceram em 2008 pela internet. Relatam que tiveram um rápido envolvimento e que em algumas semanas depois já estavam se vendo quase todos em dias e em alguns meses morando juntos. Ambos viveram relacionamentos homossexuais anteriormente e contam que buscavam um relacionamento estável quando se conheceram. Alex é formado em Geografia e está concluindo a licenciatura, faz um estágio e pretende dar aulas em breve. Roberto é formado em Psicologia e trabalha como psicólogo no Fórum da região em que vive, onde lida com os pedidos de adoção, inclusive de homossexuais. Ele relata apreciar muito o seu trabalho e se satisfaz trabalhando com algo diretamente ligado à sua própria vida, pois como ele mesmo conta pretende adotar seus filhos.

O casal vive em um apartamento alugado por Roberto e um amigo (que mora junto com eles). Alex tem um apartamento, onde sua mãe vive, o casal afirma frequentar o apartamento, por vezes dormindo lá, entretanto não pensam em residir neste. Alex conta que pretende comprar uma casa maior e fazer um “puxadinho” para levar sua mãe junto. Ele conta que sua mãe tem depressão e que já está bem “velhinha”, por isso não pensa em deixá-la sozinha.

Quando questionados sobre a relação com as famílias de origem, ambos parecem considerar a mãe como figura central da família, chegando a desconsiderar o pai (falando muito pouco deste), somado ao pouco convívio entre eles. Diante do pedido da entrevistadora para contarem sobre as famílias de origem de cada um, Roberto disse: “*Vamos alternar, você*

fala um pouco da sua mãe, depois eu falo da minha?”, o que denota a íntima relação destes com suas mães. No entanto, quando se referem aos pais (homens), nota-se maior distância nos relacionamentos destes.

Roberto vem de uma família tradicional, composta por migrantes nordestinos. Fala da mãe como uma pessoa bastante intrusiva e questionadora; “... *tudo ela queria saber, onde eu ia, com quem eu ia, quem tava me ligando, porque, porque só homem te liga? Porque você nunca traz uma namorada aqui? E aí...é... ia aumentando a minha pressão interna, de falar, mas ela nunca perguntava, você é gay? Você tem relacionamento com homens?*” Ele contou que revelou sua homossexualidade para a mãe somente quando esta lhe inquiriu, pois achava melhor esperar até sair de casa e não precisar de satisfações. Logo que contou, diz que sentiu um alívio imenso, relembra que a mãe disse não aceitar, apenas tolerou e com o passar do tempo (sem falar sobre o assunto) foi tranquilizando-se. A mãe lhe pedia para não levar homens para casa e, por isso, Roberto levava amigos em casa e às vezes os namorados, sempre apresentados como amigos. Seu pai tampouco tocava no assunto e após alguns anos aceitou a situação, inclusive recebendo bem os amigos e namorados do filho; “*o meu pai nunca se opôs, nunca falou nada, hoje meus amigos são bem amigos do meu pai, meu pai pergunta deles...*”.

Roberto conta que sua relação com a mãe atualmente melhorou bastante, mas relembra que, após contar que era gay, as relações familiares ficaram conturbadas, chegando a fugir para a casa da tia. Isso aconteceu quando tinha 19 anos, mas acredita que a mãe já sabia de alguma forma e que isso a abalou bastante e ao seu pai também (foi a mãe quem lhe contou). Ele diz que a situação foi difícil e que quando foi para a casa da tia, pretendia se instalar lá, mas no dia seguinte seu pai foi buscá-lo. Apesar de pouco falar do pai, Roberto contou que em diversos momentos (a pedido da mãe) o pai dele o chamava para conversar. Um ano depois, seus pais se separaram, a mãe saiu de casa e Roberto ficou morando com o pai. Ele estudava Letras na época e estava insatisfeito com o curso, voltou a fazer cursinho e escolheu o curso de psicologia, no qual se graduou.

Hoje em dia, ele diz que leva o Alex à casa de sua família e que todos o tratam bem, como parte da família e parecem ter aceitado sua homossexualidade. Ele diz que a família: “*não causa problema, nem rompeu relações comigo por conta disso..., mas, é... eu acho que por um tempo eles foram aceitando, a minha família em geral é assim, acolhe quem é de fora de uma maneira bastante acolhedora... aí já tratam como família*”.

Alex conta que sua família é de origem européia, seus avós eram imigrantes que trabalhavam com agricultura, assim como seus pais. Ele tem uma irmã mais velha com quem não convive muito, mas com quem tem boa relação e aceita sua homossexualidade. Seus pais se separaram quando ele tinha 15 anos de idade e nessa época ele contou ter presenciado muitas brigas de seus pais, o que o faz acreditar que sua irmã tenha casado cedo para sair de casa e fugir daquela situação. Relata que sua família sabe de sua homossexualidade, entretanto ele não contou em momento algum e sim os pais “*desconfiavam*” desde o início e acabaram percebendo. Diz que aceitar-se como homossexual não foi um problema para ele, mas sim para os outros. Ele chegou a ter uma relação heterossexual, namorando sério com uma moça, mas foi a única vez que se encontrou apaixonado por uma mulher. Alex contou que teve vários namorados, de longo tempo e que após a morte de um deles caiu em depressão. Sua mãe foi perguntar-lhe o motivo pelo qual ele estava tão mal e foi então que se deu a primeira conversa sobre a homossexualidade dele, pois quando questionada pelo filho sobre quem seria o Hélio (namorado falecido), ela respondeu sem dúvidas “*seu namorado*”. Foi, também, durante esse namoro que teve uma conversa aberta com o pai, após passarem o ano novo juntos numa casa de praia; “*depois que passamos o ano novo lá, meu pai falou ‘Ó, eu quero que vocês sejam muito felizes no relacionamento de vocês, não importa o que vocês façam’*”. Alex conta que ficou muito emocionado com a atitude do pai.

Alex afirma que se lembra de seu pai com muito carinho, ele foi muito presente, entretanto, na sua adolescência seu pai se afastou, em função da separação do casal parental: “*... ele foi um pai muito presente, ele pode ter começado a ‘galinhar’ e tudo, mas ele foi muito presente, se preocupava com a minha saúde, com a minha educação, ele me levava ao teatro, ao cinema, ele levava a gente sempre pra viajar, ele era um pai carinhoso, eu sentava no colo dele, ele me beijava. Eu me lembro quando era pequeno de ficar no muro olhando o momento que ele fosse chegar, eu corria pra ele e ele me beijava, me levava pra cortar cabelo, quando ele ia mexer no carro, ele me chamava pra que eu aprendesse também... eu não tinha muito interesse e acabei não assimilando muita coisa não... na minha adolescência que talvez ele tenha faltado um pouco, porque ele já estava se separando da minha mãe, e eu via muitas brigas e via minha mãe sofrendo...*”.

Alex falou bastante do preconceito sofrido e de como a homossexualidade é vista como um “*vício*” e é recriminada pela religião. O casal tem planos de manter um relacionamento estável, de adotar crianças, de ter bicho de estimação e uma casa própria... Alex diz logo no início da entrevista: “*as idéias bateram muito de relacionamento estável, a*

idéia de adotar crianças, de pegar um animalzinho de estimação, quer dizer, tudo! de paparicar, ele gosta de ser paparicado... ele também adora paparicar, de fazer carinho sempre”.

Sobre o relacionamento conjugal atual, Alex afirma: *“eu acho que tem que batalhar pra ficar junto e enfrentar os problemas com maturidade. Eu acho que os problemas existem pra amadurecer, e não pra criar problema na sua vida eternamente, então quando tem um problema que surge e você rompe, você não resolveu, se você se afasta e acha que o problema é ele... você pensa, vou largar e arrumar outro... e pra mim não, eu acho que tem que tentar várias vezes e conversar pra resolver o problema, ah, resolveu então isso serviu pra crescer e aprender, vamos nos amar mais ainda, o amor cresce e amadurece... a gente procura não ir em nenhum lugar sozinho, né? Só o dia que não tiver possibilidade, viajar profissionalmente... aí talvez, se não tiver jeito, senão tem que fazer as coisas juntos”.*

O casal apresenta planos de adotar crianças e mostra como a aprovação dos pais é importante. Alex conta que quando comentou com sua mãe do desejo de ser pai, ela ficou relutante: *“... ela disse ‘imagina, é errado dois homens adotarem, duas mulheres adotarem, como vai ser o relacionamento na escola? com os amigos? todo mundo na escola vai falar ...’ e eu falei pra ela, ‘ela vai ter dois pais’, mas ela falou ‘e a figura da mãe, não é importante?’ eu respondi: ‘Nós vamos cumprir esse papel, do pai e da mãe, só que ela vai ter dois pais e nós vamos ensinar’, a batalha mesmo disso daí é passar pra criança todos os tipos de relacionamento, a diversidade, coisa que os heterossexuais não fazem com os seus filhos... que um pai ou uma mãe tem que criar um filho com a liberdade e a compreensão de que o que ele escolher pra vida dele vai fazer ele feliz, é isso que tem que, e não impor o que a sociedade quer que você faça que o seu filho seja”.*

E Roberto acrescenta: *“... eu acho que vai ter o lado bom também, eu gosto muito de criança, eu gosto de lidar com o universo infantil, acho que vai ser prazeroso, sair passear, de ensinar as coisas...”.*

Desenho-estória da família de Alex (Anexo V)

Título: “Um lar feliz”

Alex fez um desenho do casal juntamente com um casal de filhos, uma casa, árvores e animais (bichos de estimação e aves no céu). O casal encontra-se separado no desenho, sendo que um está dentro de casa e o outro fora da casa com as crianças (voltando da escola). Alex

conta que essa é a casa deles em Búzios, onde gostariam de morar futuramente. É um sobrado e o quarto do casal fica no piso superior. O desenho é totalmente colorido, com traço leve e é bastante infantilizado. Nota-se nessa produção a idealização profunda da imagem família.

Desenho-estória da família de Roberto (Anexo V)

Título: “Uma família feliz”

Roberto desenhou o casal (ele e seu companheiro) separados pelo filho. Estão todos de mãos dadas e encontram-se entre a árvore (do lado esquerdo) e a casa. A casa é um sobrado e está toda aberta para poder entrar brisa e arejar. Da chaminé da casa sai fumaça e há também o sol em seu desenho. Roberto diz que o filho está vestindo as cores dos dois pais (um pouco do verde da roupa de Roberto e um pouco do vermelho da roupa de Alex para ter um “*pouco dos dois*”) e conta que é um dia livre em que eles estão passeando. O desenho de Roberto também apresenta cores diversas. Há também uma árvore, que ele diz ser para manter o contato com a natureza, com as origens.

Análise do encontro com o Casal 2

1. Observações da pesquisadora e aspectos transferenciais e contratransferenciais.

O primeiro contato feito com o casal foi através de troca de emails com Roberto, que marcou o encontro com a pesquisadora após confirmação de seu parceiro. Ao chegar à casa do casal a pesquisadora foi recebida por ambos, que a acompanharam até a sala onde se daria a entrevista. Logo ao entrar na casa, Roberto explicou que a casa não era exatamente do jeito que eles queriam, tentando justificar a falta de intimidade que tem o casal. O casal explicou que a situação deve-se à questão financeira que por falta de recursos e estabilidade exige que compartilhem o aluguel com amigos.

Na casa, a pesquisadora pôde notar que prevalece um tipo de organização bastante precária, aproximando-se de uma república de estudantes/amigos. Além disso, Alex contou que suas coisas estão no apartamento em que vive com a mãe, uma senhora de idade que

segundo ele não pode viver só, por ser idosa e depressiva e que ele divide seus dias entre o seu apartamento e a casa do companheiro. A falta de rotina do casal denota que eles não têm uma convivência conjugal de fato, embora estejam construindo uma relação mais estruturada. Entretanto, como eles contam que oficializaram a união do casal em um cartório (união estável) consideram-se casados, apontando uma racionalização a respeito da própria relação.

Na sala, a pesquisadora se sentou no canto do sofá, Roberto sentou-se no mesmo sofá ao lado da pesquisadora e Alex aproximou uma cadeira para sentar-se em frente aos dois, centralizado. Formou-se um triângulo transpassando à pesquisadora a sensação de que Roberto estava com a pesquisadora entrevistando Alex, que foi quem notavelmente falou mais e parece ter se sentido em uma posição de principal entrevistado, denotando também seu desejo de escuta e acolhimento.

Ambos mostraram-se interessados e desejosos de participar da pesquisa e a pesquisadora sentiu abertura para a possibilidade de perguntas diversas. Alex apresentou um desejo e necessidade de contar sua história em detalhes, fazendo com que este dominasse a entrevista, guiando-a de certo modo e interferindo no discurso de Roberto. Roberto, por sua vez, pareceu não incomodar-se com a atuação de seu companheiro, permitindo que este se expressasse e até mesmo falasse por ambos, concordando com suas palavras.

Inicialmente, a conversa se deu em torno da pesquisa, ambos tiveram interesse em saber mais a respeito da mesma. Roberto é formado em psicologia e faz mestrado, trabalha em um Fórum diretamente com o tema das adoções e dessa forma tem acesso a casos de processos envolvendo homossexuais, o que parece interessar-lhe profundamente. O desejo de escuta foi notado em Alex, para quem parece ter sido muito importante poder retomar sua história e construir uma narrativa da relação atual em conjunto com seu companheiro. Roberto pareceu bastante curioso com relação à pesquisa e demonstrou interesse em colaborar, buscando responder todas as perguntas e deixando bastante espaço para seu companheiro expressar-se, apresentando uma postura passiva na relação conjugal.

Durante a entrevista a pesquisadora notou a identificação projetiva de Roberto para com esta, ao comentar de seu trabalho com sua pesquisa e das dificuldades de um Mestrado, fazendo com que este se mostrasse disposto a ajudar, até mesmo depois do fim do encontro. Pode-se dizer que Roberto colocou-se na posição de “colega de trabalho” da pesquisadora. Dessa maneira, transferencialmente estabeleceu-se uma atmosfera de confiança e troca com Roberto desde o início do encontro. Já Alex manteve uma postura mais distante e com maior necessidade de compartilhar sua história, legitimando-a. Diante de seu discurso carregado de

afeto, Alex mostrou-se sensibilizado e ao mesmo tempo com o dever de provar e convencer a pesquisadora de seus valores e ideais, colocando-a em uma posição de maior poder (hierarquia).

A entrevistadora como figura feminina mobilizou projeções no casal e, neste caso, parece que a transferência positiva com as mulheres que fizeram parte de suas vidas facilitou o encontro e permitiu que se estabelecesse um ambiente de confiança. A projeção dessas figuras sobre a figura da pesquisadora permitiu-lhes compartilhar suas histórias e dificuldades. Contra-transferencialmente, o sentimento da entrevistadora foi diferente para com cada um. Com Roberto, ocorreu um processo de identificação mais forte, sentindo-se como se estivesse compartilhando com um colega, com quem estava partilhando a tarefa de entrevistar e ouvir Alex. Já com Alex, percebeu-se uma relação hierárquica, em que esta assumia o papel de mãe acolhedora, como nos diversos momentos em que ele contou detalhes sobre o sofrimento de relações anteriores, incluso da perda de um companheiro querido, chegando a emocionar-se e chorar.

O encontro foi percebido como satisfatório, tanto para a entrevistadora como para o casal, que teve a possibilidade de compartilhar suas histórias, até mesmo organizando discursiva e psiquicamente sua trajetória conjugal. Ao final da entrevista ambos demonstraram interesse em saber mais sobre a pesquisa, se disponibilizando em ter mais encontros caso fosse necessário e também apresentando desejo em ter acesso ao estudo quando concluído.

2. Família de Origem e Identidade Homossexual

Diante do pedido da pesquisadora para contar sobre suas famílias de origem, Alex tomou frente e sugeriu que eles comessem então falando de suas mães, o que denota a relação de proximidade com essas figuras. Alex começou contando que sua família é de origem européia e contou da migração de seus avós (paternos) da Europa para o Brasil e logo começou a contar da origem de sua mãe, que veio da Ucrânia na época da guerra, no ano de 1948. Ele faz um breve relato de como os avós e a mãe chegaram ao Brasil e começa a falar sobre a questão da homossexualidade na família. Alex tem apenas uma irmã, que, segundo ele, casou cedo para sair de casa, devido às brigas frequentes de seus pais. Conta que sua irmã sempre aceitou e respeitou sua homossexualidade, entretanto, eles convivem pouco. Alex diz

que ela é muito irresponsável, que deveria tomar emprestado um pouco da sua preocupação e responsabilidade.

Relata que seus pais se separaram quando ele tinha 15 anos e com isso perdeu bastante o contato com seu pai. Alex justifica a separação pelo fato de seus pais brigarem muito, sendo que este até chegou a violentá-la. Conta que sua mãe vive em seu apartamento, no qual ele vai quase diariamente e justifica dizendo que é devido ao fato de sua mãe ser uma “*senhora de idade e depressiva*”. A mãe aparece então, como um empecilho na relação conjugal, na intimidade do casal, já que este não vive em tempo integral com o parceiro devido aos cuidados que esta mãe demanda.

Quando questionado sobre sua relação com os pais, ele começa dizendo: “... *a minha relação com os meus pais, eu achei que assim, em termos da homossexualidade...*”, em seguida, conta alguns momentos mais marcantes como o momento da separação dos pais, o início do relacionamento do pai com uma sobrinha de sua mãe, o quanto sua mãe ficou magoada com o ocorrido, sua retomada do contato com o seu pai, até a atual relação destes. Alex demonstra, a partir de sua primeira frase (acima), o quanto a elaboração do conflito acerca da identidade sexual está vinculado a aceitação e apoio da família de origem.

Alex contou de sua infância com nostalgia, dizendo que apesar da situação financeira não ser das melhores, lembrava ter sido muito feliz. Sobre seu pai, ele contou que este foi bastante participativo, ensinando-lhe muitas coisas e brincando com os filhos. Entretanto com a separação de seus pais, afirma que perdeu o contato com o pai e o via com pouca frequência. Atualmente Alex diz que vê o pai em feriados ou festas de fim de ano, na casa onde vive seu pai, na praia.

Após um breve panorama sobre sua vida como filho retoma a questão da homossexualidade esclarecendo que ele nunca teve que “*assumir-se*” como homossexual, mas que as coisas aconteceram naturalmente, seus pais supostamente sabiam e não se falava sobre isso, ou seja, perdurava o não-dito acerca da homossexualidade.

Apesar de Alex dizer que sua família sempre o aceitou, ele falou bastante sobre o preconceito sofrido por ser homossexual, referindo-se à forma como as religiões e a sociedade em geral repudiam a homossexualidade: “... *na minha opinião, a gente sofre mais do que os heterossexuais, porque a gente tem motivo a mais, porque a gente é excluído...*”. Essa fala traduz a sensação que Alex tem de estar à margem, de ser discriminado, quando na realidade parece que a questão da elaboração da sua própria homossexualidade está, todavia, pendente e

há então um preconceito internalizado. O não reconhecimento desse preconceito parece estar relacionado com o não-dito da família acerca de sua sexualidade.

A respeito de sua família de origem, Roberto conta que vieram da Bahia e sua criação se deu na região leste da cidade de São Paulo, logo ele adentrou a questão da assunção da homossexualidade: “... *hoje o relacionamento com a minha mãe é melhor, já foi mais conturbado,..., em relação à minha sexualidade mesmo, eu contei pra ela que eu era gay aos 19 anos, mas ela inconscientemente ou não já sabia, e aí foi meio traumático, né? ela ficou mal e eu também, aí ela pediu pro meu pai vim conversar comigo, ele foi, ele foi no quarto, aí conversou, aí ele perguntou diretamente pra mim, e eu confirmei, aí, eu não agüentei eu saí e fui pra casa da minha tia...*”

Roberto contou que sua mãe lhe disse que jamais aceitaria sua homossexualidade e seu pai também, entretanto, não se falou mais no assunto e com o passar do tempo parece que eles foram se acostumando com o fato; “... *acho que com o tempo eles foram aceitando, foram vendo que isso não tava interferindo negativamente na minha vida profissional*”.

A revelação de sua homossexualidade para o pai parece ter sido sentida como insuportável por Roberto, não sendo possível permanecer no mesmo ambiente. Roberto não diz que seu pai lhe repreendeu ou maltratou nessa primeira conversa, mas sim, que ele próprio o fez, resolveu às pressas sair da casa dos pais (uma pequena fuga), para onde retorna pouco tempo depois, resgatado por seu pai. Apesar disso, ele relata que logo que fez a revelação sentiu um grande alívio e a partir desse momento começou a se relacionar com “*homens de fora*”, pois antes ele só tinha namoros com primos e amigos da rua.

Roberto tem um irmão, oito anos mais novo, se recorda que na época em que se assumiu como homossexual seus pais lhe pediram para não levar “*machos*” para casa por respeito ao seu irmão e aos pais, o que ele diz que inicialmente ele obedeceu, mas com o passar do tempo ele começou a levar seus amigos, os quais foram bem recebidos na casa. Ele contou que aproximadamente um ano depois seus pais se separaram e ele ficou morando com o pai, pois sua mãe havia deixado a cidade. Relata uma relação com o pai de proximidade e que hoje em dia ele parece ter aceitado sua homossexualidade, acolhendo os namorados do filho e reconhecendo-os como tais.

3. Desenhos, Idealizações e Imaginários Familiares

No DF-E de Alex, com o título: “Um lar feliz”, ele representou a família de seus sonhos vivendo na praia na cidade de Búzios, pois ele gosta muito de lá e em um dia comum (durante a semana). Ele mostrou-se tranqüilo para fazer o desenho e a atividade pareceu ser bastante prazerosa. Divagou sobre os sonhos para seu futuro e contou a situação representada no desenho: um deles dentro da casa (Roberto) e o outro (Alex) fora, chegando em casa vindo da escola com os dois filhos (um casal). A casa desenhada não tem porta, apenas aparecem as janelas abertas, o que indica a impossibilidade de intimidade. Alex desenha-se atuando como pai, enquanto opta por deixar seu companheiro Roberto dentro de casa, o que pode indicar seu desejo de divisão das funções na família. Alex parece pontuar que seu desejo de ser pai é mais vivo e urgente que o de seu companheiro, quando relata: *“... eu às vezes fico apreensivo só por causa da minha idade, eu falo pra ele, porque eu acho que quando a gente chega em uma certa idade a gente tem que correr atrás do tempo, eu tô com quase 49 e eu também não quero adotar uma criança pra ser avô dela, eu quero ser pai...”* e chega até mesmo a projetar em seu companheiro esse desejo: *“Alex: a gente não definiu ainda, parece que você quer uma menina, né? Roberto responde: eu não sei ainda... Alex: achei que você tinha comentado alguma coisa...”*.

Ele desenha oito gaivotas no céu, pois se conheceram no dia oito. O desenho todo foi colorido e o aspecto geral deste é bastante infantilizado, confirmado também pela presença do sol. Alex em sua produção pôde colocar suas angústias acerca do desejo de ser pai, traduzida por uma parentalidade que o separa de seu companheiro, ou seja, seus projetos futuros parecem não ir de encontro aos do parceiro. Por outro lado, ele tenta resgatar a conjugalidade do casal ao desenhar as gaivotas, como símbolo da união do casal.

Já Roberto em seu DF-E, com o seguinte título: “Uma família feliz”, desenhou o casal com o filho separando-os. O filho desenhado entre os pais pode representar a dificuldade de associar em seu psiquismo a idéia de homossexualidade e parentalidade. Inicialmente ele diz que não sabe desenhar muito bem, mas logo dá início à sua produção e parece sentir prazer nesta. Coloca as cores das roupas dos dois pais mescladas na roupa da criança, indicando o desejo de que esta tenha características de ambos. Roberto desenhou e foi concomitantemente explicando os motivos de sua produção, em uma tentativa de controle. Seu desenho também foi colorido na totalidade e apresenta sol, entretanto, não possui aspecto tão infantilizado como o de seu companheiro, indicando maior grau de maturidade psíquica. Ele relatou que era um dia livre e que estavam passeando. A casa desenhada está com a porta aberta (a porta

não aparece no desenho) e as janelas também, o que indica a falta de intimidade existente na vida conjugal desse casal.

Ambos os DF-Es apresentam estereotipia, o desenho de uma família homoparental feliz. O desenho pode ser sentido como “encomendado”, considerando-se o tema da pesquisa e a entrevista recém ocorrida. O desejo de ser pai aparece de formas diferentes nos desenhos. Alex representa sua angústia diante da diferença de desejos entre os dois, ele com uma urgência para ser pai e Roberto em momento de construção de sua carreira como prioridade nos planos de futuro. O conflito vivido por ambos diante da falta de privacidade (uma casa só deles) apareceu em ambos os desenhos, como um empecilho na vivência tanto da conjugalidade como da construção de uma representação parental mais próxima da realidade.

4. Conjugalidade

O casal mostrou-se próximo e vivendo uma conjugalidade complementar, já que Alex dominou a conversa devido à sua necessidade de acolhimento, enquanto seu companheiro (Roberto) permanece em uma posição de maior passividade, aceitando-o e falando mais em momentos pontuais, fazendo comentários ou acrescentando alguma informação julgada importante.

Seus discursos não apresentaram conflitos, mas sim, certas descobertas acerca de alguns assuntos, por exemplo, a parentalidade, quando Alex diz que Roberto quer ter uma filha menina e Roberto comenta que não havia pensado nisso antes. O casal parece estar estruturado sobre uma identificação projetiva, na qual ainda falta tempo de convivência e possibilidade de vivenciar uma privacidade conjugal.

O discurso manifesto do casal inclui o plano da estabilidade financeira primordialmente, a fim de que eles possam morar juntos e desfrutar de privacidade. Além disso, há o desejo de poder adotar filhos, apesar de parecer distante da realidade, já que eles sequer conversaram sobre isso como um plano concreto e real, permanecendo apenas na dimensão da fantasia.

5. Representação Parental

A representação parental deste casal ligada às famílias de origem denota a íntima relação de ambos com as mães, em comparação ao relacionamento com os pais. Segundo seus

relatos, a flexibilidade apresentada pelas mães ao aceitar a homossexualidade dos filhos mais rapidamente que os pais, faz com que estas se tornem aliadas dos mesmos. Ambos relataram boa relação com os pais também, entretanto, não tão significativamente como com as mães. No caso específico de Alex, a mãe permanece como um impeditivo para a concretização da união do casal.

Quando questionados sobre o desejo de serem pais, o casal demonstrou inconsistência em seu discurso. A impressão foi a de que o assunto não fora conversado no plano real, mas apenas como uma idéia, uma fantasia. Por ora, percebe-se que a idéia da homoparentalidade para o casal permanece conflituosa e distante, primeiramente pela dificuldade de Alex separar-se da mãe, que leva à dificuldade de deixarem seus lugares de filhos. Ambos comentaram conversas com suas mães acerca da possibilidade de adotar crianças e ambas as mães mostraram-se apreensivas com o exercício da homoparentalidade e possíveis efeitos negativos na educação/criação dos filhos. O apoio da família de origem apareceu como um fator de peso nas decisões dos cônjuges, reforçando a necessidade de elaboração do conflito oriundo da aceitação da homossexualidade de um diante do outro.

Relato da entrevista com o Casal 3 – Breno e Carlos

Data da entrevista: Novembro de 2010

Breno (49 anos) e Carlos (45 anos) se conheceram através de um grupo terapêutico (reichiano) e vivem em união estável há mais de quinze anos. Carlos era namorado do terapeuta do grupo e após conhecer Breno começaram a relacionar-se. Ambos já haviam vivido outras experiências homossexuais e heterossexuais.

Breno é médico pediatra e Carlos trabalha com decoração de interiores. O casal vive junto em uma casa própria, relatam viver um relacionamento aberto, no que se refere à questão sexual. Ambos dizem não acreditar na possibilidade de monogamia, prezam a lealdade em prol da fidelidade. Com relação à homossexualidade e aceitação própria, Breno relatou que desde criança se recorda tendo interesse maior por homens e que sua família

sempre o apoiou e respeitou, dado que facilita o sentimento de pertencimento não só familiar como social.

Breno contou que sua família sempre foi muito unida e que sua relação com os pais era boa, afirma que a revolta inicial, quando começou a se dar conta de sua homossexualidade, nunca esteve relacionada à sua família, mas sim, a uma confusão de sentimentos diante do padrão estabelecido pela sociedade, ele disse que sabia que “*não deveria sentir atração por homens*”. Relata ainda que em sua pré-adolescência e adolescência viveu com um sentimento de culpa que não entendia muito bem e sabia que seu interesse por homens não deveria ser compartilhado com ninguém, até que, aos vinte anos de idade, diante da “*conturbação*” dele, sua irmã sugeriu que fizesse uma terapia. Ele contou que foi à terapia e rapidamente (em três meses aproximadamente) se esclareceu a situação e decidiu assumir-se como homossexual para a família; “*... me descobri, era homossexual, porque se fosse hetero seria outra pessoa, entendeu? então foi bom, tive que me aceitar exatamente do jeito que eu era, e aí pronto, meus problemas se encerraram, de aceitação, enfim... e aí beleza, e a partir daí eu falei pra minha família, e foi a melhor coisa que eu fiz, eu sempre estimulo jovens assim, o apoio da família é muito importante, e foi isso que aconteceu comigo, eu tenho muito apoio, total, se gerou estresse enfim, não chegou ao meu conhecimento, para mim foi colocado de uma forma muito de apoio, sempre, sempre.*”, “*Nunca ouvi uma crítica, nada, eu sou a primeira coisa na minha família, nesse aspecto, o apoio foi total, de todos, irmãos, pais, Eu devo muito à eles, depois dos vinte anos ter acabado essa coisa em mim, porque a aceitação deles foi fundamental pra mim.*”

Ele diz que não se sente alvo de preconceito e que tem muitos amigos, tanto homossexuais, como heterossexuais; “*... então eu nunca vivi preconceito, não é que não existe nem... mas assim minha vida de homossexual, meu sofrimento foi comigo mesmo, na minha vivência foi completamente comigo, minha adolescência foi muito ruim por causa disso, eu vivia conflituado, mas não, não por razões externas, é por razões internas*”.

Breno enfatizou a importância que sua família teve no processo de auto-aceitação, o apoio destes permitiu que seu conflito se resolvesse de forma mais simples e menos dolorosa. Em seu relacionamento anterior (com o terapeuta) vivia em uma comunidade, que ele compara a um kibutz, onde moravam: ele, o namorado, uma arquiteta e uma psicóloga, com a qual o terapeuta havia adotado duas crianças. Eles viviam “*como uma família*” e ele se considerava pai das crianças também (as crianças o chamavam de “tio”), entretanto, com o rompimento do casal ele perdeu o contato com os “filhos”, dizendo que o outro pai (terapeuta)

“fez a cabeça” deles para que não mais o procurassem e nem aceitassem sair com ele. De qualquer maneira, Breno conta que deixou um terreno para os filhos e que não se arrepende de nada. Afirma que realmente perdeu o contato com esses “filhos”, mas que por morarem na mesma cidade ainda os encontra de vez em quando, eles conversam e sabem da vida um do outro.

Já Carlos relatou que veio de uma família mais fechada e menos compreensiva com relação à sua homossexualidade. Ele é o caçula de cinco filhos e contou que se lembra de uma infância bastante atribulada, por conta de uma mudança de cidade (Goiânia para Brasília), problemas de saúde de seu pai e a separação de seus pais. Quando ele estava com dez anos seu pai saiu de casa, dando início a um novo relacionamento, o que ele lembra com pesar, dizendo que a figura do pai foi muito ausente em sua vida. Relata: *“Não foi muito gostoso e fácil ser gay no meio de tantas conquistas e descobrimentos para todos e tudo ao mesmo tempo”*.

Com relação à mãe, ele disse que não se lembra dela como mãe, pois foi cuidado na maior parte da infância pelas irmãs mais velhas (a mais velha com diferença de 13 anos dele). A mãe sempre esteve ocupada para dar conta do sustento da casa. Carlos se identifica bastante com a mãe, afirma: *“Acho que sou o que sou hoje, pela educação que tive – determinado, obstinado, batalhador – características de minha mãe – uma mulher forte. Muito da doçura veio de meu pai.”* Ele contou que seu pai sempre foi visto como uma pessoa fraca e emotiva e que muitas vezes os membros de sua família lhe diziam que ele (Carlos) se parecia muito com o pai, o que o deixava chateado.

Diz que sofreu bastante com a falta de aceitação destes, aliando à um desconforto muitas vezes sentido no âmbito social, sentindo-se excluído e desvalorizado por sua condição. *“... tem uma discriminação feroz, tem! talvez ele não tenha sentido, eu senti”*. Carlos enfatiza que para ele foi difícil assumir-se como homossexual, tanto em casa como socialmente falando. Relatou discussões com sua mãe que esteve por muitos anos inconformada com o fato, tentando convencê-lo de que ele não era “gay”.

Atualmente eles contam que se relacionam bem com as famílias de origem e que estas inclusive freqüentam a casa do casal.

O casal menciona não querer ter filhos, pois já estão em uma fase de suas vidas na qual querem curtir a conjugalidade e não tem mais energia para cuidar de crianças, além de que, não querem mais a responsabilidade de criar e educar filhos. Breno diz que já vivenciou

a experiência de ser pai em seu relacionamento anterior. O casal refere o contato que tem com crianças, Breno por meio de sua atividade profissional (pediatra) e Carlos, através de um trabalho voluntário no qual cuida de crianças carentes algumas vezes por semana. Dessa maneira, eles relatam que tem o desejo de cuidar suprido. Além disso, contam que com bastante frequência recebem sobrinhos, irmãos mais novos ou filhos de amigos em casa. Falam de uma última experiência recente, na qual uma sobrinha de Breno ficou hospedada na casa do casal por alguns meses, durante um curso que realizava na cidade, e o quão prazeroso é para eles receber parentes e amigos em casa.

Apesar disso, Carlos falou de seu medo de que sem filhos (sem ter de quem cuidar) eles possam vir a se tornar “ácidos” e denota seu desejo de ter a quem cuidar e a quem doar-se; “... *uma coisa que sempre me preocupou é por causa da acidez, né, “ah, homossexual que não tem filho e que vive muito só pros dois, mesmo, acaba ficando, ou, não precisa ser homossexual, pode ser uma solteirona ou alguma coisa assim, a pessoa acaba ficando muito, eu acho, muito individualista, egoísta, olhando só pro umbigo, então se é uma pessoa bem resolvida financeiramente, socialmente, afetivamente, se é uma pessoa que pode ficar um pouco mais amarga, muito egoísta, a coisa assim de ser, mesmo uma pessoa ácida às vezes, porque eu acho que o fato de você ser pai, cuidar de outra pessoa e tudo e tal, vai fazer com que você tenha experiências que, ah, “você só vai entender o que é ter um filho, quando você tem um”*”

Com relação ao trabalho voluntário que está fazendo, diz: “... *eu busquei isso pra desenvolver isso dentro de mim, de estar doando algo sem interesse algum, só pra desenvolver alguma coisa distinta dentro, em vez de ser tanto de doar, eu sei que ganho muito mais com isso do que eu to dando, entendeu? ...a vontade de ser pai eu não tenho não, no momento..., eu acho que nem agora, nem depois, né?”*”.

Desenho-estória da família de Breno (Anexo VI)

Título: “Minha família”

Breno desenhou duas figuras palito (dois homens) e escreveu sobre estes seu nome e o de seu companheiro. O desenho é bastante simples e ele não o coloriu. Ele apenas diz que é a sua família, ele e Carlos.

Desenho-estória da família de Carlos (Anexo VI)

Título: “Minhas famílias”

Carlos desenhou também figuras palito (com o detalhe da ausência dos olhos), duas fileiras com duas famílias (como ele relata, a de origem e a atual), um sol vermelho e ao lado do casal (ele e o companheiro) uma estrada na diagonal com sentido à família de origem, uma seta de via dupla no mesmo sentido e, por fim, três pontinhos com um ponto de exclamação ao lado (direito) do casal. Quando questionado, disse que era *“a primeira família e a atual. Na primeira, tem o pai, a mãe e os seis irmãos.”*

Análise do encontro com o Casal 3

1. Observações da pesquisadora e aspectos transferenciais e contratransferenciais.

A entrevista foi marcada através de troca de emails com Carlos, que confirmou o encontro após consultar seu companheiro. A pesquisadora foi recebida por Carlos que lhe abriu a porta e deu as boas vindas, ao chegar à sala avistou o companheiro, Breno, que se aproximou juntando-se a nós. O casal ofereceu-lhe água e perguntou como havia sido chegar até a casa deles, fazendo-a sentir-se confortável para a realização da entrevista. A casa era grande e bonita, além de bem organizada. Nos sentamos no sofá da sala na seguinte posição: Carlos e a pesquisadora no mesmo sofá e Breno na poltrona lateral ao sofá, ao lado de Carlos.

O casal quis saber a respeito da pesquisa antes de começarmos a entrevista e fizeram diversas perguntas sobre o estudo, assim como, acerca dos interesses profissionais/acadêmicos da pesquisadora. Foi uma breve conversa informal que pareceu importante para deixar o casal à vontade para a entrevista. Ambos mostraram-se interessados e relataram admirar a iniciativa da pesquisadora na escolha do tema da pesquisa.

Durante o encontro, Breno manteve uma posição mais formal, de maior distância em relação à pesquisadora, respondendo às perguntas que lhe eram feitas de forma objetiva e sem profundidade. Tal postura pode estar relacionada ao fato dele ser médico e estar acostumado à ocupação de um lugar de maior poder hierárquico, usualmente vivido na relação médico-

paciente. Já Carlos apresentou uma postura mais igualitária, mais próximo à pesquisadora, compartilhando recordações e sentimentos, perguntando e pedindo opiniões a esta. Ficou claro o desejo de escuta de Carlos, através do compartilhamento de sua história que lhe permitiu organizá-la e legitimá-la.

Breno apresentou-se mais dominador diante de seu companheiro, tomando a palavra para responder as perguntas ou mesmo organizar os discursos, dizendo “*eu começo e depois você fala...*”. Entretanto, ele falou menos e com menos vivacidade afetiva, enquanto Carlos deu vazão à suas memórias, relatando as vivências e sentimentos, chegando a emocionar-se com esses. Breno demonstrou forte resistência em retomar temas passados, enfatizou diversas vezes que não tem o costume e nem gosta de ficar relembrando, “*revivendo o passado*”. Explicou que eles não falam sobre esses assuntos e estavam falando apenas diante do pedido da pesquisadora, “*... a gente lembra, mas eu não vivo o passado, eu gosto muito de história, mas não vivo, eu vivo o presente, entendeu? eu sou muito pragmático na minha vida, e hoje, o futuro é hoje!*”. Breno denota o seu incômodo diante da necessidade de entrar em contato com seu passado, apesar de insistir em dizer que o que passou foi bem elaborado e não causa mais dor, passando a impressão de utilizar-se fortemente do mecanismo de defesa de negação, a fim de dar conta de algo difícil, possivelmente relacionado à questão homossexual.

A pesquisadora notou uma transferência positiva em relação a Carlos logo no início da entrevista, uma vez que ele mostra-se desejoso de acolhimento, como um pedido inconsciente para que a pesquisadora compreendesse e apoiasse suas falas. Quanto à Breno, devido à dificuldade percebida em mostrar sua fragilidade e necessidade de aceitação, não houve tempo para o estabelecimento de uma transferência positiva, permanecendo uma atmosfera de desconfiança e distanciamento. Contra-transferencialmente, a entrevistadora sentiu-se mais à vontade ao dirigir-se a Carlos, com quem exerceu um papel maternal em alguns momentos. Com Breno, a sensação da pesquisadora foi de apreensão, cuidado com as palavras devido ao receio de que pudesse adentrar assuntos indesejados por ele, papel muito próximo ao de uma “filha” ou até mesmo de “paciente”, o que denota a necessidade de Breno manter-se no controle, dificilmente demonstrando suas fraquezas e falhas.

Ao final do encontro, deu-se uma conversa sobre filmes e livros acerca do tema da homoparentalidade, Breno elogiou a pesquisadora e mostrou-se interessado em ter acesso ao trabalho quando concluído e agradeceu pela vinda da pesquisadora até sua casa. Os cônjuges ofereceram bolo à entrevistadora e Carlos foi até a cozinha buscar, servindo-a. A entrevistadora deixou a casa dos entrevistados preocupada com a mobilização causada no

casal, especialmente em Breno, pois o mesmo verbalizou a dificuldade de entrar em contato com sua história logo no início da entrevista. Carlos deixou claro seu desejo acerca de que o encontro pudesse ter durado mais e que se repetisse outras vezes.

A entrevista foi sentida como satisfatória, pois permitiu o estabelecimento de transferências diferentes com cada cônjuge e despertou sensações e sentimentos ricos para reflexão ao longo do trabalho.

2. Família de Origem e Identidade Homossexual

Breno relatou que sua família sempre o apoiou e que a relação entre os familiares costuma ser bastante harmoniosa, pois são muito unidos. Ao contar de sua família, ele falou de forma superficial enfatizando a força e a importância dos vínculos na família. Contou que sua família veio do Nordeste e que sempre foi bastante conservadora. Afirma ter mais dois irmãos (uma mulher e outro homem) e que sempre tiveram uma relação de muita cumplicidade. Segundo ele, os irmãos foram os primeiros a saberem de sua homossexualidade e, foi sua irmã, que diante de seu sofrimento, lhe aconselhou a fazer terapia.

Breno repetiu diversas vezes durante a entrevista a importância da aceitação e apoio da família na elaboração do conflito acerca da identidade sexual, tomando como exemplo o seu próprio caso. Contou que jamais sentiu qualquer tipo de preconceito por parte de sua família, e tampouco fora da família, enfatizando que o seu conflito esteve sempre ligado à sua exigência interna e que uma vez resolvida essa questão (segundo ele com a ajuda de um breve período de terapia) não teve mais dúvidas ou angústias relacionadas à sua homossexualidade. Essa postura denota a presença do mecanismo de defesa de negação e racionalização, por meio do qual ele se recusa a olhar o sofrimento sentido através do viés da racionalização.

Carlos optou por contar a história de sua família de origem com muito mais detalhes e pareceu bastante mobilizado ao relembrar assuntos como a falta de aceitação de sua mãe e a ausência do pai. Contou que seus pais brigavam muito e que se separaram quando ele tinha dez anos de idade, seu pai estava em outro relacionamento e sua mãe decidiu mudar de cidade com os filhos. Ele é o filho caçula de cinco irmãos, relatou que foi criado pelas irmãs mais velhas, pois sua mãe precisava trabalhar. Afirma que se lembra desse momento com muita dor, descrevendo que foi um momento conturbado em sua vida aliado ao fato de perceber-se diferente, “*homossexual*”.

Carlos demonstrou identificar-se com a mãe, ao dizer que eles se parecem por sua força e obstinação. Segundo ele, as pessoas da família costumavam dizer que ele se parecia com o pai, por ser emotivo e fraco, o que o deixava chateado, apesar de admitir que sua doçura viera de seu pai. Sua referência masculina parece desobjetalizada, pelo fato de ter sentido seu pai ausente, além de apresentar características consideradas femininas, tais como: doçura, afeto e fraqueza. A tentativa de Carlos distanciar-se desse modelo e conseguir constituir-se como homem parece ter exigido dele uma identificação com a mãe, que apesar de ser mulher, carrega aspectos viris: força e obstinação. O pai apareceu no discurso de Carlos apenas como uma imagem que o abandonou, foi trazido como uma figura desprovida de poder.

A respeito de sua assunção como homossexual, afirmou que não foi tão fácil quanto a de seu companheiro, contando que sua mãe não aceitou e que durante anos tentou convencê-lo de que havia “cura” para sua homossexualidade. Ele contou que decidiu sair de casa após um processo terapêutico, no qual havia decidido responsabilizar-se por suas escolhas; sendo esse um momento marcante, pois significou a ruptura com sua mãe, que ainda não aceitava sua homossexualidade. Segundo ele, com o passar dos anos sua mãe foi aceitando e atualmente respeita a vida de seu filho, frequenta a casa do casal e tem um bom relacionamento com eles. Ainda, conta que a perdoou por toda a dor que lhe causou, pois entende a falta de conhecimento da mãe na época. Ele falou bastante sobre sua mãe e com forte carga afetiva, o que demonstra a importância dessa mãe na vida do filho. Devido a falta de aceitação da família, Carlos afirma que por algum tempo tentou convencer-se de que não era homossexual e desejava ser como todos esperavam que ele fosse. Parece, ainda, carregar certa homofobia internalizada e diz que sente que existe bastante preconceito ainda nos dias de hoje.

Demonstrou estar muito ligado à sua família de origem, quando questionado sobre como seria a família ideal, ele respondeu referindo-se à família de origem: “a família ideal é a minha, sabe, eu acho assim, eu adoro minha mãe, acho que ela poderia ser melhor, eu poderia ser um filho melhor, sim, minha irmã, meu irmão e tudo e tal. A família do Breno é outra família que eu admiro, uma família super bonita, onde se respeitam e tudo e tal, tem as dificuldades a gente se emociona e tudo e tal, porque você nasceu ali, você tem coisas a resolver ali”. Ele, todavia, não consegue deixar seu lugar de filho, diz que não quer ter filhos como forma de agradar e concordar com o discurso de seu companheiro, porém, deixa claro seu desejo e preocupação com o tornar-se pai, como uma etapa fundamental na evolução dos seres humanos.

3. Desenhos, Idealizações e Imaginários Familiares

Breno, em sua produção do DF-E, desenhou duas figuras-palito (com sorrisos no rosto) e colocou os nomes sobre estas, o seu nome e o de seu companheiro. Na estória contou apenas que essa era a sua família, ele e seu companheiro. Não usou cores e fez seu desenho da forma mais simples possível. Após o pedido de um título para o desenho, escreveu na parte inferior “Minha família”. Através do DF-E de Breno pode-se perceber que a superficialidade do discurso dele também apareceu no desenho, como uma tentativa de não aprofundar muito no tema. O esforço para manter o discurso e o desenho dentro de um padrão estereotipado revela a dificuldade de um olhar interno e do contato com possíveis assuntos e/ou sentimentos que possam causar angústias.

Já Carlos, em seu DF-E, desenhou ele e seu companheiro e, acima deles, ligados por uma seta de dupla direção, sua família de origem. À esquerda da família de origem desenhou um sol e à direita do casal uma estradinha que leva em direção à família de origem, além de três pontinhos com um sinal de exclamação. A presença de sua família de origem no desenho, ligada à sua família atual por uma seta de via dupla, além de uma estradinha, demonstra o quanto ele ainda está ligado à família de origem e depende desta para se constituir como ser no mundo, para formar família. Os três pontinhos denotam o desejo recalcado que ele ainda tem de que a família continue a crescer, de que venham os filhos.

Ele coloriu o sol, os chapéus e laços, as bocas, a estrada e a seta, indicando maior presença de afeto em tais itens. O sol trazendo o aspecto mais infantil do desenho, os chapéus e laços realçando o aspecto racional, pois estão posicionados sobre as cabeças, as bocas indicando a importância da comunicação. As figuras humanas de Carlos são figuras palito também e não possuem olhos, o que denota a impossibilidade de enxergar desses indivíduos, o que está relacionado com a dificuldade de olhar para sua própria homossexualidade. Carlos se desenhou duas vezes, com sua família de origem e com seu companheiro. Como título, ele escolheu: “Minhas famílias”.

4. Conjugalidade

O casal relatou ter se conhecido através do antigo terapeuta de Carlos, que era também o ex-namorado de Breno. Carlos contou que o conheceu em um momento marcante de sua vida, quando decidiu sair da casa dos pais e começar um “*processo de desconstrução para*

reconstruir uma identidade”, referindo-se a assunção de sua homossexualidade de forma integral. O encontro de Carlos com Breno parece ter tido um papel de facilitador no que diz respeito à construção dessa nova identidade homossexual, Carlos relata que, sendo Breno um médico respeitado, acreditou que isso pudesse ajudar na aceitação das pessoas diante do casal.

O casal mostrou-se próximo e compartilham de intimidade, entretanto, notou-se a discrepância de interesses entre eles, não assumida verbalmente. Breno parece ser a figura que impõe suas condições para o relacionamento e Carlos aceitou, assumindo um papel submisso na relação. Parece que decisões, como a de não ter filhos e a não monogamia sexual, foram aceitas por Carlos, como única forma de manter o casamento. Carlos demonstra em seu discurso, sem admitir objetivamente, que tem o desejo de ser pai e que tem receio de não tornar-se pai e das possíveis consequências disso.

Breno procura manter-se equilibrado e racional, buscando sempre olhar para frente e não para trás e parece que Carlos aceita esse jeito de viver e até lhe cai bem, pois Breno o impulsiona e o valoriza por suas qualidades. Entretanto, ele parece se incomodar com o excesso de afeto presente no discurso de Carlos e defende a filosofia de vida de que há que se aproveitar o presente e não sofrer com o passado, de que filhos dão muito trabalho e eles já não têm mais idade e querem aproveitar a vida tranquilamente. Breno mostra-se inflexível em vários momentos, demonstrando ter opiniões fortes, enquanto Carlos permanece frágil e submisso nessa relação. O casal parece ter um tipo de funcionamento complementar, Breno no papel ativo e dominador e Carlos no papel passivo/submisso. Carlos ocupa uma posição de filho em seu casamento e como tal não pode tornar-se pai, por isso talvez ele se conforme com a negativa imposta por seu companheiro.

5. Representação Parental

A representação parental ligada às famílias de origem aparece de forma bastante distinta para cada um dos cônjuges, para Breno parece estar pautada em uma relação de apoio mútuo e acolhimento, enquanto para Carlos carrega um peso da ausência do pai (após a idade de dez anos) e a falta de uma mãe acolhedora e feminina (que teve que trabalhar e deixou os filhos menores a cargo da filha de treze anos).

Breno relatou uma história familiar sem conflitos, com certo tom de idealização, entretanto, foi firme ao dizer que não quer ter filhos, pois sua vida não tem espaço para isso. Contou que já teve uma experiência como pai, sendo considerado o “tio” pelos filhos,

entretanto, relatou ter embarcado em uma história onde já havia uma família formada, o pai adotivo e a mãe adotiva das crianças, ele veio somente agregar, sem nenhuma responsabilidade legal sobre essas crianças. Atualmente eles não mantêm relação, ou seja, não há um vínculo filiativo entre ele e esses “filhos”.

Apesar de afirmar ter elaborado suas questões de identidade sexual e com a família, demonstra não conseguir conjugar em sua mente a vivência da homoparentalidade com seu contexto de vida atual, seja porque, segundo ele, seu casamento já pode ser considerado uma raridade, dado o longo tempo de união; como também, pelo conservadorismo possivelmente reprimido existente nele. Ele afirma em nome do casal que ambos não querem ter filhos, pois já passaram da idade e prezam sua liberdade. A seguinte fala aponta como para ele não é possível viver a parentalidade e a conjugalidade de forma satisfatória: *“... a gente tem muitos amigos, heterossexuais, que estão se separando agora depois dos filhos estarem mais velhos... a minha irmã, ta separada do meu cunhado... depois dos filhos estarem adultos, então a gente assim tem assim vários casais que estão se separando... depois a hora que fiquem um de frente pro outro, falam: quem é você? Então vão buscar um outro caminho. Então não construíram algo entre eles, que fosse, enfim...”*

Carlos, por outro lado, relatou uma história familiar com muita dor e dificuldade e expressou seu desejo claro de ainda vir a ter filhos, explicou seu desejo e o receio de não concretizá-lo e logo contou a forma encontrada para compensar essa falta, através do trabalho voluntário com crianças carentes. Sobre a possibilidade de ter filhos, Carlos contou: *“... no começo talvez a gente pensou e tudo e tal, mas nada que fosse tão forte ao ponto de tomar uma decisão, de ir e fazer, né? Mas uma coisa que sempre me preocupou é por causa da acidez, né?, a pessoa acaba ficando muito individualista, egoísta... eu acho que o fato de você ser pai, cuidar de outra pessoa, vai fazer com que você tenha experiências que, ah, “você só vai entender o que é ter um filho, quando você tem um”, mãe é mestre de falar isso, ah quando você tem filho tudo é diferente, você deixa de ser o seu centro e o seu centro passa a ser outro, você trabalha pra sustentar, você é capaz de dar a vida pelo outro, e mais quando é menorzinho e tudo e tal... Eu me preocupo, em não me tornar uma pessoa muito voltada pra si mesmo, de não ter a coisa de cuidar do outro, né? Aí agora eu to fazendo um trabalho, um serviço voluntário, pra tentar resgatar alguma coisa nesse sentido, ainda ta no início, mas a gente começa a ver uma aproximação, sobrinho é uma coisa, você vê uma vez, três vezes no máximo na semana, né? ...eu que busquei isso pra desenvolver isso dentro de mim, de estar doando algo sem interesse algum, só pra desenvolver alguma coisa distinta dentro, em vez de*

ser tanto de doar, eu sei que ganho muito mais com isso do que eu to dando, entendeu? ... a vontade de ser pai eu não tenho não, no momento, eu acho que nem agora, nem depois, né...”

Ao final do discurso, ele concluiu que também não quer ter filhos mesmo e portanto está de acordo com seu companheiro.

Relato da entrevista com o Casal 4 - Danilo e João

Data da entrevista: Dezembro de 2010

Danilo (22 anos) e João (31 anos) vivem em união estável há dois anos, se conheceram em 2008 pela internet. Relatam que tiveram um rápido envolvimento e que após alguns meses já estavam morando juntos (primeiramente dividindo casa com a tia de Danilo).

Danilo contou que tem mais quatro irmãos, dois irmãos mais velhos e outros dois com pouca diferença de idade, aproximadamente um ano de diferença. Relata que conviveu mais com os dois irmãos mais novos, pois os irmãos mais velhos se casaram cedo quando ele era ainda criança e, portanto, ele pouco se lembra desses irmãos. Seus pais sempre foram muito liberais no que diz respeito à educação, explicavam o que “*era certo e era errado e quais as consequências*”, mas permitiam que os filhos tomassem suas decisões. Foi com a autorização dos pais que os três filhos mais novos abandonaram a escola por um determinado período, pois não queriam mais estudar (Danilo se afastou por um ano e depois voltou). Afirma que sua família é evangélica e que isso também atrapalhou na compreensão e aceitação de sua escolha, já que eles acreditavam ser a homossexualidade “*coisa do diabo*”.

João relatou que vem de uma família tradicional, filho de mãe italiana e pai com ascendência alemã, que são bastante preconceituosos. Contou que tem boas recordações de sua infância e lembra que começou a trabalhar cedo para ajudar o pai no supermercado (da família). Ele também tem um irmão mais velho e uma irmã mais nova, com os quais tem um bom relacionamento.

Danilo trabalha em uma escola de informática e João em um consultório como psicólogo, além de ajudar seu pai no supermercado da família.

Sobre o início do namoro do casal, João contou que logo no princípio do relacionamento chegaram a trabalhar juntos: *“nessa época eu trabalhava numa ONG, que tinha projetos sociais pra população GLBT e também pra prevenção DST, HIV..., eu me flexibilizava nos horários que a gente podia se ver, daí foi indo, ele acabou participando também da ONG em algumas coisas...”*. Para ambos esse foi o primeiro relacionamento homossexual. João teve um relacionamento heterossexual e sua assunção como homossexual deu-se juntamente com o início do namoro com Danilo. João contou que sua família já desconfiava desde sua adolescência, mas não falavam sobre o assunto da homossexualidade.

Danilo falou, também, que acabou assumindo sua homossexualidade com o atual namoro e que antes disso, sua família desconfiava e perguntava-lhe, mas ele sempre se esquivava do tema. Relata que seus pais reagiram muito mal quando descobriram sua homossexualidade e que inicialmente acreditavam que ele tinha algum tipo de doença que poderia ser curada e lhe ofereceram ajuda com o que precisasse. Atualmente, ele diz que seus pais o aceitam e compreendem sua homossexualidade, entretanto há uma tia, com quem morou um período de sua vida, que ainda tem muita dificuldade em aceitar.

João relatou sua sensação de que a família já sabia de sua homossexualidade mesmo antes de contar: *“... no início da minha adolescência os meus irmãos já desconfiavam, meu pai tem família alemã, minha mãe é italiana, então é uma cultura bem preconceituosa, e isso foi silenciosamente passado, e foi super difícil pra mim no início, então, eu sempre pensava assim, no início, que enquanto eu não achar que eu posso morar com outro homem eu não vou... eu pensava assim comigo então de repente não é bem assim, eu ficava inventando desculpa pra mim mesmo, que então eu não era, que eu tava separando amor de sexo... aí, eu não me imaginava do lado de..., dormindo e acordando... e quando isso passou a fazer parte da minha, dentro de mim... não hoje eu posso, foi bem assim mesmo, de trabalhar, de ter contato com as pessoas, de ver que isso não é um bicho de sete cabeças...”*.

Ele (João) contou como fez para mostrar para a família que estava namorando um homem; *“eu botei a foto minha e dele se beijando no celular e de propósito também, uma hora alguém vai pegar no meu celular e vai ligar, eu sempre acabo esquecendo pela casa, e daí meu irmão que viu e daí ele contou, mostrou pro meu pai, mostrou pra minha mãe, sem falar comigo antes, foi super delicado, risos... Aí, ah, daí minha mãe veio falar comigo, daí eu falei com ela, ela foi super light, só queria que eu contasse pra ela, como era, como é que foi, porque eu sempre fui muito, mega reservado com a minha família. E com meu pai, não, daí ele já faz aquela cena, de sentar, né? Daí pediu pra eu contar as coisas, fez um interrogatório*

militar completo, daí eu respondi tudo e ele queria, ah, deu umas viajadas do tipo “Onde é que eu errei?” João relata que atualmente sua família aceita o relacionamento deles e convive bem com o casal.

O casal afirma que usa aliança como símbolo da união deles e que pretendem casar-se. Relataram que tem como planos o casamento e a conquista de estabilidade financeira, por enquanto não desejam ter filhos e que já tem um “*filhote*” para cuidar, que é a cachorrinha deles. Sobre o desejo de serem pais, Danilo disse; *“Ah, eu até tenho, é na verdade eu até já pensei, mas não sei não é a hora ainda”* e João; *“pra mim, não é a hora. Por enquanto a resposta seria não. Mas isso pode ser revisto...”*. E João concordou.

Ambos contaram que as famílias são “*tradicionais*” e “*conservadoras*”, mas que eles vêm se adaptando à nova realidade e o casal sente-se respeitado. João diz que Danilo faz parte da família e que seus pais apreciam a companhia e ajuda dele, *“... eles (pais de João) começaram a usar o computador recentemente, tem o computador aí que é deles, então o Danilo ajudou um monte, a explicar como é que é, ele mostra, corrige... e então é uma troca bem legal”*. O casal vive atualmente com a família de João e visitam a família de Danilo sempre que possível.

Diante da pergunta de como seria a família ideal, Danilo demonstra sua satisfação na relação: *“Família? Bom, eu já tenho família. Eu já tenho a cachorra, já tenho filhinha... e já tenho marido... e casado a gente já tá, né? Ainda precisa de aprovação, mas a gente já tá casado! já escolhi minha família, é isso acho. Eu acho simples assim, pra mim família é isso, é a minha família, não tem família ideal.”* E João responde que não acredita em família ideal, mesmo porque se sente um “*ET*” na sua e que o que busca na família é “*ser feliz*”: *“pra mim o que eu desejo é continuar com o Danilo e que a gente conquiste cada vez mais intimidade, que é o que a gente vem conseguindo, e que a gente tenha estabilidade material, que a gente ainda não tem, e que a gente compre a nossa casa, que a gente possa casar e ter os nossos direitos garantidos”*.

Desenho-estória da família de Danilo (Anexo VII)

Título: “A minha família”

Danilo desenhou seu companheiro e ele de mãos dadas, com a cachorrinha deles presa por uma coleira na mão dele, ambos estão sorridentes no desenho. No lado direito da folha ele desenhou uma casa. Desenhou um sol e três pássaros voando no céu. Ele não quis colorir o

desenho, entretanto, utilizou-se do efeito sombreado para preencher praticamente toda a folha. O desenho é infantilizado e idealizado e observa-se a falta das mãos nas figuras humanas.

Desenho-estória da família de João (Anexo VII)

Título: “Nós”

João também desenhou o casal de mãos dadas e a cachorrinha (solta) entre eles. O casal encontra-se entre uma montanha e uma árvore. Eles estão sorridentes no desenho também. Há um sol, por detrás de uma nuvem e um gramado com um caminho de pedras, que parece levar à árvore. No tronco da árvore há o “fantasma do pai”, o qual foi desenhado inicialmente e por ausência de borracha João optou por rabiscá-lo e desenhar a árvore sobre ele. Ele mesmo comenta que o pai se tornou o fantasma no desenho e desiste de desenhá-lo, preferindo restringir-se ao casal. O desenho também é infantilizado.

Análise do encontro com o Casal 4

1. Observações da pesquisadora e aspectos transferenciais e contratransferenciais.

A entrevista foi combinada através da troca de emails com João, que após confirmar com seu companheiro marcou a data e a hora do encontro. A pesquisadora foi recebida pelo casal, que veio recebê-la e abrir o portão juntos. Explicaram que fariam a entrevista em um quarto, pois a sala estava muito lotada com a mudança (móveis do casal da época em que viviam em cidade próxima). Ao entrarem na casa se depararam com a mãe de João, que foi apresentada à pesquisadora e pareceu não saber exatamente do que se tratava a visita, o que foi confirmado posteriormente.

Fomos até o quarto do casal e eles ofereceram uma poltrona para a pesquisadora e se sentaram sobre a cama. Explicaram que aquela casa era da família de João e que eles estavam ali vivendo há poucos meses, por isso a mudança deles estava ainda espalhada pela sala da casa, o que indica a instabilidade de tal relação conjugal, que parece estar sendo buscada por ambos.

O casal esteve sentado na cama de forma bastante confortável, mudaram de posição algumas vezes e Danilo chegou até a deitar levemente demonstrando o quão confortável ele estava na situação. O casal fez algumas perguntas sobre a pesquisa e mostraram-se interessados pelo tema. João aproximou-se mais da pesquisadora, parecendo identificar-se projetivamente com esta, por ser também psicólogo e por haver realizado trabalhos com a população homossexual. A pesquisadora foi bem recebida e rapidamente sentiu o estabelecimento de uma atmosfera de confiança, pautada em uma transferência positiva que ocorreu entre o casal e esta. Notou-se o desejo de escuta em João de maneira clara, ele foi quem falou mais e tomava a frente nas respostas, enquanto Danilo completava com algumas informações. João mostrou-se mais dominador e mais ansioso, falando bastante e Danilo manteve uma postura mais passiva (inclusive fisicamente, meio deitado) demonstrando grande tranquilidade e falando pouco.

Ambos mostraram-se extremamente confortáveis durante o encontro. Em diversos momentos ocorreu como uma conversa informal, na qual eles se recordavam de algum fato ou evento marcante e juntos reconstruíam a cena. Ao falarmos da família que se encontrava presente na casa onde acontecia a entrevista, João expressou seu desejo de proximidade com a pesquisadora ao dizer: “... *na verdade (a pesquisadora) é como se fosse uma amiga nossa que veio*”. Após o término do encontro o casal convidou a pesquisadora para saírem juntos, tomar um drink, o que demonstra o desejo de prolongar o encontro em ambiente fora da casa em que vivem com a família. A pesquisadora sentiu que as relações de bastante intimidade e afeto com as mulheres de suas vidas (mães, tias e amigas) facilitaram a identificação projetiva com estas figuras e consequente idealização da pesquisadora por também ser do sexo feminino, o que os possibilitou mais facilmente compartilhar suas histórias de vida.

O encontro foi percebido como satisfatório, para o casal pareceu uma possibilidade de reorganizar seus discursos biográficos e pensar em temas pouco conversados anteriormente, como a parentalidade. A pesquisadora sentiu-se em parceria com o casal, apesar da tentativa inicial desta em estabelecer uma hierarquia de posições (pesquisadora e entrevistados), encontrou-se em uma conversa bastante flexível e informal, tendo que lidar com essa forma de funcionamento relacional do casal. Eles demonstraram interesse em ter acesso ao trabalho quando concluído e se despediram da pesquisadora agradecendo-a pelo contato agradável.

2. Família de Origem e Identidade Homossexual

A narrativa de Danilo acerca de sua família priorizou o momento da descoberta de sua homossexualidade por parte destes, que ele conta que foi através da tia que vivia com ele e o viu compartilhando a cama com seu companheiro.

Ele contou que, devido à cultura religiosa (evangélica) e do olhar homofóbico de seus pais e tios, estes lhe ofereceram ajuda para um tratamento quando descobriram sua homossexualidade. Ele já não vivia mais com a família e relata que não se envolveu no processo deles de compreensão e aceitação dessa realidade. A família se mostrou muito preocupada inicialmente, e com o passar do tempo foram aceitando e compreendendo o filho: *“eles vão vendo como é que vai acontecendo e vai se naturalizando, tanto é que agora, pra eles é quase que normal porque eles estão vendo que é uma coisa que funciona”*.

O olhar da família de Danilo escancara uma realidade ainda muito presente nos dias de hoje, ligada à visão biologizante da homossexualidade, na qual considera-se a possibilidade de tratamento e cura desta: *“...eles falavam assim: se tu quiser ajuda, o pai e a mãe pode receber você em casa e vai atrás de ajuda” como se eu tivesse doente, e eu disse “não mãe, tá tudo certo”*. Danilo contou tudo isso de forma calma e divertindo-se relembando os fatos, assim como seu companheiro. Apesar de parecer ter sido um momento difícil de vivenciar, Danilo relata com extrema calma e graça, denotando a possível elaboração com conflito vivenciado.

Danilo falou bastante de seu pai, como uma pessoa muito tranqüila e ponderada, e de sua mãe como uma pessoa flexível, capaz de assimilar o novo, o que demonstra sua admiração por ambos. Relatou que sempre teve muita liberdade e que com sua família a relação era de muito respeito e amor. Atualmente a família dele os aceita e acolhe, e ambos parecem satisfeitos e felizes com isso, contaram que viajam às vezes com a tia dele e que visitam os pais de Danilo, que moram em cidade próxima, com frequência. Parece que a naturalidade e leveza com que Danilo enxerga a situação da homossexualidade relaciona-se também a aceitação (não imediata, mas progressiva) de sua família, ao acolhimento proporcionado por esta. Seu companheiro chega a dizer que a calma e a tranqüilidade são de família, que pode estar caindo o mundo e eles não se desesperam, mas permanecem juntos e procuram resolver o que quer que seja. O sentimento de pertencimento a essa família, por parte dos dois pode ser percebido no discurso dele, assegurando-lhes a certeza de que *“tudo vai dar certo”*.

João é o segundo filho de três irmãos e contou que sempre teve um bom relacionamento com a família, apesar de uma maior proximidade com a sua mãe, que segundo

ele é mais tranqüila que seu pai, descrito por ele como bastante sério e fechado. Ele contou que é filho de mãe italiana e que a família do pai é alemã, concluindo que são bastante preconceituosos.

Continuou relatando que levou longo tempo para assumir-se homossexual, pois tinha receio da falta de aceitação de seus pais. Segundo ele, inicialmente seus pais ficaram bastante assustados com a notícia de sua assunção, mas eles já se acostumaram e aceitam bem o casal; *“... eu acho que é super cedo pra dizer que se acomodaram com a idéia, mas eu considero que meus pais estão bem”*. João deu exemplos de situações que demonstram o acolhimento de seu companheiro por parte de sua família (eles vivem na mesma casa), como o compartilhamento de conhecimento de informática por parte do Danilo que ensina os seus sogros, dentre outras situações.

A narrativa de João sobre sua família foi feita primordialmente em forma comparativa à família de seu companheiro, explicitando como a família de Danilo é mais leve, principalmente seu pai, o que primeiro entendeu e aceitou sua homossexualidade. Em sua família foi o oposto, sua mãe foi a que o apoiou primeiramente e o pai levou mais tempo até *“engolir a história”*: *“... hoje em dia eu acho bem tranqüilo, ainda mais o meu pai que eu achava que nunca ia aceitar (a homossexualidade assumida) assim”*. Ele compara também os pais no quesito “stress”, dizendo que seus pais são muito nervosos e estressados, enquanto os pais do Danilo são o oposto e ressalta o quanto seu companheiro herdou deles essa característica.

Ao falar de religião, João contou que seus pais são católicos não praticantes e ele acredita na “Rosa Cruz”. A questão da religião parece ter servido para dizer algo mais complexo, acerca de um sentimento de não pertencimento: *“eu sou um ET na minha família, acho que lá em cima eles dizem ‘vamos sortear’”*.

3. Desenhos, Idealizações e Imaginários Familiares

O DF-E de Danilo, com o título “A minha família”, representa a família atual dele como explicitou em seu discurso, composta pelo casal e pela cachorra. O título vem a confirmar o sentimento de satisfação que há na vivência atual, sem apresentar idealizações.

Danilo, assim como João, não tem mãos, o que indica o sentimento de inadequação ou mesmo insegurança, que pode estar ligado à dificuldade na assunção da homossexualidade. O desenho todo foi preenchido com o efeito sombra, indicativo de ansiedade. O corpo dos dois

parece “desencaixado”, os quadris parecem estar soltos dos troncos, podendo indicar a dificuldade de lidar com a sexualidade.

João desenhou o casal de mãos dadas e a cachorrinha entre os dois e o título dado foi “Nós”. Há também uma árvore grande e assombrosa, que carrega o “fantasma do pai” (o pai foi desenhado inicialmente e depois rasurado), um sol, uma nuvem abaixo do sol e montanhas. Há um caminho de pedras que leva à árvore. Na copa da árvore há o esboço de um rosto (que seria o dele) e que ele decide fazer mais abaixo.

A dificuldade em desenhar a figura humana, ou mesmo em decidir o lugar onde desenhá-la, aponta a inadequação sentida por ele no mundo. A escolha por desenhar o pai e posteriormente a desistência acompanhada da piada de que ele pode ficar ali escondido pela árvore como um fantasma a vigiar, traduz seu sentimento relacionado a essa figura paterna, de autoridade e força. Ele preenche o tronco da árvore, onde se encontra o desenho da figura do pai, com traços mais fortes e escuros, o que indica a angústia despertada pela figura paterna.

Ambos optaram por desenhar a família como é hoje, constituída pelo casal e pelo bicho de estimação. Não representaram a possibilidade de exercerem a parentalidade, indicando a dificuldade em abandonar seus lugares de filhos para eventualmente assumirem o de pais.

4. Conjugalidade

O casal relatou que foi com a relação atual que ambos assumiram suas homossexualidades, tanto para a família como para a sociedade. O encontro dos parceiros, que ao se conhecerem descobrem que vivem um momento parecido no que se refere à sexualidade, permitiu a vivência da identificação projetiva de ambos, somado à uma idealização de futuro conjunta, ou seja, a vivência de uma ilusão de ter a mesma ilusão.

O casal mostrou-se, durante a entrevista, bastante consonante, vivendo um momento de construção relacional. Eles relataram os planos que tem, e dentre esses o mais urgente ligado à compra/aluguel de uma casa para eles, primando a intimidade conjugal.

João e Daniel parecem formar um casal complementar, pois o primeiro ocupa um lugar de maior atividade e até ansiedade, enquanto o segundo é mais passivo e chega a tranquilizar o companheiro. O casal relatou que os poucos conflitos que já tiveram estão

ligados a falhas na comunicação e com o passar do tempo estão aprendendo como se relacionar melhor e crescer juntos (como casal) e individualmente.

5. Representação Parental

Relatam não desejar ter filhos atualmente, mas que esse pode se tornar um plano mais adiante. Ambos mostram-se coesos em seus discursos e seus DF-Es vão de encontro às falas que confirmam o quanto não estão prontos para a paternidade e possuem outras prioridades e preocupações por ora. De qualquer maneira falam sobre a possibilidade da adoção e brincam sobre como seria adotar. Contudo, remetem aos comentários de familiares que, em algum momento, já se opuseram a idéia da homoparentalidade.

Pelo fato do pouco tempo frente suas assunções como homossexuais, parece que o processo de reconstrução identitária de ambos não está concluído e, encontra-se ligado à possibilidade de ser filho e aceito em suas famílias de origem. Em função de estarem vivendo na casa da família de um deles indica a impossibilidade de serem autônomos, não só financeiramente, mas também psiquicamente.

Portanto, parece não haver ainda uma representação parental acerca de uma projeção futura e com isso torna-se claro o quanto ambos não estão prontos para deixar o lugar de filhos.

Relato da entrevista com o Casal 5 – Gabriel e Leandro

Data da entrevista: Abril de 2011

Leandro (50 anos) e Gabriel (24 anos) se conheceram em 2006 pela internet, através de um site de relacionamentos (de encontros sexuais, casuais) e marcaram de se encontrar após algumas conversas online. Já no primeiro encontro deram início a um relacionamento (namoro) e nove meses depois, o casal decidiu morar junto na casa de Leandro, passando a dividir os gastos desta.

Gabriel trabalha em uma empresa multinacional como analista de sistemas e passa o dia fora de casa. Leandro é coordenador de projetos sociais da ONG¹, além de trabalhar com traduções (inglês-português) em casa. Eles contaram que o trabalho de Gabriel ajudou a aproximá-lo da família de Leandro, pois há momentos em que precisam de ajuda no que refere à computação e recorrem ao Gabriel.

Leandro diz que logo no início (aproximadamente terceiro mês de namoro) do relacionamento apresentou Gabriel para toda a família, no casamento de um sobrinho seu. Contou que apresentou o companheiro pelo nome, mas como a família toda já era ciente de sua homossexualidade, diz que era implícito o relacionamento. Segundo Gabriel, a situação foi como um “*tratamento de choque*” ao introduzi-lo no contexto familiar do companheiro de forma tão abrupta.

O mesmo continua relatando que vem de uma família italiana e tem seis irmãos, disse que sua família é bastante próxima e que costumam reunir-se com frequência, por exemplo, para comerem juntos. Ele lembra que sempre teve muita liberdade em casa, e relatou que na adolescência não precisava pedir para sair, apenas avisava aonde ia e na companhia de quem estava saindo. Leandro falou da mãe como bastante afetuosa e cuidadora, comparando-a com a “*galinha que protege os pintinhos*”, enquanto com o pai sentia uma distância maior. Sua mãe cuidava da casa e dos filhos e era freqüentadora da igreja.

O pai era comerciante, fazia entregas de cereais, e segundo Leandro sempre tinha muitas histórias para contar, apesar de não estar tão presente como a mãe. Leandro hoje o admira e relata que sua filosofia de vida se liga à sabedoria que lhe foi transmitida pelo primeiro.

Diz ainda que quando estava ao redor dos 30 ele começou a se sentir muito mais próximo de seu pai, descobrindo-o uma grande pessoa, conhecedora da vida. Ele relatou isso como um processo de inversão bastante interessante, pois até seus 25 anos se considerou muito mais identificado com a sua mãe. Contou um episódio em que seu pai assistiu a um programa na televisão em que o filho era entrevistado em um movimento de militância gay e comentou com este que havia gostado das pontuações. Para Leandro esse foi um momento muito importante, pois se sentiu aceito como homossexual.

¹ Associação civil sem fins lucrativos fundada em 1995 cuja missão é a defesa dos direitos civis e humanos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.

Leandro afirmou que a assunção de sua homossexualidade ocorreu de forma natural em sua casa, com sua família. Ele relatou que não houve um momento específico em que contou de sua homossexualidade, mas que considera que sua família sempre soube, em especial por sua atuação desde jovem na militância homossexual. Relata que como seu pai está mais velho e esteve hospitalizado recentemente, ele visita os pais uma ou duas vezes na semana.

Gabriel vem de uma família, segundo ele, bastante conservadora, portanto, demorou a compreender e aceitar a homossexualidade do filho. Ele descreveu sua infância como comum, sua mãe cuidando da casa e seu pai trabalhando fora e dois irmãos, um gêmeo fraterno (que os vestiam iguais). Refere-se ao pai como uma pessoa bastante inflexível, justificando por ele ser maçom.

Sobre sua homossexualidade, revelou para sua mãe quando tinha 17 anos e ela foi se acostumando aos poucos. Já o pai descobriu ao mexer em suas coisas (encontrando uma carta de um namorado anterior) quase dois anos depois. Seu pai foi mais resistente com a questão de sua homossexualidade, recusando-se a falar com o filho por anos (aproximadamente quatro anos). A resistência em sua casa foi dura e ele conta que sofreu com a falta de aceitação de sua sexualidade. Ele contou que seus irmãos sempre o aceitaram e eles se relacionam bem, o visitam e às vezes dormem em sua casa. Atualmente ele tem pouco contato com a família de origem, mas que quando os encontra, com exceção de seu pai, eles sempre perguntam pelo seu companheiro.

O casal contou que a data da entrevista foi o primeiro dia em que seu pai fora até a casa deles. Quando a pesquisadora chegou à casa do casal, a família (os pais, a avó e um irmão) de Gabriel estava se despedindo e indo embora após o almoço. Havia ido a casa deles para buscar uma máquina de lavar e para o casal parecia muito importante poder recebê-los e oferecer uma refeição.

Leandro apresentou a questão da divisão das tarefas domésticas como uma das dificuldades do casamento, pois Gabriel se recusava a participar delas como lavar a louça. Resolveram esse tipo de impasse dividindo as tarefas de casa de acordo com o que cada um prefere fazer, por exemplo: Leandro gosta de cozinhar e lavar a louça, enquanto Gabriel prefere varrer e passar pano no chão. Quando eles explicam essa divisão comparam com as divisões consideradas femininas e masculinas e como tentam não cair na rigidez dos papéis de gênero: *“mulher que fica em casa e o marido que trabalha fora e, portanto, não ajuda com as*

tarefas de casa”. Gabriel deixou claro que não gosta de cuidar da casa e Leandro precisa estar com frequência cobrando para que ele faça a sua parte.

No tempo que eles têm livre costumam ficar em casa, sendo esta a preferência de Gabriel, e como Leandro gosta mais de sair às vezes eles vão ao cinema ou ao teatro. Preocupam-se em manter a relação sempre nova, dizem temer que a relação “*caia no automático*” e buscam sempre algo novo para animar o cotidiano do casal. Atualmente eles frequentam as casas de ambas as famílias de origem, embora com mais frequência a casa da família de Gabriel.

Eles são casados na igreja (adventista) e contaram que a cerimônia, “benção de união” foi coletiva, com mais quatro casais. Ambos referem-se ao casamento como algo muito significativo para eles, onde muitos se emocionaram. Leandro falou bastante da importância da visibilidade da cerimônia, da possibilidade de tornar pública a relação matrimonial. Aproximadamente um ano depois eles oficializaram a relação no cartório da região onde vivem juntos há cinco anos.

Atualmente eles contaram que estão em um momento de contenção de gastos, pois Leandro está desempregado, trabalhando apenas com a coordenação da ONG. Por essa razão estavam pensando em não viajar nas próximas férias, entretanto Leandro contou que acredita ser importante poder descansar e “*não deixar a relação cair na mesmice*” e assim decidiram fazer uma viagem mais econômica.

Com relação à família ideal, Leandro refere ao livro da autora Roudinesco e explicita a grande busca pelo casamento e constituição de família, mesmo pelos homossexuais, e concorda com suas idéias. Ele disse que não acredita em família ideal, mas sim em família “real” com seus problemas e dificuldades.

Quando questionados sobre os planos do casal, Gabriel diz que o primeiro é ser feliz e acrescenta que eles querem fazer algumas reformas na casa que ainda precisa de alguns ajustes. Eles disseram que quando terminarem a reforma pretendem viajar mais. Falaram também do desejo de adoção, inicialmente Gabriel teve a idéia, mas eles esperam se estabilizar e estar com a casa arrumada e preparada para receber uma criança. Eles dizem se preocupar em poder oferecer boas condições para a criança, entretanto vêem esse plano à longo prazo, para anos adiante. Leandro acha que ser pai é uma “experiência humana bacana, poder criar, inserir um ser humano dentro da sociedade, ensinar valores”.

Relatam estar bastante ocupados com seus cotidianos, que não ficam planejando muito, mas sabem que *“as coisas vão acontecer, continuando a investir no relacionamento novidades surgirão ao longo da estrada”* diz Leandro. Gabriel imagina que ter filhos seria muito trabalhoso, considera-se impaciente e relatou que seguramente quem cuidaria mais do filho seria Leandro. Leandro contou que tem vários sobrinhos e que é muito apegado a eles, convive bastante e brinca com eles. Eles conversam sobre educação de filhos, discutindo às vezes sobre a criação dos sobrinhos, concordando ou discordando da forma como são educados. Dizem ter intenção de adotar uma criança maior, entre 8 e 10 anos, que precise mais de um lar, e imaginam que possa ser *“mais problemático de início, porque talvez já esteja imbuída dos preconceitos sociais, não querendo ser criada por dois homens..., mas acho que eu não me assustaria com isso..., acho que ela entenderia que é muito melhor ter esses pais do que não ter nenhum”* (fala de Leandro).

Desenho-estória da família de Leandro (Anexo VIII)

Título: “As delícias e os desafios de uma caminhada a dois”

Leandro “explicou” (como ele diz que prefere fazer) o desenho: dois homens e o coração representando a possibilidade da homossexualidade, a casa em uma comunidade com vizinhos próximos e natureza abundante. Gostaria de ter desenhado pessoas (mas diz que por falta de habilidades preferiu não desenhar) para mostrar que a relação deles não é clandestina, escondida. Desenhou um casal de crianças, para mostrar a possibilidade de adotar um filho ou dois, e um cachorro, por seu amor incondicional (referindo a natureza dos cães). Há também uma estrada para mostrar que um relacionamento é uma trajetória a ser percorrida e comenta os cinco anos como uma pequena parte dessa estrada já percorrida.

Desenho-estória da família de Gabriel (Anexo VIII)

Título: “Uma vida simples e humilde”

Gabriel mostrou-se mobilizado com o pedido e hesitou alguns minutos, justificando-se através da dificuldade de colocar no papel algo que supostamente seria tão dinâmico e quase impossível de se representar. Ele começa o desenho e diz que é muito difícil desenhar a família ideal *“não tem a família que eu gostaria de ter...porque cada dia vai transformando, cada dia vai desenvolvendo as idéias...”*

Ele diz que seu desenho representa uma vida simples e humilde, no interior, sem preocupações e competição (entre pessoas). A casa desenhada, ele enfatiza, que pertence às pessoas simples e humildes. Há também um balanço que o remete à sua infância, da possibilidade de se “*divertir sem nenhuma preocupação na cabeça*”. O local desenhado o relembra do sítio da família no interior, que foi comprado quando ele tinha dez anos e foi construído em conjunto pela família. Ele contou que ajudou a construir a casa desde o início, preparando a caixa de ferramentas, cavando algumas áreas, dentre outras tarefas. Não há figuras humanas no desenho, há pássaros no céu, uma árvore e plantinhas no solo.

Análise do encontro com o Casal 5

1. Observações da pesquisadora e aspectos transferenciais e contratransferenciais.

A entrevista foi marcada com Leandro, que confirmou a participação do casal com seu companheiro. A chegada da pesquisadora coincidiu com o momento da despedida do casal com a família de Gabriel, que estivera almoçando no local; dessa forma a pesquisadora foi apresentada ao pai, à avó e à irmã dele. Logo no início da conversa o casal quis falar sobre a visita da família, por ser um momento significativo para ambos, essa era a primeira vez que o pai (de Gabriel) viera até a casa deles e começava a aceitá-los como casal. Falou-se sobre o evento por aproximadamente 20 minutos, até que demos início à entrevista de fato.

Leandro mostrou-se dominador e ativo, tendo sido ele que tomou a iniciativa de participar da pesquisa, além de tomar a frente nas respostas e ter sempre algo a acrescentar quando o companheiro respondia, o que era mais difícil e quando ocorria era de forma bastante sucinta. Leandro parecia estar muito contente em participar da pesquisa, sentindo-se bastante à vontade. Já Gabriel mostrou-se mais incomodado e até desconfiado. Parece que houve uma transferência positiva com Leandro, ao passo que com Gabriel a atmosfera permaneceu mais tensa durante quase todo o encontro.

Leandro quis mostrar a casa para a pesquisadora, e se desculpou pela bagunça desta. Gabriel não nos acompanhou, permanecendo na sala. Parece haver uma relação paternal no casal, já que Leandro (o mais velho) age com mais autoridade e chega até a dar broncas no

parceiro, por exemplo, quando ele opta atender o celular que tocou durante a pesquisa. Gabriel parece assumir o lugar de um filho que retruca, mas aceita a autoridade do “marido-pai”, o que pode estar ligado à falta que ele sentiu de uma referência masculina desde que assumiu sua homossexualidade e seu pai deixou de falar com ele (o que ocorreu quando ele tinha 17 anos).

A casa pareceu bem estruturada e apesar de pouco organizada a pesquisadora teve a sensação de que havia uma família vivendo ali, diferente de algumas casas visitadas anteriormente que tinham “ar de república de estudantes”. O casal tem dois cães, que no início do encontro estiveram na área externa da casa, mas como latiam muito e faziam barulho (estavam acostumados a ficar no interior da casa) Leandro questionou a pesquisadora se poderia deixá-los entrar, ao que foi respondido positivamente. A postura de pesquisadora, aceitando e até brincando com os cachorros parece ter facilitado a abertura do casal para a entrevista, já que eles falaram da importância que dão para os animais, em especial para os cães, contando diversas histórias relativas a eles. Os cães eram ambos adotados, oriundos da rua.

A pesquisadora pôde notar o desejo de escuta de Leandro, que demonstrou interesse militante na colaboração da pesquisa. Entretanto, seu companheiro Gabriel pareceu desconfortável com a presença desta na casa deles. A pesquisadora parece ter mobilizado em Leandro uma projeção positiva por esta ser mulher, baseada em suas relações com outras figuras femininas significativas, como sua mãe. Já com Gabriel, a pesquisadora não sentiu a ocorrência de uma projeção positiva, pois ele manteve uma postura bastante resistente durante o encontro. Contra-transferencialmente, a pesquisadora sentiu-se bastante confortável com Leandro, que lhe conferiu a sensação de confiança e bem-estar na situação. Com Gabriel, a pesquisadora sentiu-se receosa, cautelosa com a resistência apresentada por ele, fazendo com que não o questionasse muito evitando causar desconforto.

O encontro foi percebido como satisfatório, para a pesquisadora pela riqueza de dados e sensações ocorridas durante o mesmo, e para o casal que teve a oportunidade de retomar sua história, legitimando-a através de uma escuta profissional na figura da pesquisadora/psicóloga. Ao final da entrevista, Leandro disse que o encontro fora instigante e mostrou-se interessado em ter acesso ao trabalho e ofereceu ajuda em caso de necessidade. Gabriel mostrou-se aliviado e ao despedir-se declarou ter gostado do contato.

2. Família de Origem e Identidade Homossexual

A narrativa de Leandro acerca de sua família de origem teve um tom bastante nostálgico, ele pareceu gostar de poder recontar sua história e falar de sua infância e adolescência. Contou com bastante orgulho todo o processo de assunção de sua homossexualidade e como a família foi se inteirando do fato, sem que isso fosse falado diretamente, mas vivenciado.

Leandro pareceu tomado de um sentimento de altivez ao falar de sua família, contando de sua criação e da relação atual com a família, que sempre primaram por relacionamentos próximos, citando as refeições que, com frequência, servem de motivo para reunir a família. Ele vem de uma família italiana típica e conservadora, tem seis irmãos e relatou que a educação em sua casa sempre foi bastante liberal. Ele falou de sua mãe com bastante carinho, contando que ela sempre foi a “*cuidadora*”: dos filhos, do marido e do lar. Seu pai foi descrito como trabalhador que passava pouco tempo em casa, e por longo tempo sentiu-se incompreendido por este, o que mudou quando Leandro descobriu seu pai com outros olhos. Ele relatou que foi na sua juventude que começou a dar-se conta da sabedoria que tinha seu pai, e com a descoberta da homossexualidade de seu filho reagira de forma sensata e sem nenhum repúdio, o que abriu-lhe o coração para poder relacionar-se com seu pai sem reservas. Ocorreu um processo de identificação projetiva com o pai nesse momento, em que Leandro começa a se dar conta de que seu pai tem qualidades, e o aprecia também. Sobre seus irmãos, ele contou que tem boa relação com eles também e que mantêm uma relação próxima. Citou que recentemente sua irmã chamou o casal para comer uma pizza em sua casa e que valoriza muito essa amizade fraterna.

Gabriel falou pouco de sua família de origem e centrou-se no tema da não-aceitação de sua homossexualidade por parte do pai, motivo que o levou a sair de casa tão cedo (aos 20 anos). Ele relatou ter contado de sua homossexualidade para sua mãe quando tinha 17 anos, o que indica a proximidade maior que tem com esta, e que ela levou um tempo até aceitar a idéia, mas jamais o repudiou por isso. Ele diz que sua relação com o pai é quase nula desde que ele descobriu a homossexualidade do filho, há aproximadamente cinco anos, e que somente agora ele voltou a se aproximar do filho. A dificuldade do pai em aceitar a homossexualidade de Gabriel parece estar pautada em uma homofobia internalizada bastante arraigada, que resultou no corte de relação pai-filho por um período de cinco anos.

3. Desenhos, Idealizações e Imaginários Familiares

Leandro representou em seu DF-E o casal, em um bairro com muitas casinhas ao redor que simbolizam os vizinhos, um casal de filhos e um cachorro. Ele se divertiu desenhando e pode expressar seu desejo de legitimação de sua relação, ao enfatizar que sua vida conjugal é reconhecida pela comunidade e vizinhos. O título do desenho, “As delícias e os desafios de uma caminhada a dois”, refere-se ao desejo que ele tem de que essa relação evolua e venham os filhos, a estabilidade material (com a casa em um bairro arborizado), o que também pode ser percebido pela estrada desenhada no lado direito do casal, indicando o futuro.

Gabriel mostrou-se bastante mobilizado diante do pedido do desenho, relutou em dar início e justificou-se dizendo que a família é algo muito dinâmico e, portanto, difícil de colocar no papel. Ele desenhou a casa de campo que ele e sua família de origem construíram quando ele era criança. Ele não desenhou nenhuma figura humana, o que indica sua dificuldade em representar a família que gostaria de ter, pois ele acaba fugindo do tema e retornando à sua família de origem. A escolha que ele fez demonstra o quanto ele ainda está ligado com essa família, que representa para ele segurança, simplicidade e humildade. Parece que o fato de sua família ainda não ter aceito completamente sua escolha sexual não lhe permite sequer imaginar a família que ele gostaria de ter. O título dado ao DF-E é: “Uma vida simples e humilde” e ele desenhou um balanço que remete à sua infância, faz referência a momentos sem preocupações. O desenho é infantilizado, além de remeter à infância de Gabriel, momento tido por ele como de diversão e despreocupação.

4. Conjugalidade

O casal mostrou-se próximo e de funcionamento complementar. Enquanto Leandro atua como pai, Gabriel aceita o lugar de filho, o que também está relacionado com a diferença de idade entre eles (25 anos). A relação conjugal parece pautada na manutenção da idealização do início do namoro, o que pode ser percebido pela ênfase dada nas histórias contadas por eles acerca do processo de conquista no início do relacionamento, como o episódio da entrega da chave da casa de Leandro para Gabriel ou o carregamento de créditos no celular de Leandro feito por Gabriel como uma surpresa para eles poderem se comunicar.

Durante a entrevista, o casal aparentou ter encontrado um jeito de interagir que lhes agrada. Leandro, no papel de dominador e ativo toma iniciativa em diversos momentos, chamando a atenção de seu companheiro (em tom de bronca), ora por ele atender o celular

durante o encontro, ora pedindo que ele falasse mais ou explicasse algo. Gabriel assumindo um lugar mais passivo, aceitando as cobranças e colocando-se no lugar quase de filho de Leandro.

5. Representação Parental

A representação parental de Leandro ligada à sua família de origem parece fortemente pautada na maternagem, em específico no cuidado que sua mãe teve com os filhos. Leandro identifica-se e projeta seu desejo de ser pai com base em sua vivência com sua família, ele aproxima-se da mãe inclusive pelo fato de ser ele o que fica mais em casa e, portanto, seria ele que assumiria o papel materno.

Gabriel parece estar muito ligado à sua família de origem, e pelo fato de ainda não ter resolvido seu conflito homossexualidade e família de origem (ainda em processo de aceitação) não está pronto para deixar seu lugar de filho. Ele chega a dizer que não leva muito jeito com crianças e que se um dia tiverem, Leandro será o maior responsável, declarando sua indisponibilidade psíquica para se tornar pai.

Análise geral: Os cinco casos.

1. Observações da pesquisadora e aspectos transferenciais e contratransferenciais

As entrevistas realizadas com os cinco casais tiveram em sua maioria (oito participantes) o suporte do estabelecimento de uma transferência positiva, pautada em relações de confiança com figuras femininas (em geral as mães). O desejo de ser ouvido, aliado ao de legitimar sua história pôde ser encontrado nos participantes, que ao final do encontro demonstraram ter aproveitado e gostado da experiência. A entrevistadora percebeu uma atmosfera de maior desconfiança durante a entrevista e apenas dois participantes: Breno e Gabriel. Notou-se que o sentimento de homofobia internalizado e/ou a não resolução do

conflito acerca de sua própria homossexualidade e a falta de aceitação da família pode ter influenciado e criado resistências para a possibilidade de confiança e transferência positiva com a pesquisadora.

2. Família de Origem e Identidade Homossexual

O discurso acerca de suas famílias de origem esteve permeado integralmente pelo tema da assunção de suas homossexualidades, como se deu o processo de aceitação das famílias e conseqüente resolução individual no que refere à suas identidades como homossexuais.

Diante da pergunta feita pela pesquisadora “Como são suas famílias de origem”, os participantes responderam sob o vértice da homossexualidade, ou seja: os participantes (em sua totalidade) começavam contando como foi a assunção e/ou descoberta da homossexualidade dentro da família, os efeitos que isso teve e como influenciou nas relações dentro do grupo familiar.

Uma forte ligação com as mães pôde ser notada (em 7 dos 10 participantes), através do relato de grande intimidade e identificação com as figuras maternas, demonstrando que compartilharam mais com estas e, inclusive, que contaram de suas homossexualidades primeiramente para a mãe e que foram aceitos mais rapidamente (o total deles) por elas. Os pais foram relatados como figuras ausentes (pela metade dos participantes), seja porque trabalhavam fora e participavam menos das atividades do lar ou mesmo por conta de separações parentais (4 dos 10 participantes). O discurso da maioria dos entrevistados denota a dificuldade de aceitação da homossexualidade dos filhos pelos pais, o que pode ser entendido como um ataque à virilidade destes últimos.

Todos os casais falaram sobre a convivência ou a falta desta, com as famílias de origem, e demonstraram como isso afeta suas vidas. Eles enfatizaram sobre a demora das famílias na aceitação da condição da homossexualidade do filho e do casal homoafetivo, bem como, do conseqüente sofrimento causado pela recusa de convívio, comum logo no início da descoberta. Dos dez participantes, há apenas um que ainda sofre com a não aceitação de sua família. De forma geral o que pôde ser percebido na pesquisa com os cinco casais, com exceção do casal 3, é que os colaboradores puderam assumir suas homossexualidades mais abertamente para a família e sociedade ao mesmo tempo da assunção da relação conjugal atual, que tem uma média de 2,5 de união estável para os entrevistados nesta. Este fato indica

que os colaboradores se encontram em um momento de construção de uma conjugalidade, que se dá concomitante ao processo de aceitação em suas famílias de origem.

3. Desenhos, Idealizações e Imaginários Familiares

Diante do pedido da pesquisadora para que desenhassem a família que gostariam de ter, os participantes desenharam a família homoparental, incluindo-se como casal, com exceção de apenas um dos participantes (Gabriel). Ele desenhou uma casa de campo que pertence à família de origem, notou-se a ausência da representação da figura humana, tal a sua dificuldade em representar a família. É importante notar que a realização do DF-E em conjunto (casal) sofre interferência da entrevista recém terminada e dos conteúdos que foram mobilizados, em especial acerca dos temas: famílias de origem e a questão da parentalidade.

Observou-se nos DF-Es a representação gráfica infantilizada, o que pode ser resultado da mobilização interna causada pela rememoração da infância e da retomada dos sentimentos de filiação, levando à uma certa regressão ao desenhar a família, atualizando vivências de suas infâncias, como o DF-E de Gabriel que não tem figuras humanas, pois remete à sua infância, e o de Carlos que incluiu em seu DF-E a família de origem.

Nota-se o apego às famílias de origem para se assumirem e também diante da sociedade, que parece formar a ponte fundamental para o processo de elaboração de uma nova subjetividade, aqui a homossexual. Parece que os homossexuais podem conceber-se formando uma família e tendo filhos somente a partir da aceitação e apoio de seus antecessores. Foi encontrado nos casais entrevistados o desejo de constituir uma família com ou sem filhos, de pertencer a um grupo, confirmando a importância do pertencimento ao fazer parte de uma prática socialmente aceita e valorizada, garantindo a auto-estima dos indivíduos no espaço plural.

Dois DF-Es em especial mostram a ligação bastante forte dos participantes com as figuras da família de origem, ora representando o pai como fantasma (João), ora representando toda a família de origem como parte dessa família atual (Carlos). O discurso dos participantes também nos fornece material para pensar como esses casais/indivíduos têm dificuldade em constituir uma família, seja pela dificuldade da conciliação da homossexualidade com a parentalidade, como algo sem precedentes e da qual faltam modelos, seja porque não puderam ser aceitos em sua completude (integrando suas homossexualidades)

pela família, permitindo assim a elaboração de suas subjetividades e até conceberem-se como pais, podendo deixar seus lugares de filhos.

4. Conjugalidade

Notou-se nos casais entrevistados (cinco) dois fatores importantes que devem ser considerados neste estudo: o namoro e a coabitação “precoce” dos casais homossexuais masculinos. O que quer dizer que os casais revelaram em suas histórias conjugais o início de um namoro após breve período de se conhecerem (em média menor de seis meses) e a coabitação também depois de curto tempo de namoro (em média menos de um ano de namoro). “Precoce”, pois o tempo para envolver-se em um namoro e posterior coabitação acontece em curto espaço de tempo, o que faz com que os casais entrevistados (quatro de cinco) estejam em momento de construção de uma conjugalidade, já que a coabitação veio quase junto com o momento inicial do relacionamento; ou melhor, esses casais em união estável têm pouco tempo de vivência conjugal de fato.

De forma geral, os casais apresentam um tipo de funcionamento complementar, em que um exerce papel mais ativo e outro mais passivo (o que pode ser percebido pela forma de posicionar-se durante a entrevista, assim como pelas histórias contadas do casal e a forma como dividem atividades da casa). O modelo heteronormativo parece prevalecer como referência para eles, que relataram que, na falta de um parâmetro mais próximo de suas realidades, buscam construir um novo com base no já conhecido, o modelo de relacionamento heterossexual.

5. Representação Parental

A representação parental dos casais entrevistados surgiu em seus discursos muito ligada às famílias de origem, mais do que visando a parentalidade futura. Discursivamente, o desejo de exercer a parentalidade apareceu como plano real através da adoção apenas em dois casais (casal 2 e 5). Apareceu como um plano distante em outros dois casais (casal 1 e 4), possivelmente devido ao despreparo para a parentalidade frente à outros conflitos ainda em aberto, como da falta de aceitação familiar. Não apareceu no casal 3, o que pode ser explicado pelo fato de Breno já ter tido a experiência parental em sua vida. Apesar disso os DF-Es de cinco participantes trouxeram a presença de filhos adotivos (casal 1, 2 e Leandro do casal 5).

O discurso acerca das famílias esteve bastante envolto no tema da homossexualidade e no processo de aceitação dos filhos como homossexuais. O tema da homossexualidade e aceitação familiar apareceu com grande importância para os participantes, por isso pouco se falou da dinâmica relacional do casal e da possibilidade da parentalidade.

Os participantes também puderam dizer o quanto idealizam suas atuações como pais, imaginando poder reparar os erros/faltas de seus próprios pais, enfatizando a educação livre de preconceitos. Suas representações parentais parecem estar tecidas especialmente com base no negativo, naquilo que permaneceu como falta. Seus discursos acerca de como imaginam exercer a parentalidade, principalmente daqueles que a desejam, encontram-se cerceados pelo desejo de reparar uma parentalidade sentida como insuficiente no que diz respeito especialmente à proximidade afetiva. Chamamos esse desejo de uma “parentalidade reparatória” (termo criado pela autora), na fantasia de poder reparar as faltas que sofreram por meio da atualização do próprio exercício parental.

Considerações Finais

O objetivo desta pesquisa foi o de investigar a representação parental de casais homossexuais masculinos, explorando as relações que estes tiveram com seus pais e avós, a influência destas sobre suas imagens de família, além da busca de motivações conscientes e inconscientes para o desejo de ter filhos ou ausência deste. E para aqueles que declararam o desejo de serem pais, buscou-se compreender o imaginário dessa atuação.

A teoria psicanalítica, servindo de base para o processo investigativo, permitiu que o delineamento da pesquisa fosse alcançado segundo o movimento empreendido pelos sujeitos. O material coletado nos forneceu uma enorme riqueza de dados, pois combinado ao discurso manifesto/consciente dos colaboradores, pudemos contar com a técnica projetiva do DF-E, que facilitou o aparecimento de conteúdos latentes/inconscientes a serem explorados. Os dados encontrados não foram de encontro ao que era tido como hipótese levantada, contudo possibilitou acrescer e explorar questões para além do inicialmente proposto.

O encontro com os casais favoreceu que experiências passadas fossem revividas e até mesmo tornadas conscientes. A possibilidade de entrevistar de forma semi-dirigida e aplicar o DF-E nos casais despertou transferências, assim como, resistências, reativando conflitos e explorando a dinâmica conjugal dos cônjuges ali presentes. Com a maior parte dos participantes foi possível o estabelecimento de uma transferência positiva, o que funcionou como facilitadora no momento de compartilhamento de suas histórias pessoais e conjugais. Conteúdos de ordem individual mesclaram-se com os de ordem conjugal, trazendo à tona conflitos intra e inter psíquicos, com a presença de mecanismos de defesa, tais como projeção, identificação projetiva, negação, racionalização, dentre outros. Os elementos trazidos pelos sujeitos permitiram vislumbres do tipo de funcionamento conjugal e intrapsíquico, tornando possível pensar na especificidade do casal homossexual, especialmente sob o vértice familiar.

A análise do conteúdo permitiu uma aproximação da complexidade envolta no tema da homossexualidade masculina e a parentalidade: a pesquisa esteve pautada na hipótese de que casais com mais de dois anos de união estável desejariam ter filhos, o que não foi o encontrado. Os resultados mais significativos nos levam de volta ao ponto nodal que é a família de origem, da aceitação e/ou falta desta, e na derradeira elaboração psíquica de uma identidade homossexual. Foi percebida uma forte ligação, por vezes inconsciente, com as

famílias de origem, onde a falta de aceitação destas atrapalha e às vezes até impede a elaboração de uma identidade homossexual. Os DF-Es confirmam o entrave psíquico ligado às famílias de origem dos participantes, quando trazem em suas produções elementos significativos, por exemplo: a sombra do pai (caso João), ou mesmo a representação de toda a família de origem como parte constituinte da família atual (caso Carlos).

Torna-se imprescindível pensar a questão da homossexualidade e da forte influência das famílias de origem em suas subjetividades, como a primeira luta a ser vencida e superada a fim de que eles possam se constituir como sujeitos de desejo e, então, poder pensar na parentalidade. A dificuldade de separar-se das famílias de origem (ligado ao conflito da aceitação) apareceu como um empecilho na elaboração identitária.

Os casais homossexuais mostraram primeiramente que a concepção de união estável criada com base no modelo *heteronormativo* tem outro valor, já que de forma generalizada, eles tendem a mergulhar em relacionamentos compromissados (namoro e coabitação) em curto espaço de tempo, o que parece estar ligado ao desejo de encontrar apoio em outro igual, já que usualmente este não provem de suas famílias.

No que refere a conjugalidade dos casais entrevistados, o que se encontrou foram casais presos aos modelos *heteronormativos* ou com apego ao modelo heterossexual (o conhecido deles), de seus pais, parentes e sociedade em geral. Isso pôde ser percebido através de falas sobre divisão de tarefas, na posição de complementaridade existente na dinâmica relacional do casal, e até mesmo por meio dos DF-Es que representavam a distinção dos papéis materno e paterno. A construção de um novo modelo conjugal para os casais da pesquisa está ligado aos referenciais de gênero, por exemplo: quando eles distinguem as atividades da casa como femininas/masculinas. Eles buscam (declaram em seu discurso) sua singularidade, tentando exercitar maior flexibilidade de poder, entretanto parecem sempre retornar ao velho modelo *heteronormativo*.

Há uma enorme importância dada às famílias pelos indivíduos, em especial aos pais e uma ligação marcante com as mães. A surpresa das famílias diante da descoberta ou notícia da homossexualidade dos filhos vem carregada de preconceito, resultando com frequência no rompimento de laços (com o pai isso é mais comum). E quanto aos efeitos que tem na psique o processo doloroso da assunção homossexual nos dias de hoje? no qual as famílias rechaçam seus filhos e lhes incutem um longo e complexo processo de elaboração identitária, buscando sempre maneiras de compensar e superar o preconceito e falta de apoio. O processo relatado

pelos participantes de reconstrução dessas relações e laços familiares deixa marcas e permeia a vivência da homossexualidade no relacionamento conjugal.

Apesar da pergunta acerca da família de origem não mencionar o tema da homossexualidade e sua assunção, este permeia toda a entrevista e parece que só foi possível pensar a família a partir de tal desdobramento. A elaboração do conflito identitário vivenciado pelos homossexuais quando de suas assunções tem um peso muito grande e ocupa um espaço considerável na psique desses participantes. Para falar de suas famílias, a maior parte deles partiu da questão da assunção, pontuando as dificuldades vividas, como o sofrimento em não ser aceito e o preconceito experimentado dentro e fora de casa.

Sobre o desejo de se tornar pai, dirigida aos casais em geral no final da entrevista, parece que despertou fantasias e fez alguns deles permitirem-se sonhar e falar sobre tal assunto. Sabe-se que a parentalidade auxilia o indivíduo na luta contra a pulsão de morte e propicia um sentimento de continuidade existencial, entretanto poder planejar a parentalidade envolve a resolução interna de deixar o lugar de filho para ocupar o de pai/mãe.

A parentalidade não apareceu como um desejo concreto no discurso dos casais, apesar de ter sido declarada por quatro dos cinco casais. O imaginário parental parece estar alicerçado, todavia, na vivência que eles tiveram em suas casas, com os seus próprios pais e as dívidas não resolvidas os impedem de deixar seus lugares de filho, de assumir a responsabilidade por um filho, e também de engolir essa nova forma familiar que ainda parece muito indigesta: a homoparentalidade.

As razões, as motivações conscientes e inconscientes do não-desejo parecem ter surgido num emaranhado confuso de modelos, de discursos e possibilidades de ser, refletindo um tipo de constituição psíquica, nas quais suas subjetividades não encontram eco no mundo para poder elaborar seus conflitos internos. A pergunta que permanece é a seguinte: esses homossexuais estariam de fato preparados para se tornarem pais? E aqueles que se declaram não desejosos de tal vivência?

Como pontua Levinzon (2006), o desejo de ter filhos surge como parte da evolução normal do processo edipiano, no qual há a identificação do filho com o genitor do mesmo sexo, por meio da possibilidade de exercício do papel semelhante ao dele. Diante da acentuada identificação com a mãe, somado a um conflito relacionado com o desabrochar da homossexualidade do filho dentro da família, e ainda a figura de um pai que com frequência aparece desobjetalizado, a possibilidade de fazer a escolha consciente de exercer a

parentalidade aparece então repleta de entraves psíquicos, somado a censura ou veto consciente familiar e social.

Apesar disso, é interessante refletir acerca do discurso manifesto dos participantes, dos que relataram desejar se tornar pai um dia, referindo com veemência uma *parentalidade reparatória*, ou seja: o desejo de suprir as faltas que sentiram como filhos através da possível vivência parental futura. Indo de encontro aos autores Silva Futino e Martins (2004), apareceu como expectativas dos pais homossexuais em relação ao futuro: o desejo de felicidade e aprendizado da tolerância até a heterossexualidade do filho.

A singularidade encontrada na homossexualidade esta ligada ao preconceito sofrido pelos participantes, em especial como filhos diante da assunção de sua sexualidade e relacionamento conjugal, e o efeito negativo que tem a resistência desses pais em aceitar esse diferente, nas subjetividades deles. A falta de apoio, o estremecimento dos laços familiares diante da homossexualidade parece ter sido o elemento fundamental na constituição de um sentimento turvo e complexo com relação à possibilidade de exercício da parentalidade. A decisão pela parentalidade é, por vezes, resultado de uma maturidade individual e conjugal, como parte de uma série de projetos do casal. Os casais entrevistados vivem ainda a construção de uma conjugalidade concomitantemente com o processo de aceitação (principalmente por parte da família) e elaboração identitária como homossexual.

Esses (possíveis) futuros pais estão implicados à referência de seus próprios pais, ou seja: à representação investigada nesta pesquisa. O acesso à parentalidade supõe além da perda de sua posição de filho, a reativação da identificação destes com suas figuras parentais. A permuta simbólica de lugares, como organizadora da transmissão/sucessão geracional não é entrave para os casais homossexuais, mas ocorre de forma similar (Ducousso-Lacasse e Grihom, 2010). Os estudos sobre homoparentalidade mostram que a orientação sexual não é um obstáculo ao trabalho psíquico indispensável para a renúncia da posição de filho. Entretanto, há um fator singular: esse processo de permuta ocorre de forma muito distinta, pois se por um lado o individuo precisa ser re-aceito como filho para poder pensar em deixar esse lugar (de filho), com a chegada dos netos esses pais muitas vezes flexibilizam-se e aceitam (mesmo que com reservas e de forma prematura para seus psiquismos) a família homoparental.

Conclui-se assim que a falta de elaboração da questão homossexual (identitária e familiar/social) impede que cheguem à parentalidade, pois estão muito presos à suas famílias de origem, com questões e conflitos a resolver. Isso não quer dizer que no futuro estes

mesmos colaboradores não terão chances de desejar se tornar pais e até tornarem-se, mas que no dado momento seus psiquismos se ocupam com outras prioridades, como por exemplo: com o complexo processo de construção inventiva de uma identidade, de uma relação conjugal, de uma família e por fim fazer parte de uma sociedade usufruindo de sua legislação.

Com os dados da recente pesquisa cabe pontuar que o papel da família, e mais especificamente da parentalidade tem uma influência direta e enorme na constituição psíquica e das subjetividades, não só infantil, mas também adulta, já que essa se estrutura e relaciona-se com a infância. Dessa forma enfatiza-se o vínculo como fator chave nas relações familiares e consequentemente na saúde psíquica de cada ser humano.

Atualmente vêm-se atentando ao contexto mais amplo de transformações familiares, e sua relação com as representações e práticas sociais relativas a esta. A expansão de fenômenos como o divórcio, a monoparentalidade, as uniões estáveis, as famílias recompostas e os casais sem filhos são expressões concretas de que a família no Brasil de hoje não é mais a mesma de poucas décadas atrás (Mello, 2005). Com isso, cabe dizer que o casal com ou sem filhos é hoje também considerado família, e o casal homossexual vive um momento de experimentação, no qual ele busca constituir uma forma de ser essa família homoafetiva, sem precedentes na história já que no Brasil seu reconhecimento legal e social é recente.

É um desafio para a psicanálise poder pensar a realidade das experiências homoparentais, do ponto de vista teórico e prático. Qualquer que seja a idade, o sexo, a orientação sexual ou condição social, todos desejam uma família, o pertencimento (Roudinesco, 2003). A construção dessa nova família, a homoparental, em todo seu cenário, acontece como um processo lento, gradual, recheado de expectativas e cautelas (Manzi-Oliveira, 2009). O decretado desejo pela adoção por parte de alguns participantes aponta a tentativa de formar uma família, sob o modelo tradicional de família na qual sem filhos não se constitui família. O caminho que irão trilhar para a parentalidade deve ser visitado pela psicanálise a fim de fornecermos ferramentas para pensar, refletir e compreender as vicissitudes da família nos dias de hoje.

Reitera-se a necessidade de se encontrar referências para construção de uma concepção de família, sem negar suas diferentes formas de expressão (Passos, 2007). Em momento de tantas transformações, a busca de referenciais que dêem conta da realidade da família é imprescindível. Há um grito que preza pela libertação da égide do biológico presente no ideário da família tradicional, é preciso reconhecer o vínculo como fator chave nas

relações familiares, permitindo à família funcionar como dispositivo de continência psíquica, além de envolver a criação de laços inconscientes e transmissão psíquica (Benghozi, 2010).

Sugere-se, portanto, a ênfase no vínculo filiativo como base na construção desse novo modelo relacional, conjugal, familiar, parental. Com isso, pretende-se facilitar a compreensão dos processos de subjetivação que decorrem de distintas maneiras em se constituir vínculos.

Diante dos resultados e reflexões acima, conclui-se que os casais homossexuais necessitam primeiramente que a sociedade entenda o papel da família como facilitador no processo de assunção e conseqüente elaboração de uma identidade homossexual; para que dessa maneira possamos auxiliar essas mesmas famílias a lidar com tais questões.

O tema da homoparentalidade causa ainda muitos questionamentos e reservas, e diante de um sem-número de questionamentos nos cabe estudar e pesquisar a fim de fornecer respaldo teórico às novas formas de constituir família e parentalidade. Que os estudos seguintes possam dar continuidade ao estabelecimento de uma relação produtiva entre a psicanálise e as novas formas de construção de gênero e parentalidade na cultura contemporânea (Arán, 2009), em que as alteridades ultrapassem os limites do simbólico e da própria teoria psicanalítica, sendo cada indivíduo aceito em sua singularidade, para além das definições prescritas da heteronormatividade.

Encerra-se esta pesquisa com a crença de que traçamos um pequeno caminho na infindável construção do saber científico, e com a esperança de que a partir daqui desdobrem-se outras e assim sucessivamente, para que possamos auxiliar a sociedade no contínuo processo de reinvenção dos modos de ser e de se relacionar.

Referencias Bibliográficas

Amazonas, M. C. L. A. & Braga, M. G. R. (2006). Reflexões acerca das novas formas de parentalidade e suas possíveis vicissitudes culturais e subjetivas. *Ágora* (Rio J.) 9, (2) ISSN 1516-1498.

Arán, M. (2010). Políticas do desejo na atualidade: a psicanálise e a homoparentalidade. In: *Sexualidades*. Org. Maria Regina Prata. Rio de Janeiro: Contracapa.

Arán, M. (2009). A psicanálise e o dispositivo diferença sexual. *Rev. Estudos Feministas*., Florianópolis, 17, (3), Dec.

Arán, M. (2005). Políticas do desejo na atualidade: o reconhecimento social e jurídico do casal homossexual. *Estudos de Mídia, Cultura e Democracia*, (21-22), 73-90.

Araújo, M. F. (2005). Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. *Psicol. clin.*, 17, (2), 41-52.

Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família*. Editora Guanabara: Rio de Janeiro.

Benghozi, P. (2010). *Malhagem, filiação e afiliação. Psicanálise dos vínculos: casal, família, grupo, instituição e campo social*. Tradução Eunice Dutran Galery, 1 ed. São Paulo: Editora Vetor.

Berenstein, I. (2007). *Del ser al hacer*. Editora Paidós: Buenos Aires.

Berenstein, I., & Puget, J. (1997). *Lo vincular. Clínica y técnica psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós.

Borges, C. C. & Coutinho, M. L. R. (2005). Família e Relações intergeracionais no Brasil hoje: Novas configurações, crises, conflitos e ambigüidades. In: *Família: diagnóstico e abordagens terapêuticas*. Coordenação Isabel Cristina Gomes. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Bourdieu, P. (1996). O espírito da família. In Bourdieu, P. (1996). *Razões Práticas*. Campinas: Papirus, 124-135.

Brasil. (1989). *Estatuto da criança e do adolescente*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, (193).

Butler, J. (2003a). O parentesco é sempre tido como heterossexual? *Cad. Pagu*, (21), 219-260.

Butler, J. (2003b). *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Carrasco, A. M. (2010). Adoção homoparental. In: *Homoparentalidades: Nuevas familias*. Eva Rotenberg & Beatriz Agrest Wainer (organizadoras). Lugar Editorial: Buenos Aires, 2a. edicion.

Correa, O. B. R. (2003). *Transmissão psíquica entre as gerações*. *Psicol. USP*. 2003, 14, (3), 35-45.

Costa, R. G. (2002). Reprodução e gênero: paternidade, masculinidades e teorias da concepção. *Revista Estudos Feministas*, (10), 339-356.

Diniz, A. G. R. & Borges, C. M. (2007). Possíveis interlocuções entre parentesco e identidade sexual: paternidade vivenciada por homens homo/bissexuais. In Grossi, M. P.; Uziel, A. P.; Mello, L. (Orgs.). (2007). *Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 430 p.

Dubreuil, É. (1998). *Des parents de même sexe*. Paris: Odile Jacob.

Ducousso-Lacaze, A. e Grihom, M. (2010). Homoparentalité apports d'une approche psychanalytique. In: *Le divan familial - Revue de thérapie familiale psychanalytique*, (25). Paris: In Press Éditions.

Eiguer, A. (2010). Homoparentalidades, afiliación y vínculo filial. In: *Homoparentalidades: Nuevas familias*. Eva Rotenberg & Beatriz Agrest Wainer (organizadoras). Lugar Editorial: Buenos Aires, 2010, 2a. edicion.

Eugenio, F. (2003). *De pais, mães e filhos: discursos e reivindicações da homoparentalidade*. Tese de Doutorado em Antropologia. UFRJ.

Farias, M. O e Maia, A. C. B. (2009). *Adoção por homossexuais: a família homoparental sob o olhar da psicologia jurídica*. Curitiba: Editora Juruá.

Féres-Carneiro, T. (2009). *Casal e família: Permanências e rupturas*. Rio de Janeiro: Casa do Psicólogo.

Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: reflexão e crítica*, Porto Alegre 11, (2), 379-394.

Figueira, S.A. (1986). *Uma Nova Família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Fiorini, L. G. (2010). Reflexiones sobre La homoparentalidad: Parentalidad em parejas homossexuales. In: *Homoparentalidades: Nuevas familias*. Eva Rotenberg e Beatriz Agrest Wainer (organizadoras). Lugar Editorial, Buenos Aires, 2010, 2a. edicion.

Fonseca, C. (2008). Homoparentalidade: novas luzes sobre o parentesco. *Revista Estudos Feministas*, 16, (3), 769-783.

Freud, S. (1914/2004). "À guisa de introdução ao narcisismo", In: *Obras completas de Sigmund Freud. Escritos sobre a psicologia do inconsciente - 1911-1915*, Rio de Janeiro: Imago, 1, 97-131.

Garbar, C. & Theodore, F. (2000). *Família Mosaico*. São Paulo: Augustus Editora.

Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade*. 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP.

Gomes, I. C. & Paiva, M. L. S. C. (2003). Casamento e família no século XXI: possibilidade de holding? *Psicol. estud.*, 8, 3-9.

Gomes, P. B. & Porchat, I. (2006). *Psicoterapia do casal*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Gomes, I. C. & Zanetti, S. (2009). Transmissão psíquica transgeracional e construção de subjetividade: relato de uma psicoterapia psicanalítica vincular. *Psicol. USP* 20, (1) São Paulo, 93-108.

Grossi, M. P. (2003). Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil. *Cadernos Pagu*, (21), 261-280.

Kaës, R. (1998). Os dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração. In A. Eiguer, *A transmissão do psiquismo entre gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica*. São Paulo: Unimarco Editora. 5-19.

Lauriano, C. & Duarte, N. (2011). *Censo 2010 contabiliza mais de 60 mil casais homossexuais*. In: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/04/censo-2010-contabiliza-mais-de-60-mil-casais-homossexuais.html> acessado em 01/05/2011.

Levi-Strauss, C. (1982). *As estruturas elementares de parentesco*. 3a ed. Petrópolis: Editora Vozes.

Levinzon, G. K. (2006). A adoção na clínica psicanalítica: o trabalho com os pais adotivos. *Mudanças – Psicologia da saúde* 14, (1), 24-31.

Manzi-Oliveira, A. B. (2009). *Adoção por casais homoafetivos: Relato de seus protagonistas*. Monografia do programa optativo de Bacharelado em Psicologia, USP Ribeirão Preto.

Mattar, F. N. (2001). *Pesquisa de Marketing*. São Paulo: Atlas.

Mello, L. (2005). *Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond.

Modesto, E. (2007). *Vidas em arco-íris. Depoimentos sobre a homossexualidade*. Rio de Janeiro: Editora Record.

Moris, V. L. (2008). *Preciso te contar? – Paternidade homoafetiva e a revelação para os filhos*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Moscheta, M. S.; Santos, M. A. (2009). Relação conjugal homoafetiva: revolução ou acomodação? In: Cunha, M. V.; Pasian, S. R.; Romanelli, G. (Orgs). *Pesquisas em Psicologia: Múltiplas abordagens*. São Paulo: Vetor, 129-152.

Nunan, A. (2007). Influência do Preconceito Internalizado na Conjugalidade Homossexual Masculina. In: Grossi, M. P.; Uziel, A. P.; Mello, L. (Orgs.). *Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 430 p.

Passos, M. C. (2005). *Homoparentalidade: uma entre outras formas de ser família*. *Psicol. clin.*, 17, (2), 31-40.

Passos, M. C. (2007). A constituição dos laços na família em tempos de individualismo. *Mental*, Barbacena, 5, (9), Nov.

Perelson, S. (2005). A parentalidade homossexual: uma exposição do debate psicanalítico no cenário francês atual. *Rev. Estudos Feministas*, 14, (3), 709-730.

Piscitelli, A. (1997). Nas fronteiras do natural: gênero e parentesco. *Revista Estudos feministas*. Rio de Janeiro, 6, (2), 305-321.

Rios, M. G. (2007). *Casais sem filhos por opção: análise psicanalítica através de entrevistas e TAT*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade de São Paulo.

Rodriguez, B. C. & Paiva, M. L. S. C. (2009). Um estudo sobre o exercício da parentalidade em contexto homoparental. *Revista Vínculo*, Jun, 6, (1), 13-25.

Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Santos, C. (2004). *A parentalidade em famílias homossexuais com filhos: um estudo fenomenológico de vivências de gays e lésbicas*. Tese de Doutorado, FFCLPRP. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

Santos, D. (2011). *Supremo reconhece união estável de homossexuais*. In: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/05/supremo-reconhece-uniao-estavel-de-homossexuais.html> Acessado em 05/05/2011.

Sarti, C. A. (2005). “Deixarás pai e mãe” Notas sobre Levi-Strauss e a família. *Revista Antropológicas*, ano 9, 16, (1), 31-52.

Silva Futino, R. e Martins, S. (2006). Adoção por homossexuais: uma nova configuração familiar sob os olhares da psicologia e do direito. *Revista Aletheia*, 24, 149-159.

Simon, R. (1983). *Psicologia clínica preventiva; Novos Fundamentos*. São Paulo: Vetor.

Smola, A. (2010) *Homoparentalidades*. In: Homoparentalidades: Nuevas familias. Eva Rotenberg e Beatriz Agrest Wainer (organizadoras). Lugar Editorial, Buenos Aires, 2010, 2a. edicion.

Solis-Ponton, L. (org.) (2004). *Ser pai, ser mãe: parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. Silva, M.C.P. (revisão técnica da tradução). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Tarnovski, F. L. (2004). Homoparentalidade à brasileira: paternidade homossexual em contextos relacionais. *Boletín Del Proyecto Sexualidades Salud y Derechos Humanos En America Latina*, Chile, 8.

Tarnovski, F. L. (2002). *Pais assumidos: adoção e paternidade homossexual no Brasil contemporâneo*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-metodológica, discussão comparada e aplicação nas áreas de saúde e humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Trinca, W. (1997). *Formas de investigação clínica em psicologia: procedimento de desenhos com histórias*. São Paulo: Vetor.

Uziel, A. P. (2002). *Família e homossexualidade: velhas questões, novos problemas*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, IFCH, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Uziel, A. P. et al. (2006). Parentalidade e conjugalidade: aparições no movimento homossexual. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, 12, (26), 203-227.

Vitale, M. A. F. (1997). Socialização e família: uma análise intergeracional. In: Carvalho, M. C. B. *A família contemporânea em debate*. 2 ed. São Paulo: Educ/Cortez.

Zambrano, E. (2008). *Nós também somos família*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS.

Zambrano, E. (2007). Do privado ao público: a homoparentalidade na pauta do jornal Folha de São Paulo. In: Grossi, M. P.; Uziel, A. P.; Mello, L. (Orgs.). (2007). *Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis*. Rio de Janeiro: Garamond. 321-340.

Zambrano, E. (2006a). *O direito à homoparentalidade: cartilha sobre as famílias constituídas por pais homossexuais*. Porto Alegre: Vênus.

Zambrano, E. (2006b). Parentalidades "impensáveis": pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, 12, (26), 123-147.

Zanetti, S. A. S. & Gomes, I. C. (2009). A ausência do princípio de autoridade na família contemporânea brasileira. *Revista Psico (PUCRS. Online)*, Porto Alegre, 40, 194 - 201.

Winnicott, D. W. (1993). *A família e o desenvolvimento individual* 3a ed. SP: Martins Fontes, tradução: Marcelo Brandão Cipolla.

ANEXO I

Entrevista Semi-dirigida

1. Qual é a história de vocês, como casal?
2. Como é a relação entre vocês?
3. Como são suas famílias de origem?
4. Como vocês imaginam a família ideal?
5. Desejam ter filhos?
 - Se sim; Existe algum planejamento? Como vocês imaginam exercer os cuidados desse/s filho/s?
 - Se não; Por que?

A ordem de emergência dos temas foi determinada pelo fluxo de cada entrevista.

ANEXO II

Termo de Consentimento

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa de mestrado da Universidade de São Paulo.

A pesquisa se refere às transformações ocorridas na família e às novas possibilidades de vivenciar a parentalidade no contexto homoparental. A sua participação será através de uma entrevista realizada com a pesquisadora, que poderá ser feita em dois encontros, se necessário, ambos com no máximo três horas de duração. Esta pesquisa tem por objetivo investigar as representações parentais de casais homossexuais masculinos. A entrevista será gravada mediante sua autorização, através deste termo. Após a conclusão da pesquisa, esse material será armazenado pela própria pesquisadora, a qual se responsabilizará em garantir seu sigilo.

Informamos que a participação não é obrigatória, não haverá qualquer despesa para participar desta pesquisa, o consentimento poderá ser retirado a qualquer momento e com a liberdade de recusar a responder qualquer pergunta que o/a desagrade. Gostaríamos de ressaltar que o consentimento de participação para esta pesquisa fornecerá informações importantes para o avanço no campo das ciências em psicologia.

Declaramos, ainda, o nosso compromisso com o Código de Ética Profissional do Psicólogo assegurando que os dados coletados serão mantidos em sigilo, ou seja, a publicação não incluirá informações que permitam qualquer identificação.

Em caso de dúvidas, o(a) senhor(a) poderá solicitar informações com a responsável pela pesquisa- Brunella Carla Rodriguez (CRP 06/94062) - a qualquer momento, pelo endereço eletrônico brunellacarla@gmail.com; ou através do Comitê de Ética do IPUSP, localizado na Av. Prof. Mello Moraes, 1721, bloco G, sala 22, CEP 05508-030, Cidade Universitária, São Paulo – Telefone: 30970529, email: ceph.ip@usp.br. Respeitando, portanto, o procedimento de padrão ético em pesquisa, pedimos que autorize sua participação, assinando esse termo de consentimento. O participante receberá uma cópia deste termo.

Eu, _____
 _____ informado(a) dos objetivos da pesquisa acima e certificado(a) de que os dados coletados serão confidenciais e que poderei optar pela retirada do consentimento a qualquer momento desta, autorizo a participação de meus dados na pesquisa.

São Paulo, ____ de _____ de 20____.

Assinatura do Participante

Assinatura da Pesquisadora

ANEXO III

Convite para participação em pesquisa

Procuro, para uma entrevista, casais de homens homossexuais vivendo em união estável e sem filhos. A entrevista deve ser realizada na própria casa dos colaboradores e dura aproximadamente três horas. Trata-se de uma pesquisa que está sendo desenvolvida no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo que visa compreender a homoparentalidade.

Os interessados em contribuir com este estudo serão muito bem-vindos, e agradeço se puder entrar em contato comigo através do email brunellacarla@gmail.com.

Atenciosamente,

Brunella Carla Rodriguez

Psicóloga, Mestranda em Psicologia Clínica pelo IPUSP. Bolsista FAPESP.

ANEXO IV

DF-Es Casal 1

Desenho Enrique

Desenho Tiago

ANEXO V

DF-Es Casal 2

Desenho Roberto

Desenho Alex

ANEXO VI

DF-Es Casal 3

Desenho Breno

Desenho Carlos

ANEXO VIIDF-Es Casal 4

Desenho Danilo

Desenho João

ANEXO VIII**DF-Es Casal 5** **Desenho Gabriel** **Desenho Leandro**